

OS INDÍCIOS DE PRÉ-DISCURSOS NA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS SOBRE OS GRUPOS
MINORITÁRIOS

Lílian Pereira de Carvalho

SÃO CARLOS
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

OS INDÍCIOS DE PRÉ-DISCURSOS NA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS SOBRE
OS GRUPOS MINORITÁRIOS

LÍLIAN PEREIRA DE CARVALHO
Bolsista: Capes-PrInt (2020)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas

São Carlos - São Paulo -
Brasil
2023

Lilian, Pereira de Carvalho

OS INDÍCIOS DE PRÉ-DISCURSOS NA CONSTRUÇÃO
DE NARRATIVAS SOBRE OS GRUPOS MINORITÁRIOS /
Pereira de Carvalho Lilian -- 2023.
155f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Roberto Leiser Baronas

Banca Examinadora: Roberto Leiser Baronas, Ana
Carolina Nunes da Cunha Vilela-Ardenghi, Júlio Antônio
Bonatti Santos, Mariana Morales da Silva, Lígia Mara
Boin Menossi de Araujo

Bibliografia

1. Análise do Discurso. I. Lilian, Pereira de Carvalho. II.
Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado da candidata Lillian Pereira de Carvalho, realizada em 07/03/2023.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas (UFSCar)

Profa. Dra. Ana Carolina Nunes da Cunha Vilela-Ardenghi (UFMT)

Prof. Dr. Júlio Antônio Bonatti Santos (UV)

Profa. Dra. Mariana Moraes da Silva (UFSCar)

Profa. Dra. Lígia Mara Boin Menossi de Araujo (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à minha família que me apoiou em todos os momentos do doutorado. Sem eles a pesquisa, o período fora do Brasil e a escrita não aconteceriam. “Vá, e se não der certo, estamos aqui” sempre me motivaram a ir, sempre.

Este trabalho também não seria possível sem o professor Roberto Baronas que apoiou as minhas ideias e incentivou sempre a explorar e desbravar pelos mais recentes estudos discursivos e ver as práticas discursivas por um viés mais plural.

Nessa esteira, agradeço ao LEEDIM também tão diverso (metodologicamente, inclusive) e, do mesmo modo, pela oportunidade de dialogar por pontos de vista tão distintos. Quantos encontros incríveis tivemos, quantas discussões relevantes... Sou uma melhor pesquisadora por fazer parte desse grupo.

Agradeço à banca de defesa pela gentileza da leitura atenta e cuidadosa. Cada um de vocês tem um papel essencial para a conclusão deste trabalho e me ajudaram a ver a minha tese por tão diversas perspectivas.

Agradeço ao professor Johannes Angermuller pela recepção no Reino Unido, na *Open University* e pelo diálogo possibilitado durante e após o período do doutorado sanduíche. As oportunidades de conversa, de eventos em que discutimos meu trabalho, mudaram o rumo desta pesquisa e da forma de como me constituo como pesquisadora.

À CAPES, pelo financiamento do estágio doutoral no Reino Unido com a bolsa CAPES-PrInt, e pelo apoio durante o período que estive por lá. Sem esse fomento, esse período de pesquisa no Reino Unido não teria acontecido.

Ao mesmo tempo, sou muito grata à Pró Reitoria de Pós-graduação da UFSCar – PROPG – pelo empenho em enviar estudantes da UFSCar para realizar a pesquisa no exterior, tendo papel fundamental da internacionalização da instituição.

Ao PPGL, por todo apoio nesses anos de pós-graduação, que tanto me ajudou e me socorreu em todos os momentos.

Agradeço ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP – pela licença capacitação oferecida durante todos os anos de doutorado, possibilitando-me desenvolver pesquisa, ensino e extensão de forma remunerada, salientando a importância da pesquisa e reconhecendo que pesquisa também é trabalho.

E por último, às amigas e aos amigos, que foram importantes para a conclusão dessa etapa, sendo baitas interlocutores desse estudo, direta ou indiretamente, mas, acima de tudo, como apoiadores incríveis (da minha caminhada acadêmica e principalmente da/na vida). Cada um de vocês tem um papel fundamental.

...democracia, em seu sentido mais primário, isto é, o direito à diferença.
João Cezar de Castro Rocha

RESUMO

Os estudos das ciências humanas têm se voltado para a questão da disseminação rápida e contínua de notícias, especialmente sobre aquelas presentes no ambiente digital. Nos estudos discursivos percebemos que, frequentemente, tais discursos se apresentam por meio de gêneros do discurso jornalístico, o que lhes proporciona legitimidade, e nas quais podem circular muitas versões dos fatos tanto a partir de suas crenças e saberes como por meio de suas posições ideológicas. Isso posto, decidimos analisar como os locutores de determinados sites representam os grupos minoritários selecionados para esta pesquisa: mulheres, negros, comunidade LGBTQIAP+, imigrantes e indígenas. O corpus foi composto por notícias veiculadas em sites que se apresentam como portais de informação denunciados pelo movimento *Sleeping Giants* como propagadores de notícias falsas e discursos intolerantes, a saber: *Jornal da Cidade Online*, *Conexão Política*, *Brasil Sem Medo*, *Brasil Paralelo* e *Estudos Nacionais*. Para o recorte, realizamos filtros por meio das ferramentas de busca nos próprios sites a partir de termos que remeteriam a tais grupos. Inicialmente, discutimos a respeito da ideia de verdade e da pós-verdade e a posição do pesquisador em relação à verdade tanto da própria posição quanto do corpus (ANGERMULLER, 2018). Com a finalidade de descrever os sites e os referidos gêneros discursivos publicados no ambiente digital, mobilizamos a teoria da Análise do Discurso Digital (PAVEAU, 2021), tendo em vista as características do discurso nativo da web. A característica da ampliação nos permitiu refletir sobre a disseminação dessas notícias sobretudo por meio das redes sociais. Em seguida realizamos a descrição e interpretação dos dados, à luz da teoria dos pré-discursos, de Marie-Anne Paveau (2013), de modo a analisar os efeitos de sentido produzidos pelas anterioridades do discurso. As crenças e saberes contidos nos pré-discursos trouxeram elementos na materialidade que mostraram a posição desses sites em relação aos grupos minoritários. Verificamos a existência de uma construção da narrativa sobre *vilões versus heróis* por meio do que denominamos nesta tese como pré-discursos tradicionais, incontestáveis e contrastivos. Mediante esses pré-discursos, observamos a construção gradual dessa narrativa pelos sites, utilizando-se de estereótipos com atributos típicos de cada grupo (PAVEAU, 2013). Atribuiu-se aos grupos minoritários a característica de vilões em razão de suas práticas – consideradas transgressoras, criminosas e ludibrias. Os heróis, em vista disso, seriam os locutores que se posicionam contra esses vilões, seja por denunciá-los, seja por defender as suas vítimas. Esta narrativa se desenvolve por meio de ataques constantes e repetitivos aos grupos minoritários, incluindo movimentos sociais e, de forma direta ou indireta, à esquerda que apoiam esses grupos. Os grupos minoritários são retratados como responsáveis pela própria miséria e problemas sociais, sendo considerados diferentes, inferiores e, por isso, merecedores de dominação ou extermínio. Destacamos, portanto, a resistência conservadora à chegada da diversidade ao poder, manifestada em práticas de apagamento e na construção de narrativas, que colocam os grupos minoritários como inimigos da sociedade.

Palavras-chave: Pré-discursos; Construção de narrativas; Discurso digital; Grupos minoritários.

ABSTRACT

Studies in the human sciences have focused on the rapid and continuous dissemination of news, particularly in the digital environment. We have found that frequently, such discourses are presented through genres of journalistic discourse, providing them with legitimacy, in which various versions of facts circulate based on beliefs, knowledge, and ideological positions. Therefore, we decided to observe how speakers represent the minority groups selected on certain websites for this research: women, black people, the LGBTQIAP+ community, immigrants, and indigenous people. The corpus consisted of news published on websites presenting themselves as information portals, denounced by the *Sleeping Giants* movement as propagators of fake news and intolerant speeches, namely: *Jornal da Cidade Online*, *Conexão Política*, *Brasil Sem Medo*, *Brasil Paralelo*, and *Estudos Nacionais*. For the selection, we applied filters using search tools on these websites, based on terms referring to such groups. Initially, we discussed the idea of truth and post-truth, considering the researcher's position on truth, both their position and the observed corpus (ANGERMULLER, 2018). To describe the websites and the discursive genres published in the digital environment, we mobilize the theory of Digital Discourse Analysis (PAVEAU, 2021), considering the characteristics of web-native discourse. Enlargement characteristic allowed us to reflect on disseminating this news, especially through social media. Then we described and interpreted data, considering the theory of pre-discourses by Marie-Anne Paveau (2013) to analyze the meaning effects produced by the pre-discourses. The beliefs and knowledge contained in the pre-discourses brought elements of materiality that showed the position of these websites about minority groups. We verified that there is a building narrative about *villains versus heroes* through what we called traditional, incontestable, and contrastive pre-discourses. Through these pre-discourses, we observed the gradual building of this narrative in these websites, using stereotypes with typical attributes of each group (PAVEAU, 2013). Minority groups have been attributed the characteristics of villains due to their practices considered transgressive, criminal, and deceitful. Heroes, on the other hand, would be the locutors who stand against these villains, either by denouncing them or by defending their victims. This narrative develops through constant and repetitive attacks on minority groups, including social movements and, directly or indirectly, the left parties that support these groups. Minority groups are portrayed as responsible for their own misery and social problems, considered different, inferior, and, therefore, deserving of domination or extermination. We therefore highlight the conservative resistance to the rise of diversity to power, manifested in practices of erasure and building narratives, positioning minority groups as enemies of society.

Keywords: Pre-discourses; Building narratives; Digital speech; Minority groups.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – captura de tela da rede social <i>Twitter</i> com o post do <i>Sleeping Giants Brasil</i>	54
Figura 2 – captura de tela de tuítes da empresa <i>PicPay</i>	55
Figura 3 – captura de tela de tuítes da empresa <i>PicPay</i>	55
Figura 4 – captura de tela de tuítes sobre o anúncio da empresa <i>Fastshop</i>	56
Figura 5 – captura de tela de tuítes sobre o anúncio da empresa <i>Picpay</i>	57
Figura 6 – captura de tela da página inicial do site <i>Brasil Sem Medo</i>	59
Figura 7 – recorte da captura de tela da página inicial do site <i>Brasil Sem Medo</i>	60
Figura 8 – captura de tela da notícia selecionada do site <i>Brasil Sem Medo</i>	62
Figura 9 – recorte da captura de tela da notícia selecionada do site <i>Brasil Sem Medo</i>	63
Figura 10 – captura de tela da página inicial do site <i>Brasil Paralelo</i>	64
Figura 11 – recorte da captura de tela da página inicial do site <i>Brasil Paralelo</i>	65
Figura 12 – captura de tela da notícia selecionada do site <i>Brasil Paralelo</i>	67
Figura 13 – recorte da captura de tela da notícia selecionada do site <i>Brasil Paralelo</i>	67
Figura 14 – captura de tela da página inicial do site <i>Conexão Política</i>	69
Figura 15 – recorte da captura de tela da página inicial do site <i>Conexão Política</i>	69
Figura 16 – captura de tela da notícia selecionada do site <i>Conexão Política</i>	71
Figura 17 – recorte da captura de tela da notícia selecionada do site <i>Conexão Política</i>	71
Figura 18 – captura de tela da página inicial do site <i>Jornal da Cidade Online</i>	73
Figura 19 – recorte da captura de tela da página inicial do site <i>Jornal da Cidade Online</i>	74
Figura 20 – captura de tela da notícia selecionada do site <i>Jornal da Cidade Online</i>	75
Figura 21 – recorte da captura de tela da notícia selecionada no site <i>JCO</i>	76
Figura 22 – captura de tela da página inicial do site <i>Estudos Nacionais</i>	77
Figura 23 – recorte da captura de tela da página inicial do site <i>Estudos Nacionais</i>	78
Figura 24 – captura de tela da notícia selecionada do site <i>Estudos Nacionais</i>	79
Figura 25 – recorte da captura de tela da notícia selecionada do site <i>Estudos Nacionais</i>	79
Figura 26 – notícia sobre suposto massacre de soldados por índios <i>Guaicuru</i>	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – quantitativo de notícias verificadas versus escolhidas para o corpus	18
Tabela 2 – quantidade de inscritos nas redes sociais e canais no <i>Youtube</i> dos sites	81
Tabela 3 – itens para a composição das legendas para os excertos	103

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 DA PÓS-VERDADE À CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS	20
1.1 A VERDADE E A REALIDADE SOB UMA PERSPECTIVA SIMÉTRICA	21
1.2 SOBRE O CONCEITO DE NARRATIVA	27
1.3 A NARRATIVA DA SUPERIORIDADE MORAL DA CLASSE MÉDIA	30
1.4 A NARRATIVA DO VILÃO	36
2 NOVOS OLHARES PARA O DISCURSO DIGITAL	40
2.1 AS CARACTERÍSTICAS DO DISCURSO NATIVO DA WEB	45
2.1.1 Composição	46
2.1.2 Deslinearização	47
2.1.3 Ampliação	48
2.1.4 Relacionalidade	50
2.1.5 Investigabilidade	51
2.1.6 Imprevisibilidade	52
2.2 O MOVIMENTO <i>SLEEPING GIANTS</i>	53
2.3 DESCRIÇÃO DOS SITES DO DISCURSO NATIVO DA WEB	58
2.4 A NOÇÃO DE AMPLIAÇÃO DAS NOTÍCIAS NA REDE SOCIAL <i>TWITTER</i>	80
2.4.1 Os títulos com o tema feminista	84
2.4.2 Os títulos com o tema negro	86
2.4.3 Os títulos com o tema LGBTQIAP+	88
2.4.4 Os títulos com o tema a respeito dos indígenas	92
2.4.5 Os títulos com o tema imigrante	96
2.4.6 Os títulos sobre os grupos minoritários em geral	98
3 OS PRÉ-DISCURSOS E SEU FUNCIONAMENTO	101
3.1 PRÉ-DISCURSOS TRADICIONAIS	107
3.1.1 Apelo à memória da língua	108
3.1.1.1 Lexicologismo e as rejeições tipográficas	108
3.1.1.2 Lexicografismo e a restauração do sentido desviado	114
3.1.2 Apelo à memória dos antigos	117
3.1.2.1 Apelo à sabedoria coletiva	117
3.1.2.2 Apelo aos precursores	119

3.2 PRÉ-DISCURSOS INCONTESTÁVEIS	122
3.2.1 Interrogações genéricas	122
3.2.2 Usos da modalidade epistêmica	125
3.2.3.1 A declaração epistêmica	126
3.2.3.2 A restrição epistêmica	129
3.3 PRÉ-DISCURSOS CONTRASTIVOS	131
3.3.1 A tipologia	132
3.3.1.1 Legitimidade, identidade e alteridade como ferramenta tipológica	134
3.3.2 Antítese	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	151

INTRODUÇÃO

Os estudos nas áreas das ciências humanas, em especial aqueles focados no estudo do discurso, têm dedicado uma atenção significativa à problemática da disseminação descontrolada de informações e seus efeitos para a sociedade. A rápida, constante e repetitiva disseminação de informações em ambientes digitais influencia as decisões dos indivíduos em diversas esferas, como a escolha de candidatos políticos, comportamentos durante uma pandemia global, medidas de autocuidado e até mesmo a decisão sobre a participação de um país em blocos econômicos - exemplos que têm sido observados nos últimos anos.

Entendemos que tal prática se intensificou após a democratização das redes sociais – ambientes onde mais se disseminam notícias, imagens, memes, etc. As informações podem ser disseminadas a partir de um clique, em milésimos de segundos, por uma quantidade expressiva de usuários de tais redes segundo as suas crenças e saberes. A rapidez e a facilidade do compartilhamento nas redes sociais possibilitam que informações com diferentes valores de verdade circulem (ANGERMULLER, 2018). O alcance, é imensurável e irrastrável.

Com relação a essa disseminação nesses ambientes, percebemos que alguns grupos são mais atacados do que outros. Tendo em vista a polarização extrema que temos testemunhado, sobretudo no campo político, os grupos minoritários são os mais atacados, os quais diariamente precisam lutar pelos seus direitos básicos. Nossa hipótese é de que há um ataque sistemático aos grupos minoritários como uma tentativa de enfraquecer a agenda progressista e, indiretamente, atacar os partidos de esquerda, visto que reivindicam e lutam pelos direitos das minorias.

Com a finalidade de fazer o recorte dentro do vasto universo presente no digital, optamos por recorrer aos discursos produzidos em sites que perderam sua monetização, ou seja, o lucro produzido a partir de anúncios publicitários diversos em virtude das denúncias realizadas no ambiente digital pelo movimento *Sleeping Giants*. Realizamos essa escolha, pois, no mesmo momento da definição do corpus que pretendíamos pesquisar, tal movimento havia começado a atuar no Brasil. Por meio de um corpus extenso compreendemos que poderíamos averiguar as crenças e saberes ali presentes.

Ao nosso ver, o movimento mostra-se como mais uma estratégia contra a disseminação de discursos intolerantes e notícias falsas em conjunto com as demais ações já realizadas. Dessa forma, a escolha dos sites denunciados foi uma forma de fazer o recorte, não significando, no entanto, uma adesão e concordância a toda e qualquer atitude do movimento *Sleeping Giants*, no Brasil.

Em virtude disso, selecionamos as notícias¹ publicadas nos sites selecionados para a pesquisa a respeito de alguns grupos minoritários, a saber: mulheres, negros, pessoas LGBTQIAP+, imigrantes e indígenas. A escolha desses grupos minoritários, portanto, se deu em virtude da constatação do ataque sistemático no momento em que o doutorado ocorreu, concomitantemente à ascensão da extrema-direita no país e de discursos conservadores – aliados ou não – ao governo vigente à época.

As mulheres há tempos lutam pela igualdade de gênero, buscando eliminar disparidades salariais, combater a violência doméstica e garantir o acesso a oportunidades educacionais e profissionais em pé de igualdade com os homens. Negros e indígenas enfrentam desafios persistentes relacionados ao racismo e à discriminação. A promoção da igualdade racial não apenas envolve a eliminação de preconceitos, mas também na criação de políticas públicas que abordem as desigualdades históricas e proporcionem oportunidades que lhes foram retiradas ao longo dos anos na história do Brasil.

Os imigrantes contribuem significativamente para o enriquecimento cultural e econômico de uma nação. Defender seus direitos não apenas respeita sua dignidade como seres humanos, como reconhece a riqueza que a diversidade cultural traz para a sociedade. As pessoas LGBTQIAP+ têm lutado por muito tempo pela aceitação, igualdade de direitos e o fim da discriminação. Defender seus direitos não é apenas uma questão de justiça social, mas reconhece também a importância de cada indivíduo viver autenticamente, sem medo de rejeição ou perseguição.

Cabe ressaltar que não desconsideramos os demais grupos minoritários por não serem desrespeitados e violentados regularmente, mas pela nossa suposição de que os grupos escolhidos estavam sendo mais rechaçados no início da pesquisa. Além disso, acreditamos que tal escolha seria produtiva e representaria a diversidade buscadas para o trabalho. Tendo isso em vista, a nossa pergunta de pesquisa é: quais são as narrativas acerca dos grupos minoritários que emergem, a partir de elementos pré-discursivos em sites, e que circulam na web?

Diante disso, o objetivo geral deste trabalho é observar como as narrativas são construídas a partir da análise de quadros pré-discursivos. Ademais, como objetivos específicos, pretendemos 1) descrever os sites à luz da teoria do discurso digital a partir das características do discurso nativo da web, 2) analisar os efeitos de sentido produzidos pelas

¹ Para esta pesquisa, decidimos não diferenciar os gêneros discursivos jornalísticos, considerando que os sites se apresentam como portais de informação. No decorrer da pesquisa, verificamos que grande parte das notícias se apresentam como reportagens e artigos de opinião. Para trabalhos futuros a partir desta pesquisa, a discriminação dos gêneros será realizada com o intuito de verificar os efeitos de sentido nos gêneros discursivos citados.

anterioridades do discurso e 3) delinear as regularidades das estratégias linguístico-discursivas na construção de narrativas. 4) verificar a quais quadros discursivos tais narrativas apelam.

Para isso, no primeiro capítulo – *Da pós-verdade à construção das narrativas* – apresentamos uma discussão acerca da verdade nos tempos de pós-verdade, proposta pelo pesquisador Johannes Angermuller (2018). Nela, o autor faz uma crítica sobre a posição do pesquisador em relação à sua verdade enquanto observador, considerando previamente mais verdadeira do que as produzidas pelo discurso observado. Em virtude dessa provocação, optamos por não considerar o corpus previamente como *fake news*, mas como uma narrativa com o intuito de investigar as crenças e saberes presentes nos textos. Essa concepção de narrativa, ou seja, da construção de diferentes versões sobre um mesmo fato, será discutida nesse capítulo a partir de um levantamento de artigos de pesquisadores que lidaram com a noção, presentes na obra *Narrativas de (re)existência*, de Amilcar Araujo Pereira.

Entendemos que nem sempre se trata de informações falsas, mas de outras versões por meio das quais os locutores transmitem suas crenças e saberes, as quais discutiremos segundo a teoria dos pré-discursos (PAVEAU, 2013). Cabe lembrar também que se apresenta a realidade a começar da posição ideológica de seus locutores. Nessa esteira, serão discutidas duas narrativas relacionadas à relação da classe dominante com a classe dominada: 1) a narrativa da classe média, que se considera moralmente superior à elite e às classes mais baixas, apresentada por Souza (2019); 2) uma discussão sobre a construção de heróis e vilões no jogo político no Brasil (MENEZES DE SOUSA, 2018).

No segundo capítulo – *Novos olhares para o discurso digital* –, serão trazidas algumas reflexões a respeito da Análise do Discurso produzidas nos ambientes digitais, com o intuito de tentar compreender como esses discursos se apresentam e como se disseminam. Tais discursos circulam não somente pelos sites, mas propagam-se especialmente pelas redes sociais – tanto dos próprios sites quanto pelos usuários dessas redes, que compartilham os textos – e pelos aplicativos de conversa como o *Whatsapp* e o *Telegram*, por exemplo, e atingem uma quantidade imensurável de usuários em diferentes ambientes digitais. O fato de se apresentar por meio de gêneros do discurso jornalístico e percorrer outros ambientes digitais nos traz uma série de questionamentos acerca de sua disseminação em massa, bem como de sua legitimidade.

Para abordá-los, será trazida a teoria que se propõe a falar a respeito do discurso digital, a partir dos estudos de Marie-Anne Paveau (2021), com foco nas seis características dos discursos digitais nativos: composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade. Por meio delas será feita a descrição dos cinco sites escolhidos. Tal prática considera o objeto de análise como um conjunto do sistema no qual é

produzido ao levar em conta não somente o enunciado verbal, mas possibilita uma abordagem simétrica entre os elementos linguageiros e técnicos, “uma vez que a técnica não é mera ferramenta, mas elemento estrutural dos enunciados” (FALCONI-PIRES & LOURENÇO, 2022).

É importante ressaltar que, para esta pesquisa, a teoria da Análise do Discurso Digital não será utilizada para fins de interpretação dos dados, tendo, no entanto, o intuito de descrever o ambiente digital. Para fins de contextualização, a questão da desmonetização em virtude da denúncia desses sites também será abordada, pois essa iniciativa ocorre em um ambiente digital e, por esse motivo, consideramos relevante abordá-la neste capítulo. O *Sleeping Giants*, atuando no Brasil desde maio de 2020 propõe-se a alertar as empresas anunciantes em sites que o movimento concebe como propagadores de notícias falsas, ou espalham discursos intolerantes ou ofensivos bem como exigir a suspensão do financiamento desses sites por meio de seus anúncios. Por fim, focaremos na questão da ampliação e a importância dos títulos na disseminação das notícias. Entendemos a importância do título – e, por esse motivo, dedicamos parte deste capítulo para explorá-los. No entanto, tendo em vista uma análise pré-discursiva demandar a investigação dos pormenores a partir de crenças e saberes, acreditamos que somente explorar os títulos não seria o suficiente para verificar a construção das narrativas realizadas por essas notícias.

No capítulo analítico – *Os pré-discursos e seu funcionamento* – será mobilizada, pois, a proposta teórica dos apelos aos pré-discursos também da pesquisadora Marie-Anne Paveau (2013), na qual ela desenvolve a teoria das anterioridades discursivas, ou seja, do conhecimento prévio que se inscreve nos discursos e no modo como circulam. Compreendemos que tais crenças e saberes podem ser percebidas no discurso, ainda que sejam anteriores a ele. As crenças dos sujeitos que produzem o discurso são, de certa forma, reafirmadas, validadas pelas notícias veiculadas.

Os pré-discursos são um conjunto de dados que constituem os sujeitos que, não só produzem, mas, além disso, interpretam o sentido nos discursos. Notamos, desse modo, como esse discurso produz sentido, do mesmo modo como é compreendido, como se mobilizam esses conhecimentos partilhados, como o discurso sinaliza a presença dessas anterioridades. Cabe ressaltar que não se trata de discursos produzidos previamente, mas das anterioridades dos discursos, o que equivaleria ao que as ciências da linguagem denominam como o conhecimento prévio, compartilhado. Isso significa que os locutores têm a sua disposição informações prévias, tratadas e estocadas antes de produzir seus discursos. Assim, o capítulo será teórico-analítico, na medida em que se apresenta a teoria e as análises que serão exemplificadas com

recortes dos textos selecionados. Por fim, verificaremos a construção das narrativas por meio dos apelos aos pré-discursos encontrados nesses recortes.

O intuito de trazer as anterioridades do discurso para esta pesquisa é de propor novas formas de reconhecimento das crenças e saberes anteriores ao discurso e, conseqüentemente, propor novas formas de leitura das notícias que circulam repetidamente nos ambientes digitais. Outrossim, a escolha dos pré-discursos se justifica no intuito de se observar o desenvolvimento das narrativas, partindo do pressuposto de que não estamos considerando o corpus previamente como *fake news*. Acreditamos que esta pesquisa seja particularmente relevante aos professores, em especial aos de ensino fundamental e médio, pois os alunos em formação básica poderiam se beneficiar ao reconhecer na materialidade tais anterioridades do discurso e, nesse sentido, fazer uma análise crítica e do reconhecimento dos efeitos de sentidos das notícias disseminadas no ambiente digital.

O levantamento do corpus foi realizado por meio da ferramenta de busca nos sites desmonetizados, em razão de denúncias por veicularem notícias falsas ou discursos intolerantes. Fizemos a escolha dos sites tendo como ponto de partida o movimento *Sleeping Giants* Brasil, no *Twitter*. Segundo o site do movimento, até junho de 2021, realizaram a desmonetização de sites de desinformação, aproximadamente, 16 milhões de reais, com 31 campanhas realizadas, 990 empresas acionadas, com uma taxa de 81% de eficácia. Para delimitação do corpus, focamos nas notícias em que esses sites falam a respeito dos grupos minoritários – mulheres, negros, a comunidade LGBTQIAP+, imigrantes e indígenas.

Os sites desmonetizados e que compõem o corpus desta pesquisa são: *Brasil Paralelo* (<<https://site.brasilparalelo.com.br>>), *Brasil Sem Medo* (<<https://brasilssemmedo.com/>>), *Conexão Política* (<<https://conexaopolitica.com.br>>), *Estudos Nacionais* (<www.estudosnacionais.com>) e o site *Jornal da Cidade Online* (<<https://www.jornaldacidadeonline.com.br>>). Outros sites são citados como desmonetizados no site do *Sleeping Giants*, como *300 do Brasil*, *Bernardo Kuster*, *Sara Giromini*, *Grupo Brasileirinhos*; porém optamos por escolher somente os sites que se apresentaram como portais de informação.

A partir dessa escolha, realizamos buscas baseadas em algumas palavras-chave em cada um dos sites. As palavras-chave buscadas nos sites foram: *minoria*, *identitária*, *feminista*², *gay*, *LGBT*, *índio*, *indígena*, *imigrante*, *negro*. O intuito de realizar o filtro com essas palavras foi o

² Ainda que o termo não se refira a um grupo minoritário especificamente como nos demais filtros, o intuito de utilizar *feminista* na busca se deu pelo mesmo motivo que escolhemos buscar os termos *índio* e *gay*, visto que se esperava que as mulheres poderiam aparecer denominadas como feministas de forma pejorativa.

de se perceber como seriam as notícias em que tais minorias aparecessem, ou seja, de que maneiras os grupos minoritários são retratados. As características de investigabilidade e de imprevisibilidade dos discursos digitais nativos propostas por Paveau (2021) justificam a escolha de se buscar o corpus, por meio de palavras-chave. De acordo com a autora, cabe ao pesquisador, ocupando também a posição de internauta, navegar no ambiente digital. Considerando que um dos objetivos da pesquisa é verificar como os grupos minoritários são tratadas nesses sites, decidimos investigar tais grupos e observar quais retornos apareceriam.

Em virtude disso, coletamos 157 ocorrências em todos os sites citados. Para a análise, entretanto, selecionamos 70 textos, sendo que desses, foram 4 com o filtro *minoria*; 10 com o filtro *feminista*; 8 retornos com o filtro *gay*; 14 com o filtro *LGBT*; 11 com o filtro *índio*; 5 com o filtro *indígena*; 8 retornos com o filtro *imigrante*; 10 retornos com o filtro *negro*. O filtro *identitária* trouxe poucos retornos e por essa razão não selecionamos nenhum texto. Abaixo, discriminamos por site a quantidade de retornos realizados conforme o filtro (primeira coluna) e desses, a quantidade de recortes realizados em cada um deles (segunda coluna):

Tabela 1 – quantitativo de notícias verificadas versus escolhidas para o corpus

	<i>Brasil Paralelo</i>		<i>Brasil Sem Medo</i>		<i>Conexão Política</i>		<i>Estudos Nacionais</i>		<i>Jornal da Cidade Online</i>	
Minoria	-	-	-	-	5	1	5	1	4	2
Feminista	2	1	7	1	3	2	4	2	6	4
Gay	-	-	3	-	16	3	4	1	7	4
LGBT	1	1	2	-	10	7	5	3	6	3
Índio	-		1	-	5	4	2	2	11	5
Indígena	1	1	1	-	5	2	1	1	4	1
Imigrante	-	-	2	-	11	3	1	1	4	4
Negro	2	1	2	-	6	1	3	3	5	5

Fonte: elaborada pela autora

Cabe ressaltar que utilizamos um único resultado do site *Brasil Sem Medo* para o filtro *feminista*, pois o acesso ao conteúdo dos demais retornos só pode ser realizado por assinantes e, por essa razão, não tivemos acesso às demais notícias. Porém resolvemos manter este único resultado, em virtude de ser um site com muitos acessos e com muitos seguidores em suas redes sociais, possivelmente em razão de seu idealizador e influenciador, Olavo de Carvalho.

É indispensável destacar a escolha de alguns grupos minoritários, visto que não abordaremos a construção de narrativas sobre um único grupo minoritário, mas como uma forma de verificá-lo sobre as minorias de forma geral. No entanto, reconhecemos as lutas e as adversidades enfrentadas por todas as minorias, abordadas ou não abordadas na tese e, para futuros trabalhos, consideramos estender a pesquisa para tais grupos. A opção por tais grupos foi realizada, tendo em vista o quanto estavam sendo atacados em 2020, momento em que o recorte foi realizado.

Para a Análise do Discurso, o discurso, por si só, é uma realidade, conforme Alice Krieg-Planque (2018). Dessa forma, a nossa relação com o real se dá pelo discurso. A Análise do Discurso vai lidar com as formas de dizer, como os sujeitos mobilizam o discurso. Segundo a autora, cabe a essa área do conhecimento produzir um modo de ver particular sobre o mundo social, a fim de propor modos de ver o mundo, juntamente com as outras ciências humanas e sociais.

Compreendemos que esses objetos também nos colocam, como estudiosos da linguagem, em um lugar de dizer sobre eles, pois nos interrogam. Questões como verdade, pós-verdade, produção e circulação massiva de notícias, construção de narrativas e de estereótipos por meio de atributos típicos de um grupo ou situação configuram-se como importantes objetos para a atuação dos profissionais da linguagem, sobretudo aos analistas do discurso. Dessa maneira, entendemos que se faz necessário trazer tais questões à tona, ocupando um lugar central nas discussões.

Posicionamo-nos, portanto, contra as proposições intolerantes constatadas no capítulo analítico e defendemos veementemente a defesa e a promoção dos direitos das minorias fundamentais para a promoção de uma sociedade mais justa, igualitária e plural. Reconhecer e valorizar a diversidade é fundamental para a criação de um ambiente para todos viverem com dignidade. Essa luta, a nosso ver, deve ser de todos.

1 DA PÓS-VERDADE À CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS

Anualmente, a *Oxford Dictionaries*, departamento ligado à Universidade de Oxford, elege anualmente uma palavra da língua inglesa. Essa escolha realizada no fim de cada ano, pauta-se em uma coleta feita pelos lexicógrafos da universidade, pela qual analisam estatisticamente quais palavras apareceram com maior frequência em jornais em língua inglesa do mundo inteiro. O intuito dessa escolha, como informa o site da universidade, é “refletir sobre o *ethos*, o estado de espírito ou as preocupações daquele determinado ano, bem como verificar o potencial duradouro como uma palavra de significado cultural”³. Em 2016, a palavra do ano selecionada foi o termo *pós-verdade*.

De acordo com o dicionário o termo “se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais.”⁴ A fim de tentar compreender esse fenômeno e de trazer uma possibilidade de análise da disseminação descontrolada de notícias recebidas diariamente em diferentes ambientes digitais, propomo-nos observar os indícios de pré-discursos mobilizados na disseminação destas informações.

A ideia de narrativa tem sido constantemente mobilizada, em especial nas redes sociais, para se acusar um determinado grupo, com posições ideológicas divergentes das suas, de se utilizar de um discurso que seria falso ou enganoso. Em virtude disso, direta ou indiretamente, (re)afirma que a sua narrativa seria, por isso, a verdadeira, baseada na realidade. Nesta pesquisa, os grupos acusados em questão referem-se aos negros, às mulheres, aos indígenas, aos LGBTQIAP+, aos imigrantes tal como àqueles que se posicionam em favor deles).

Neste tópico serão abordadas as razões pelas quais não optamos por considerar previamente o corpus como *fake news*, como o pensamos inicialmente ao entrar em contato com os recortes. Entendemos que, ao considerá-lo desse modo, haveria um juízo de valor prévio limitando nossa análise, principalmente por termos uma posição divergente dos jornais selecionados para compor o corpus da pesquisa. Além dessa razão, é necessário também apontar que esta seleção se deu a partir de denúncias realizadas pelo movimento *Sleeping Giants*, tratado previamente pelos jornais como propagadores de *fake news* ou de discurso de ódio, assumindo as notícias como falsas. Como vimos, a seleção por meio do referido

³ Tradução realizada pela autora. Fonte: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/>. Acesso em: 15 mar. 2023

⁴ Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>>. Acesso em: 05 jan. 2023.

movimento se deu tão somente como um ponto de partida para a composição do corpus, pois nos instigou a olhar para tais jornais.

O intuito dessa pesquisa não é esgotar as explicações e teorias possíveis da razão sobre os discursos intolerantes instaurados bem como para explicar toda a guinada conservadora e violenta que pudemos observar no país nos últimos anos, especialmente contra os grupos minoritários. Pretendemos, no entanto, realizar uma possível leitura – dentre muitas outras – a partir da pós-verdade, por meio da apropriação/adaptação do conceito de narrativa por determinados grupos, sob uma perspectiva simétrica, sobre a qual discutiremos a seguir. Para isso iniciaremos este percurso por meio da ideia da pós-verdade, partindo da perspectiva do pesquisador Johannes Angermuller, a qual o autor propõe no artigo *Programa Forte dos Estudos do Discurso*⁵.

1.1 A VERDADE E A REALIDADE SOB UMA PERSPECTIVA SIMÉTRICA

A noção de verdade sempre foi questionada pelas mais diversas áreas partindo do princípio de uma ideia de Verdade universal e objetiva – seja corroborando a ideia, seja contestando-a. Este estudo partiu da ideia de que a disseminação rápida, contínua e repetitiva de informações falsas – ou parcialmente falsas –, pode ter contribuído para que decisões importantes tenham sido tomadas em diversos países nos últimos anos. Em um artigo publicado em 2016, denominado *The Russian firehose of falsehood*, desenvolvido por pesquisadores norte-americanos da área de psicologia social. Nesta publicação alega-se um modelo de propaganda russo para disseminar notícias falsas, usado durante o período de anexação da Crimeia pela Rússia entre 2008 e 2014. Os cientistas afirmam que a quantidade excessiva de canais confunde o público, e muitas notícias são veiculadas como verdades parciais, constatáveis pelo fato, porém distorcidas.

Essa prática tornou-se conhecida por *firehosing*⁶, como o ato de disseminar massiva e constantemente informações falsas a partir de um vídeo chamado *Why obvious lies makes great propaganda*⁷, publicado no Youtube em 2016 pelo canal Vox. Baseados no artigo citado, o vídeo expõe como tais práticas foram utilizadas também nas eleições nos Estados Unidos. O termo *firehosing* propagou-se no Brasil durante as campanhas eleitorais presidenciais em 2018,

⁵ Artigo original em inglês: *Truth after post-truth: for a Strong Programme in Discourse Studies*, publicado na revista Nature em 2018, traduzido no mesmo ano pelos pesquisadores Marco Antônio Almeida Ruiz e Renata de Oliveira Carreon, ambos membros do grupo de pesquisa LEEDIM.

⁶ O termo metafórico *firehosing* remete à mangueira utilizada pelos bombeiros em casos de incêndio e em uso, o que caracterizaria a propagação repetida por meio de diversos canais com notícias falsas, veiculadas como verdades e que, na realidade, seriam constatáveis.

⁷ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=nknYtlOvaQ0>>. Acesso em: 07 jan. 2023

devido à quantidade de notícias veiculadas como falsas durante esse período e a possível definição das eleições em razão do uso dessas informações.

Entretanto, esta pesquisa tomou outros caminhos saídos da concepção de *fake news* para se pensar uma outra forma de se enxergar as informações passadas por meio das notícias que foram levantadas para este estudo: questionando-as como são construídas. Tal mudança se deveu sobretudo em razão dos seguintes questionamentos aos estudiosos do discurso, realizadas por Angermuller (2018): “(...) se a verdade nada mais é que um produto de lutas discursivas, não teríamos de aceitar todas as ideias como igualmente verdadeiras? E como defendem os estudiosos do discurso as afirmações⁸ sobre a verdade originadas nas suas próprias pesquisas em relação aos discursos que criticam?” (2018, p. 38). Em vista dessas provocações, decidimos não tomar o corpus preestabelecido como *fake news* e encará-lo como disputas de narrativas, com base nas crenças e nos saberes veiculados pelas notícias, incluindo aqui a ideologia⁹, a cultura e a constituição desses sujeitos e discursos digitais pelos quais são veiculadas as notícias. De acordo com o autor,

(...) os teóricos do discurso podem concordar com a ideia de que existem lutas discursivas sobre a verdade, mas que nem todas as alegações de verdade têm o mesmo valor normativo. Há afirmações sobre realidades que podem se tornar verdadeiras por meio da força de grandes grupos sociais (pensemos na dinâmica do discurso na mídia de massa) e das trocas entre especialistas selecionados (por exemplo, pequenas comunidades acadêmicas e profissionais). Algumas alegações de verdade são sobre realidades sociais, outras sobre realidades não sociais. E muitas vezes, há um conflito entre diferentes tipos que emergem por meio de jogos que mobilizam recursos diferentes e seguem regras distintas. (ANGERMULLER, 2018, p. 40)

Angermuller entende as verdades constituídas como construções discursivas, mesmo que nem todas as ideias tenham o mesmo valor de verdade: uma ideia não é verdadeira porque alguém assim a deseja ou porque a maioria das pessoas acredita que ela assim seja. Além disso, segundo o autor, os estudiosos não precisam retornar à Verdade, isto é, não devem partir da premissa de que há ideias fundamentalmente melhores; ou somente especialistas podem ter acesso a elas; ou algumas ideias são verdadeiras previamente ou exteriores ao discurso.

⁸ Assumimos que o termo *alegações* caberia melhor na tradução para *truth claims*, presente no texto original, em razão do caráter enfático do termo *afirmações*. Alegar, ao nosso ver, traria a ideia de acreditar em algo como verdadeiro a partir de argumentos, enquanto afirmar poderia significar não se poder contestar.

⁹ Sobre a ideologia, apoiamo-nos na teoria das ideologias, proposta pelo filósofo Louis Althusser, defensor da ideologia ligada ao inconsciente que se apresenta materialmente por meio dos aparelhos e práticas e representa uma relação imaginária dos indivíduos com a sua existência. A designação e o significado de uma palavra se trata de um efeito ideológico. (MAINGUENEAU; CHARAUDEAU, 2008) A interpelação ideológica transforma o indivíduo em sujeito, a partir do reconhecimento de si e dos outros enquanto sujeitos.

O autor defende ainda que “todas as verdades estão emaranhadas em dinâmicas sociais e lutas políticas como resultado de que nem tudo é aceito como conhecimento verdadeiro e valioso.” (ANGERMULLER, 2018, p. 41) e os estudos do discurso devem fazer explicações simétricas¹⁰ de discursos, sejam elas realizadas por meio de conhecimentos acadêmicos ou não, mesmo que alguns dos conhecimentos tenham maior “valor de verdade do que outros”. Para isso, o autor argumenta que os estudos do discurso devem refletir sobre 1) como hierarquias entre conhecimentos e saberes são representados e 2) como as representações são constituídas por práticas discursivas.

O autor faz uma crítica aos estudos discursivos, pois, por muitas vezes, acabam por explicar de forma assimétrica a realidade social dos participantes de primeira ordem – doravante RS 1 – de forma diferente da realidade social dos observadores de segunda ordem e dos pesquisadores do discurso (RS 2). Isso ocorre porque os pesquisadores mobilizam não somente a RS 1, como também a constituem a partir da investigação de como a linguagem é usada em determinados contextos históricos e sociais. Ao recorrer a esses contextos, o pesquisador estará recorrendo às comunidades, às instituições, as quais são definidas como RS 2, mobilizadas nas práticas discursivas:

A RS 1 pode ser falsa do ponto de vista do pesquisador (RS 2), ou seja, uma mera opinião que os participantes de um discurso aceitaram como verdadeira. A RS 2, em contraste, é a ideia que o(a) pesquisador(a) tem sobre o contexto social, que ele(a) considera verdadeiro. Enquanto a RS 1 pode ser um resultado da investigação sistemática do discurso analítico, a RS 2 frequentemente se refere ao arcabouço teórico ou conhecimento de base que o pesquisador assume como verdadeiro. (ANGERMULLER, 2018, p. 47)

Como, nesse caso, lidar com o problema de que a realidade social aceita pelos sites analisados (RS 1) normalmente não aceita a realidade que os pesquisadores do discurso pressupõem para explicá-los (RS 2)? Segundo Angermuller, é necessário problematizar que RS 1 construída discursivamente pode ser considerada falsa, enquanto RS 2 é vista como uma realidade não construída no discurso e, portanto, não pode ser considerada como falsa. Por conseguinte, o autor questiona a razão dessa assimetria em relação a RS 2: por que essa realidade social não pode ser desafiada como o é a RS 1 a partir dos mesmos argumentos? O que podemos perceber acontecendo, logo, é que essas mídias vêm questionando a posição dos pesquisadores e se colocando na posição de RS 2.

¹⁰ A partir de uma abordagem construtivista, o autor questiona como as verdades são construídas, com a ciência se posicionando e não fingindo ser neutra ou incapaz de assumir posições políticas. Nessa perspectiva, não importa tanto se as alegações se apresentam como falsas ou verdadeiras tanto para os observadores como para os participantes do discurso.

Entendemos que tais questionamentos e provocações são incômodos, pois indagam tanto os estudos discursivos quanto o discurso produzido pelo pesquisador sobre o discurso analisado ao aproximá-lo um do outro. Afinal, o autor afirma que, tanto o que o observador fala quanto os participantes são construídos discursivamente e, por isso, ambos os discursos podem ser verdadeiros quanto falsos. A polêmica se intensifica quando o corpus levantado é tratado previamente como *fake news* e discurso de ódio. Em tempos em que as redes sociais possibilitam aos mais diversos participantes das comunidades discursivas fazerem seus próprios questionamentos, inclusive sobre os discursos científicos, é importante também nos questionar como pesquisadores sobre a nossa prática para que tenhamos mais ferramentas e recursos quando questionarem a ciência e o fazer científico.

Como exemplo, constatamos que o site *Brasil Paralelo* se coloca nessa posição ao fazer reportagens sobre a real verdade a respeito de determinados assuntos, questionando os pesquisadores, como se confirma no título da notícia publicada em dezembro de 2020, *Como foi a colonização do Brasil? Curiosamente, a maioria das escolas não conta desta forma*¹¹.

Verificamos os propagandistas da pós-verdade colocando a ciência na posição de RS 1 e ocupando a posição de RS 2. Schegloff (1997) também questiona a posição privilegiada dos analistas do discurso, que poderiam ver a sociedade objetivamente, diferentemente dos outros participantes do discurso, revelando o que estes não poderiam ver e colocando os analistas do discurso em uma posição de Verdade. Como sabemos, tal prática de se questionar a ciência é uma realidade e quanto antes nos indagarmos sobre a nossa própria prática, antes poderemos fazê-la diferentemente e termos recursos mais recursos para lidar com tais práticas.

Angermuller sugere como saída um programa forte¹² nos estudos do discurso, baseado no programa proposto pelos estudos de Ciência e Tecnologia (STS) nas décadas de 1970 e

¹¹ Disponível em: <<https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/como-foi-a-colonizacao-do-brasil>>. Acesso 26 dez 2022.

(*) O desvio de concordância encontra-se presente no título da notícia. Doravante, todos os desvios gramaticais, lexicais, sintáticos e de neologismos presentes nas notícias serão apontados com o uso do asterisco em frente ao registro.

¹² Angermuller relata que o Programa Forte surge nos estudos sociológicos e históricos nas décadas de 1970 e 1980, quando um grupo de construtivistas dos STS contesta a Verdade, somente revelada por cientistas, e passam a questionar que qualquer conhecimento precisaria ser entendido “como um produto da dinâmica social, política e econômica” (ANGERMULLER, 2018, p. 50). O programa liderado pelo sociólogo David Bloor, junto a um grupo de pesquisadores em Edimburgo, aparece em meio a questões relacionadas à natureza social da verdade científica. Para esse sociólogo o conhecimento “verdadeiro” e o “falso” são resultantes da interação de fatores sociais e materiais e reconhece que a verdade e a realidade podem ser feitas não somente de práticas sociais. Bloor (2009) estabelece quatro princípios para esse programa: 1) causalidade: condições e causas específicas que incluem as não sociais e que cooperam na formulação de uma crença (p. 7); 2) imparcialidade: rejeição de hierarquia entre conhecimentos, mas toma como objeto essa hierarquia; 3) simetria: as explicações devem dar conta igualmente das crenças verdadeiras e as falsas e 4) reflexividade: a sociologia também produz verdades e falsidades.

1980, concebendo o discurso como uma prática de (des)construção de verdades, conforme os usos que se faz da linguagem na comunidade discursiva¹³. De acordo com o autor, o programa rejeitaria a Verdade, não acessível para a sociedade, disponibilizada tão somente pelos/aos cientistas, em função de se investigar as disputas a respeito das diferentes verdades. Além disso, ele sugere aos estudiosos do discurso fazerem a análise discursiva de forma simétrica sobre a realidade social, considerando “as práticas discursivas, os processos e os mecanismos de construção da ordem social” (ANGERMULLER, 2018, p. 51).

Angermuller defende ser necessário considerar que todas as alegações de verdade não são diferentes nas práticas discursivas, explicadas pelo mesmo arcabouço teórico, diferentemente das pesquisas assimétricas que explicam somente as ideias consideradas por elas como falsas da realidade social. Do mesmo modo, o programa reconhece a heterogeneidade dos fatores, sejam eles discursivos, não-discursivos, sociais e não sociais para a construção da realidade. As práticas discursivas são, portanto, relacionadas tanto a recursos linguísticos quanto aos sociais e materiais dos participantes do discurso, a fim de produzirem significados. É necessário recolher diversas realidades e verdades concorrentes e observar como elas se constituem, ao invés de priorizar uma em detrimento das outras. Ademais, o autor sugere uma reflexividade crítica dos estudiosos do discurso em relação ao seu papel na luta social a respeito da verdade, visto que produzem discursos sobre outros discursos.

Em vista disso, ele sugere que os pesquisadores do discurso deveriam lidar com verdades como um problema da realidade, pois quando se usa a linguagem todos buscam a verdade. Quando nos deparamos, por exemplo, com as notícias levantadas para esta pesquisa em sites acusados de disseminarem informações falsas e discursos de intolerância, entendemos que tanto os autores quanto seus leitores acreditam nas verdades ali expressas a partir de seus saberes e crenças, ainda que, como cientistas, verifiquemos as diferentes versões da realidade. Essas diferentes verdades estão sendo propagadas, recebidas pelos leitores e, conseqüentemente, podem confirmar ou alterar suas crenças e saberes deles em relação à realidade.

Segundo Angermuller (2018, p. 55), “é necessário lidar com afirmações contraditórias sobre a verdade advindas de participantes de primeira ordem e de pesquisadores do discurso

¹³ De acordo com o verbete presente no Dicionário de Análise do Discurso (MAINGUENEAU; CHARAUDEAU, 2008, p. 109), “a noção de comunidade discursiva permite sobretudo caracterizar os locutores, destacando posicionamentos (um jornal, um partido político, uma escola científica...) que são concorrentes em um mesmo campo discursivo.” A noção pode ser estendida também a diversas naturezas, como a jornalística, a científica, etc. As divergências de posicionamento são desconsideradas nesta noção. Cada comunidade discursiva apresenta sua identidade, conforme seus saberes e crenças, sobre os quais seus membros se reconhecem e produzem discursos que circulam em seus grupos sociais.

de segunda ordem”. Logo, o pesquisador não deve usar sua posição privilegiada de prestígio para defender que algo seria a Verdade, impondo-a sob o seu título de pesquisador. Todavia, isso não significa ele não ter o direito de defender aquilo no qual acredita como verdade, do mesmo modo que todos os participantes também o têm. O discurso científico é sempre político, visto que é engajado em lutas sobre a verdade. E mais: ao não considerar as alegações de verdade e as afirmações científicas sobre a verdade diferentes entre si, o pesquisador tem a chance de notar como as verdades vão sendo construídas em uma comunidade discursiva. As verdades são, diante disso, consideradas como um efeito das práticas discursivas. No entanto, o autor assevera que devemos reconhecer que nem todas as alegações têm o mesmo valor de verdade, a fim de se fazer uma análise simétrica entre os discursos de primeira e segunda ordem. O programa delinea princípios de como fazer as alegações de verdade no discurso acadêmico sobre as verdades e realidades construídas e estabelecidas por outros usuários da língua em suas comunidades discursivas. Com base nisso, o intuito desta pesquisa não é relativizar o uso de *fake news* ou distorções de fatos nas mídias sociais, mas de compreender como os discursos constroem diferentes versões segundo os valores, crenças e saberes dos locutores.

Por conseguinte, o valor de verdade dos sites selecionados é de ordem diferente do tipo de verdade produzida pelas pesquisas acadêmicas, tendo em vista que algumas alegações de verdade observadas no corpus não se baseiam na realidade. A ideia, por exemplo, de que existe um material produzido pelo governo petista em 2011, com o intuito de mudar o gênero das crianças, divulgada por conservadores de direita, não tem a mesma qualidade normativa de pesquisadores que aprovaram o uso do material àquela época, uma vez que ele promove o respeito aos alunos LGBTQIAP+ presentes nas escolas. Conforme o pesquisador,

as afirmações de verdade produzidas por especialistas são geradas por meio do conhecimento íntimo de seus objetos em comunidades discursivas que são responsáveis por desenvolverem conhecimentos confiáveis. Eles podem, também, possuir certos padrões de qualidade que são aplicados para distinguir entre os saberes mais ou menos valorizados. Assim, as ideias de alto grau de valorização emergem, geralmente, de práticas valorativas e de dinâmicas discursivas sobre quais usuários de linguagem têm pouco controle intencional. Por que especialistas deveriam aceitar que as ideias valorizadas em comunidades de saberes confiáveis sejam subordinadas às verdades de não especialistas cujas afirmações podem ser apenas caprichos pessoais? Nem todo o conhecimento tem o mesmo valor de verdade. (ANGERMULLER, 2018, p. 57)

Entendemos que trazer para a discussão a questão sobre a(s) verdade(s) ao abordar tais notícias seja produtiva para os estudos discursivos, considerando a importância de olharmos

para o corpus de forma simétrica e a constatação de que a ideia da Verdade não caberia aqui. Além disso, julgamos ser uma tarefa desafiadora questionar e desmentir cada uma das informações com valor de verdade diferente dos observadores de segunda ordem, em especial na era da web 2.0, quando as informações se propagam muito rapidamente e tomam rumos impossíveis de se rastrear. Por esse motivo, propomo-nos explorar o corpus por outra perspectiva e a partir de uma metodologia que visa a análise das crenças e saberes por meio dos pré-discursos, como veremos no terceiro capítulo. Como defende Angermuller (2018, p. 57), “não importa se as afirmações de verdade são feitas por participantes do discurso ou por analistas profissionais, o valor de suas ideias precisa ser realizado por meio dos efeitos reais que suas práticas exercem sobre o mundo social.”

Cabe considerarmos relevantes as reflexões trazidas pelo pesquisador no que diz respeito às explicações simétricas, levando em consideração a ideia de que os pesquisadores apliquem a mesma lógica de explicação para representações do social. Em virtude disso, a ideia das narrativas enquanto possibilidade de se ler e interpretar o mundo, também enquanto uma justificativa para isso será priorizada nesta tese, devido a sua disseminação atualmente.

1.2 SOBRE O CONCEITO DE NARRATIVA

A ideia de disputa de narrativas tem circulado com uma grande frequência, principalmente nas redes sociais e na internet de modo geral. Em uma busca realizada pelo *Google Trends*¹⁴, ferramenta na qual podemos observar a recorrência que determinado termo foi buscado na ferramenta de busca do *Google*, verificamos que, nos últimos cinco anos, o termo *narrativas* teve picos de busca em outubro de 2020 e junho de 2021. Isso provavelmente se deve às diferentes interpretações apresentadas sobre a pandemia da covid-19 pelos diferentes meios de comunicação, sobretudo àquelas realizadas pelo presidente em exercício naquele período. É importante ressaltar que o foco dessa pesquisa não é fazer um trajeto ostensivo a respeito do conceito de narrativa, porém trazer algumas reflexões, majoritariamente recentes e posteriores a 2018, tendo em vista os recentes acontecimentos relacionados a ascensão da extrema-direita.

A pesquisadora Verena Alberti (2021) revela que a palavra narrativa tem sido tomada como sinônima ao termo *fake news* – especialmente quando se fala da narrativa do outro que se encontra em oposição por alguma razão. Tal emprego, no entanto, desvincula da produção

¹⁴ Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=2020-01-01%202023-01-04&geo=BR&q=narrativas>>. Acesso em: 04 jan. 2023.

de conhecimento na realidade, em documentos autênticos ou evidências. Em outras palavras, há narrativas que se embasam em provas factuais e, ao associar a narrativa de forma imediata a informações falsas, leva-se a uma simplificação do termo.

O filósofo francês Paul Ricoeur, em *Tempo e narrativa*, defende que há três elementos na construção da narrativa: o sujeito, a temporalidade e a intriga. O sujeito, nesse sentido, é aquele que não existe senão por um contexto social, a partir do reconhecimento dos outros. Existir e ser reconhecido acontece por meio das narrativas em circulação, que criam, conservam, mas podem destruir também. Em referência à temporalidade, o autor afirma que uma narração tem começo e fim e é seguida de outras narrações, que começam e terminam do mesmo modo. As narrativas dão sentido à vida e à existência na condição de humanos, a partir do reconhecimento e a afirmação de um modo de ser bem como conectam os fatos aleatórios e desconectados da realidade. Já a intriga lida com os atritos proporcionados por meios dos encontros, pois é nesse lugar que se cria e se inventa, uma chama necessária para a criação. “É no intrigar-se com as narrativas e nos estranhamentos de certos enredos que somos provocados, instigados ou convocados a resistir”. (NOGUERA & ALVES, 2021, p. 153)

A ideia de narrativa, conforme o professor Sidney Chalhoub, no prefácio da obra organizada pelo pesquisador Amilcar Araujo Pereira, *Narrativas de (re)existência* (2021), se configuraria a partir de diferentes formas de ler e interpretar o mundo, seja por uma versão elaborada a partir de evidências, buscas de registros documentais e pesquisas científicas como também de uma versão inventada, produzindo outros efeitos de sentido muitas vezes sem qualquer embasamento na realidade. Percebemos que a segunda versão tem apresentado uma grande disseminação, principalmente por meio das redes sociais e, por essa razão, acabam por prevalecer sobre outras versões. De acordo com Chalhoub (2021, p. 9), “o surgimento das condições materiais para a reproduzibilidade virtual instantânea e infundável dos discursos solapou o conteúdo crítico original da noção de narrativa”.

Essa noção parte da reconstrução de memórias e histórias de passados diferentes, contados em grande medida pelos detentores do poder e, por isso, da construção de narrativas. Pereira (2021) defende que a pluralidade de passados produzida por negros e indígenas é importante para uma educação antirracista e democrática e, da mesma maneira, possibilita uma construção identitária positiva. Homi Bhabha (2003) declara que criar um espaço de enunciação da diferença, segundo a perspectiva dos grupos minoritários, é primordial para haver uma mudança cultural. No entanto, trata-se de uma negociação complexa, haja vista a relutância à mudança daqueles que querem contar a história pela sua perspectiva. Alberti (2021) acrescenta que as narrativas mudam conforme o tempo e imbricam-se a injunções

sociais e políticas. Entretanto, tais mudanças não se configurariam como um relativismo se afirmar qualquer coisa acerca do passado, dependendo da própria ótica, mas uma forma de se conhecer as sociedades que as produzem e alteram. E reforça a ideia de Challoub:

... o pressuposto de que as experiências do passado e no presente são complexas e, portanto, evidenciam a aproximação com a verdade. Não somos autorizados a afirmar qualquer coisa sobre o passado e o presente; precisamos nos ancorar em evidências trazidas por pesquisas e fontes fidedignas (...). É nesse sentido que falo, aqui, de “aproximação com a verdade.” (ALBERTI, 2021, p. 187)

Dessa maneira, as narrativas de resistência e reexistência dos grupos minoritários precisam agora de um esforço duplo: um para serem ouvidos, com o intuito de mudar a sociedade; e outro para lutar contra as narrativas baseadas em opiniões individuais e de grupos, que se apossaram do termo para disseminarem as suas versões a respeito de algo.

Em um dos artigos do site *Conexão Política* selecionados para esta pesquisa, por exemplo, percebemos a narrativa do racismo voltado aos asiáticos e brancos, em razão de política de cotas raciais nos Estados Unidos no governo Obama. Na notícia sob o título *Cota racial: Trump quer o fim de política discriminatória de Obama que vem barrando asiáticos e brancos em universidades americanas*¹⁵, publicada em 24 de julho de 2018, há uma passagem afirmando que *as cotas raciais, tão defendidas pela esquerda em todo o mundo, soam mesmo como uma política boazinha, que vem para ‘ajudar’ os negros (...) É fato que os incautos compram com frequência e com bastante confiança tal narrativa.*

Notamos, assim, que eles se utilizam de uma narrativa de discriminação contra asiáticos e brancos, realizada pelo governo de Barack Obama, ao se disponibilizar vagas a negros por meio de cotas raciais. A construção da narrativa da política de cotas para negros seria, portanto, taxada de uma versão enganosa e ilógica e as pessoas desprevenidas seriam ludibriadas por tal versão, acusando tal governo de se utilizar uma narrativa do bom samaritano. Logo, a versão da narrativa de discriminação contra asiáticos e brancos seria confiável e justa, partindo da acusação da outra narrativa. No referido artigo, completam com o seguinte argumento: *a realidade mostra que, além de discriminatória com os próprios negros – taxados muito injustamente pela esquerda como incapazes para quase tudo –, a política de cotas também vem restringindo a participação de outros grupo* étnicos.* Ou seja, além de discriminatória subestima a capacidade dos negros.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.conexaopolitica.com.br/coluna/cota-racial-trump-quer-o-fim-de-politica-discriminatoria-de-obama-que-vem-barrando-asiaticos-e-brancos-em-universidades-americanas/>>. Acesso em: 04 jan. 2023.

Nessa versão, defendem aqueles que ficam do lado de fora das cotas raciais e podem ganhar a adesão desses sujeitos. Logo, a narrativa dos movimentos sociais passa a ter um cunho negativo, protegendo poucos e deixando de fora outros. A luta por direitos cai por terra e é ressignificada como danosa a determinados grupos, desconsiderando todo passado de exclusão social dos negros.

Alberti (2021) denomina tais narrativas como pasteurizadas, que não contribui para a produção de conhecimento tanto sobre o passado quanto o presente, sendo vazia, uma antinarrativa, pois não respeita o referenciamento à realidade. – Além disso, coloca em risco o que se tem de conhecimento sobre a complexidade do mundo. No entanto, a autora faz uma provocação interessante: por que foi possível algumas narrativas terem tido tanta eficácia? Notamos que há uma disputa para mostrar a verdade como um posicionamento, ao contrário do outro.

Em seu artigo publicado no portal de informação *El Pais*, em 8 de abril de 2020, *O futuro pós-coronavírus já está em disputa*¹⁶, a jornalista Eliane Brum afirma que a negação da realidade também a produz. Entendemos que, enquanto as narrativas encontram-se em disputa, sejam elas a partir de fatos ou não, os sentidos vão sendo produzidos. Aquelas narrativas sem evidências vêm circulando de forma repetida e, por esse motivo, somado às crenças preestabelecidas, têm sido recebidas como realidade. Uma dessas narrativas lida com a classe média brasileira.

1.3 A NARRATIVA DA SUPERIORIDADE MORAL DA CLASSE MÉDIA

Jessé Souza, em sua obra *A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro*, faz uma reflexão importante a respeito da construção da identidade brasileira¹⁷ e a importância que os intelectuais como Sérgio Buarque, Raymundo Faoro e Roberto DaMatta tiveram para contribuir com tal construção. O autor defende que Buarque constrói uma narrativa totalizadora

¹⁶ Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-08/o-futuro-pos-coronavirus-ja-esta-em-disputa.html>>. Acesso em: 05 jan. 2023.

¹⁷ O autor defende nesta obra que a dinâmica das classes, ou seja, os interesses e as lutas entre as classes sociais, possibilita compreender a sociedade brasileira contemporânea. Ao invés de ser dividida por fatos econômicos e de poder de compra, o autor sugere uma divisão a partir do acesso à cultura, à educação e a todas as chances que poderá ter na vida em diversas dimensões. Logo, parte-se da “socialização familiar primária” (SOUZA, 2019, p. 94), considerando o que foi transmitido pela família, sobretudo no que diz respeito à transferência afetiva: disciplina, pensamento prospectivo, capacidade de concentração. Isso só é possível quando os pais têm condições materiais de fazê-lo. As classes menos abastadas nem sempre têm condições de estarem presentes para oferecer estímulos que a criança da classe média recebe, como o hábito de leitura e o desenvolvimento da imaginação, “o reforço constante de sua capacidade e autoestima que fazem com que os filhos dessa classe sejam destinados ao sucesso escolar e depois ao sucesso profissional ao mercado de trabalho.” (SOUZA, 2019, p. 95). Para além dos recursos materiais, o autor acredita que, quanto maior o acesso a diferentes capitais – econômico, cultural, social – maior a chance de uma classe social monopolizar seus privilégios.

inquestionável sobre o Brasil e sua história. Ademais, tal narrativa legitima a dominação oligárquica e antipopular, mesmo que com aparência de crítica social. O autor revela que o poder é um ponto central, pois quem o detém determinará quem tem privilégios e quem é abandonado e excluído. Além disso, o exercício do poder é legitimado por intelectuais. Logo, o autor defende que a definição de quem ocupa esses papéis na sociedade é definido pelos intelectuais, a partir de suas posições ideológicas.

Pereira (2021) esclarece que a ideia de raça se consolida apenas a partir do século XIX quando se estabelece o colonialismo europeu. Desse modo, raça seria uma construção política e social, uma categoria discursiva (Hall, 2003) por meio da qual o sistema de poder explora e exclui, estabelece a desigualdade entre povos e, conseqüentemente, define a superioridade de alguns – os europeus – sobre os outros, seja pela justificativa da diferença da cor da pele, da língua ou da religião. Essa lógica alcançará o território brasileiro a partir da lógica do embranquecimento da população brasileira, a partir da imigração de europeus para o Brasil.

Souza defende que a experiência da escravidão é o início da sociabilidade brasileira, pois tê-la na história de um país define uma sociedade excludente e perversa – e as conseqüências dela perduram até a atualidade. Ademais, afirma que a luta de classes ocorre com o intuito de se destacar e ter privilégios, não de um ponto de vista econômico, mas sociocultural (incluindo aqui as questões emocionais e afetivas). Tal conflito de classes é distorcido, colocando o Estado como corrupto e patrimonial de um lado e o mercado como virtuoso de outro. No entanto, essa é uma forma de acobertar que tal elite está em peso no mercado dito bondoso, sendo favorável à venda a preços ínfimos de várias estatais com o discurso da privatização e o desafogamento da máquina pública, visando maximizar o próprio lucro, pois quanto mais empresas privadas, maior a possibilidade de acumular riquezas. Esse discurso é comprado por muitos a partir da ideia de um Estado corrupto.

Essa narrativa difundida pelos intelectuais ganha espaço nas mídias, especialmente a partir dos seus discursos de autoridade reais e incontestáveis e propagam-se rapidamente no imaginário da população, seja enfatizando ou acobertando alguns aspectos, conforme seus objetivos financeiros e políticos. De acordo com Souza (2019, p. 18), “ninguém na mídia ‘cria’ conhecimento. O prestígio do conhecimento percebido como autêntico é sempre produto de especialistas treinados”. Nesse ponto, questionamo-nos: será que as mídias não tão tradicionais não criam conhecimentos? Jessé de Souza talvez não estivesse considerando as mídias alternativas com tanta circulação nos dias de hoje...

Outro argumento da obra de Souza é a que as ciências sociais perpetuaram o racismo científico da cor da pele, embora tivessem alegado uma ruptura com ele. Isso ocorre ao se

apontar a diferença entre pessoas com estoque cultural e aquelas que não o tem, havendo, por conseguinte, um racismo implícito. Em outras palavras, é a separação dos cidadãos de primeira classe dos de segunda classe, a partir de uma superioridade e uma inferioridade inatas. Segundo o autor, ao substituir racismo da pele por estoque cultural, o preconceito não aparece de forma tão descarada e, por isso, tem ares de científico. Tal percepção deixa clara a superioridade de uns e a inferioridade de outros, o que justificaria a relação de dominante e dominado, colonizador e colonizado, legitimando a sua condição. E mais do que isso, legitima a entrega de estatais nas mãos de estrangeiros, que estariam mais aptos a administrar do que o governo desonesto e corrupto.

Na mesma esteira, o autor defende que um cidadão brasileiro de classe média¹⁸ julga-se superior aos cidadãos de classes inferiores, tal qual um europeu se sente em relação aos cidadãos de países sul-americanos, por exemplo. E mais: haveria a ideia de que há uma separação entre aqueles que têm uma alma e outros que não a teriam, ou seja, “animalizados e percebidos apenas como corpo” (SOUZA, 2019, p. 21). Tal percepção não estaria somente vinculada aos escravos bem como estaria nas relações de classe social, entre povos, países, gêneros, raças, dentre outros. Essa hierarquização moral, segundo Souza, foi e é perpetuada pela religião, pela mídia e pelas indústrias culturais, como filmes e livros e se tornou naturalizada, colonizando a mente dos inferiorizados e oprimidos. Dessa maneira, o autor argumenta

Que os latino-americanos em geral e os brasileiros em particular tenham se deixado e ainda se deixem, até os dias de hoje, colonizar por uma concepção racista e arbitrária que os inferioriza e lhes retira a autoconfiança e a autoestima não é apenas lamentável. É uma catástrofe social de grandes proporções. (...) Afinal, é preciso convencer todo um povo de que ele é inferior não só intelectualmente, mas tão ou mais importante, também moralmente. (SOUZA, 2019, p. 24)

A partir dessa ideia, Souza (2019) explica que a elite dominante consegue controlar a população partindo desse argumento de superioridade em relação à massa e contra todo governo popular, trazendo condições para a população ter acesso a bens materiais e intelectuais para uma vida digna. A produção das ideias dominantes advém daqueles que têm acesso à

¹⁸ Souza (2019) apresenta uma divisão dos tipos de classe média, devido à sua heterogeneidade e complexidade, dividindo em quatro frações: a fração profascista, com cerca de 30% daqueles que odeiam abertamente as classes populares, potencialmente violentos quando criticados; a fração liberal, com 35% daqueles que servem muito às necessidades do capital e pouco às mudanças, inclusive da própria personalidade; a fração expressiva – moderna e emancipadora, ciente dos problemas sociais, ambientais, porém distante da luta em relação a esses problemas, ainda explorando e oprimindo as classes mais baixas –, com cerca de 20% e a fração crítica, com aproximadamente 15% da população da classe média, que participa ativamente na luta contra a corrente dominante.

reprodução da dominação simbólica: a classe dominante, a partir de legitimações, em especial no período contemporâneo, da ciência, por meio de especialistas que confirmam tais formas de se ver o mundo. Enquanto a imagem dos americanos é retratada como objetivos, pragmáticos e produtivos, Souza defende que os intelectuais brasileiros desenham os brasileiros como tradicionais, afetivos e com tendências à desonestidade. Logo, a elaboração de um racismo cultural partiria dos próprios conterrâneos.

A noção do homem cordial¹⁹ (BUARQUE DE HOLANDA, 2001) toma proporções negativas, sendo entendida como uma crítica ao brasileiro em virtude de suas características emotivas e corruptas, a partir da percepção de um povo inferior em relação aos americanos e aos europeus. O Estado, conforme o pesquisador, seria uma extensão institucional do homem cordial. De acordo com Souza (2019), tal concepção, disseminada tanto nas escolas quanto nas universidades, assim como na mídia por meio do discurso dos intelectuais dessas universidades, possibilita a elite fazer o que bem entender e culpabilize o Estado como corrupto. À mídia coube selecionar a quem seria direcionado o “ataque moralista conservador que nossos intelectuais construíram contra o povo e em benefício de uma ínfima elite.” (SOUZA, 2019, p. 36).

Souza apresenta-nos uma divisão de classes no Brasil que parte de uma classe média moralmente constituída. Essa classe considera-se superior em relação às outras, com o sentimento de ser o que há de melhor na sociedade. Uma delas Souza denomina, de forma provocativa, como a ralé brasileira, a classe condenada a quem se direciona ódio e quem se despreza por não se esforçar o suficiente para chegar na posição na qual a classe média se encontra e, por todas essas razões, poderia ser explorada pelas outras classes; e a outra, a elite, que não teria que fazer os esforços realizados pela classe média para chegarem na posição na qual se encontram, partindo do pressuposto que se envolveriam em esquemas milionários, bem como sonhariam impostos em paraísos fiscais. O pesquisador afirma que

A suposta superioridade moral da classe média dá a sua clientela tudo aquilo que ela mais deseja: o sentimento de representar o melhor da sociedade. Não só a classe que merece o que tem por esforço próprio, conforto que a falsa ideia da meritocracia propicia, mas, também, a que tem algo que ninguém tem, nem os ricos, que é a certeza de sua perfeição moral. (SOUZA, 2019, p. 142)

¹⁹ A noção do homem cordial, proposta por Buarque de Holanda (2001), refere-se a uma característica da sociedade brasileira, em que o brasileiro tende a estabelecer relações sociais que se baseiam na emoção e no afeto, valorizando a intimidade e as relações sociais em detrimento das regras e normas sociais, como também de princípios racionais e impessoais. Essa característica o levaria a agir de forma emocional e impulsiva, desde as relações pessoais quanto na esfera pública, política e econômica.

Souza esclarece que tal moralidade baseia-se em se indignar com o que a mídia, de forma seletiva, noticia a respeito do sistema político corrupto, manipulado pela elite do dinheiro, que controla a mente da classe média. Apesar disso, mantém-se com a consciência tranquila, mesmo explorando os indivíduos da classe baixa. A percepção do merecimento por meio da construção individual, ou seja, pelo estudo e trabalho árduos, desconsiderando as condições prévias para que tenha atingido a sua posição de privilégio. A distinção social se faz muito importante nessa divisão de classes, pois legitima o acesso a todos os capitais tanto para si quanto para os outros.

E quem compõe essas classes no Brasil, depois da escravidão? 1) a “ralé brasileira” composta por mulatos, mestiços e os ex-escravos que foram abandonados à própria sorte em uma ordem social competitiva (FERNANDES, 2008) e para a qual não foram preparados, a partir de 1888 quando ocorreu a assinatura da denominada abolição da escravidão; 2) uma plebe nacional composta por brancos vindos do campo para a cidade; 3) os segmentos mais cultos ou ao menos instruídos e os estrangeiros europeus que vieram trabalhar no campo para substituir a mão de obra escrava, mais acostumados com as condições capitalistas e que produziam mais na lavoura, pois recebiam por sua produção. Cabe ressaltar que os senhores de terra se livraram dos escravos explorados e também de qualquer obrigação com eles, usando, por fim, a mão de obra de estrangeiros que não encaravam o trabalho braçal como degradante (diferentemente dos escravos, obrigados a fazer tal trabalho em condições indignas); 4) as famílias tradicionais, proprietárias rurais das terras de café, que viriam a se tornar os burgueses capitalistas empreendedores na década de 1930.

À ralé não foi permitido qualquer tipo de ascensão social, considerando que perderam sua oportunidade de trabalho remunerado para os europeus. Exigia-se deles um trabalho desumanizado de tração muscular e, por conseguinte, desumanizados mais uma vez. Ao mesmo tempo, exigia-se também deles o mesmo orgulho que os europeus tinham de seus trabalhos manuais, colocando-os em uma situação de competição com os brancos. Desse modo, passam a ser vistos como “a escória proletária, o ócio dissimulado ou a criminalidade fortuita ou permanente” (SOUZA, 2019, p. 82). Já a mulher negra manteve seus afazeres nas casas dos senhores de engenho, uma vez que as estrangeiras não tinham interesse nesse tipo de atividade. Na visão de Florestan Fernandes (2008), isso poderia justificar a composição matriarcal das famílias negras ou das famílias pobres de qualquer cor.

Souza (2019) acrescenta ainda que à classe baixa atribui-se, inclusive nos dias atuais, o medo da rebelião dos negros, como consequência da escravidão. Eles são vistos como inimigos da ordem – seja em relação aos modos, ao pudor, à segurança e do respeito à propriedade. Isso

explica a repressão policial em relação a essa classe. As chacinas recorrentes de brancos pobres e negros é chancelada pelas classes média e alta e até comemorada, pois defendem a higienização das cidades bem como a manutenção de seus privilégios. Qualquer manifestação popular em busca de direitos é prontamente rechaçada pelas classes mais altas. O autor acrescenta que

A inclusão social de setores antes estigmatizados e marginalizados é sempre um “aprendizado político” coletivo e jamais decorrência natural do dinamismo econômico do mercado. Ao contrário, o mercado, deixado a si mesmo, tende a adaptar a marginalização de alguns e torná-la produtiva e funcional para os estratos superiores. (...) Essa luta de classes silenciosa exime toda uma classe dos cuidados com os filhos e da vida doméstica, transformando o tempo poupado em dinheiro e aprendizado qualificador. A classe roubada, no caso, é condenada eternamente a desempenhar os mesmos papéis secularmente servis. (SOUZA, 2019, p. 85)

Diferentemente do período em que o fenótipo e a origem durante o período escravocrata definiam o status na pirâmide social, atualmente essa divisão desigual se torna menos transparente, conforme o autor. Dessa forma, ele elucida que em países onde a escravidão ocorreu, os grupos minoritários mais diversos são submetidos – ou se espera que elas estejam – à escravidão, de modo a dissipar a resistência e a dignidade desses sujeitos. E, a todos eles, são dirigidos todo o ódio, o desprezo e uma culpabilização por seu próprio infortúnio advindos das classes média e da elite, os quais apoiam a perseguição pelas forças policiais, em razão de serem também encarados como perigosos e ameaçadores.

O autor afirma que esses sentimentos são os destinados àqueles a quem consideram sub-humanos, a quem lhes nega racionalidade, deslegitima-os e de quem as classes mais altas querem se distinguir. Tal superioridade vai ser diariamente repetida por essas classes e das mais diferentes formas. Qualquer projeto de ascensão social das classes baixas, como a criação de mais universidades públicas para a população – e, conseqüentemente, o aumento do capital cultural dos odiados –, leis e decretos que protegem e defendem os grupos minoritários ou protestos e movimentos sociais que os beneficiam, a classe média tenta de uma forma ou de outra interromper, classificando como manipulação dos partidos políticos para angariação de votos. Essas tentativas de interrupção são sempre realizadas com o apoio da mídia e monopolizadas pela elite.

Trata-se, portanto, de uma lógica muito maligna, pois se retiram todas as possibilidades de dignidade humana desses indivíduos, com a lógica meritocrática do *esforce-se muito, que você consegue* e, não a cumprindo, são marginalizados e criminalizados. A partir dessas reflexões a respeito das classes sociais e o lugar da chamada ralé brasileira, a narrativa

relacionada a essa classe será abordada. A partir dela, entendemos que há uma ideia de vilanização desses sujeitos, sobre a qual abordaremos no tópico a seguir.

1.4 A NARRATIVA DO VILÃO

Na visão neoliberal o medo exerce uma função moral, principalmente o medo do fracasso, de acordo com a pesquisadora Kátia Menezes de Sousa, no artigo intitulado *Acontecimento e argumentação no jogo político: a verdade na construção de heróis e vilões*, publicado em 2018. Além dessa função, é responsável por constituir um sujeito responsável, confiável e racional, bem como exerce uma função que segrega (LEMKE, 2014), dividindo a sociedade em grupos homogêneos, sejam eles sociais, étnicos, religiosos ou econômicos, a partir da ideia de que dentro de determinado grupo o sujeito estaria livre de perigo. Dessa forma, estariam em outros grupos o perigo, aqueles que não teriam medo e, por esse motivo, representariam risco. Em virtude disso, cria-se uma intransigência em relação a esses outros grupos, surgindo o ódio.

Os grupos minoritários se tornariam os *vilões* dessa história porque estão em outro lado e, por esse motivo, seriam inimigos, a quem se temeria e com quem se lutaria contra. Por estarem do lado oposto, ou seja, do lado da esquerda, eles seriam beneficiados por governos da esquerda. Ao serem priorizados dariam gastos aos cofres públicos e, segundo o discurso da classe média e a da elite, seriam elas que financiariam tais gastos de forma compulsória imposta pelo governo de esquerda, por meio dos programas de assistência aos grupos minoritários.

Do mesmo modo, cabe ressaltar que o governo de esquerda passa a ser inimigo, pois se toma a narrativa do governo corrupto e da possibilidade de crise econômica, em virtude de investir mais em programas sociais do que no crescimento econômico do país. As classes mais abastadas, em razão da corrupção do governo de esquerda, passam a se sentir traídas e, por esse motivo, passam a odiar a todos que apoiam ou são de alguma forma beneficiados por esse governo. A autora afirma que,

Para a economia neoliberal, as crenças religiosas, as diferenças étnicas, econômicas e sociais pouco importam na gestão de mercado, já que sofrem apropriação e são transformadas em consumidoras, mas, em momentos pontuais, atuam na realidade, e a identificação dos grupos homogêneos dos historicamente privilegiados e prestigiados no Brasil (as ditas “pessoas de bem”) com os ideais da direita conservadora foi muito bem-vinda para a configuração do lugar da moral e dos bons costumes, do conservadorismo. (MENEZES DE SOUSA, 2018, p. 187)

Assim sendo, estão, de um lado a esquerda e os grupos minoritários a quem o governo beneficia; de outro as classes abastadas e a direita conservadora, dos costumes e da moral, e,

principalmente, da manutenção dos privilégios. Se esses outros são os *vilões*, a posição que eles mesmos ocupariam seria não somente a posição de *heróis* como também de *vítimas* desses *vilões*.

No que diz respeito à posição de *heróis*, aliam a intransigência ao espírito salvacionista como forma de se preocupar com o outro – esse outro não pode exigir melhores condições de vida, ou seja, terem papel ativo na melhora das suas condições de vida, mas ao contrário, serem passivos e gratos pelas boas ações realizadas pela classe média e pela elite –, oferecendo-lhes empregos, cestas básicas e doações de bens usados no fim do ano, quando o espírito solidário doloso aparece. E mais: essa não pode ser a função do Estado, mas somente como filantropias esporádicas e exploração da mão de obra com salários baixos.

Nos demais meses do ano celebram a morte de pessoas de grupos minoritários, uma vez que a cada morte seria menos um para investir o tão merecido dinheiro conquistado com o próprio mérito bem como menos um inimigo a se combater. Não querem a inclusão social e a diminuição das desigualdades sociais, pois isso não é problema deles. Eles só querem manter seus privilégios, sem se preocuparem com esse suposto outro invejoso que desejaria a vida dele, querendo retirar dele esse direito. O discurso deles é de extermínio, de destruição desses outros que se utilizariam indevida e preguiçosamente do patrimônio dos sujeitos dessas classes.

A essas classes mais altas, a posse de arma foi liberada pelo governo da extrema-direita nos últimos anos com o intuito de tomar conta do patrimônio conquistado por essas classes e se proteger dos indivíduos de risco, “que constituem um elemento de insegurança, de causa do medo e de motivo para se buscar segurança a qualquer preço, mesmo que este preço seja sua exclusão ou anulação social ou até sua retirada do plano da visibilidade” (MENEZES DE SOUSA, p. 189, 2018).

Por essa razão, normalizaram a morte da população da classe baixa por meio da justiça com as próprias mãos, em especial das pessoas de grupos minoritários. Os crimes cometidos pelos heróis não são considerados crimes, são defesa de si, dos seus e de seu patrimônio. Eles podem ter uma arma para matar um cidadão não considerado de bem, a escória da sociedade. Nesse caso, o crime se justifica. Já aos grupos minoritários não são permitidos a posse e o porte de armas, primeiro porque não possuem condições de assim o fazer e segundo porque seriam considerados criminosos.

Esses papéis entre *vilões* bandidos e *heróis* justiceiros, conforme a pesquisadora, são bem delimitados discursivamente pela mídia, considerando os seus interesses políticos e econômicos na trama entre a esquerda criminosa e a direita justa e reveladora da verdade. As

cenar na grande mídia reproduzidas repetidamente mantêm os personagens em seus papéis e o público já espera pelas ações ali presentes.

Em relação ao papel de *vítimas* assumido pelos grupos privilegiados, verificamos a ideia de que os grupos minoritários estariam atuando de forma a retirar os seus direitos, como se os privilégios que detém fossem uma herança – ou por mérito. Ao se mobilizarem para lutar por seus direitos, os grupos minoritários estariam atacando indireta e diretamente tais grupos e, conseqüentemente, estariam pagando o preço por tais mobilizações sociais.

O discurso recorrente e incessante do excesso de gastos com programas sociais, a crise econômica associada aos gastos e a corrupção leva a população a comprar tal discurso. Nas redes sociais podemos notar os embates discursivos a respeito dessas pautas por meio de portais de informação duvidosos que passam a circular tais informações nessas redes. As agressões aos grupos minoritários, físicas e verbais, desse modo, passam a ser constantes com a justificativa – narrativa – de não terem moral, posto que sobrevivem em função das contribuições fiscais das classes mais altas, ao invés de seu próprio esforço.

Desconsideram, portanto, todas as diferenças sociais, econômicas e regionais em nome de uma meritocracia acessível a todos. Há, pois, um desejo de extermínio das pessoas que se identificam como de esquerda, sendo eles políticos, artistas, grupos minoritários, dentre outros. Complementando a asserção de Blum, Menezes de Sousa (2018), afirma que o que se refere a esses sujeitos funciona, em virtude de que “a força do dito faz um estrago tal que, mesmo depois de desmentido, a sua força continua irradiando sentidos para novos acontecimentos” (MENEZES DE SOUSA, 2018, p. 197).

De acordo com Agamben (2013), cria-se um estado de exceção a partir da disseminação do ódio a grupos vistos como perigosos e justificando atitudes fascistas em função de uma suposta segurança. Há, por isso, uma repulsa à diversidade religiosa, aos homossexuais, aos feminismos, aos negros e aos índios. De um lado, os autodenominados heróis – a direita conservadora, defensores dos valores da família tradicional e da pátria, os cidadãos de bem, a igreja e a mídia – e os vilões do outro, com a esquerda e as minorias, progressistas e, por esse motivo, defendem a destruição dos valores tradicionais.

Por último, cabe ressaltar que, por estarmos calcados na Análise do Discurso, pela qual fazemos um movimento de interpretação partindo da materialidade linguística, optamos por não trazer para esta discussão mais trabalhos do campo das ciências humanas. Reconhecemos que muitos trabalhos desse campo abordam a questão sobre heróis versus vilões e são muito profícuos. O estereótipo de vilania, a partir dessa dicotomia nós (heróis, vítimas) versus eles (grupos minoritários), será o fio condutor para a análise do corpus. No capítulo de análise,

trataremos da noção de estereótipo, discutido por Paveau (2013). Essa escolha se dá em razão de que estamos nos baseando nos pré-discursos para nossa análise, entendemos que, por meio da noção de estereótipos, seja possível tratar do par antitético heróis/vilões.

2 NOVOS OLHARES PARA O DISCURSO DIGITAL

Marie-Anne Paveau em sua obra *Análise do Discurso digital: dicionário das formas e das práticas*, publicado em português em 2021, no verbete *Análise do Discurso Digital* apresenta a sua descrição e sua definição. A autora nos informa que tal análise “consiste na descrição e análise do funcionamento das produções languageiras nativas da internet, particularmente da web 2.0²⁰” (PAVEAU, 2021, p. 57), a partir de enunciados elaborados com recursos languageiros e não-languageiros nos ambientes de produção.

Há, pois, uma proposta de se criar dispositivos metodológicos e teóricos para lidar com as especificidades morfológicas, lexicais, discursivas e semióticas dos discursos nativos da internet, uma vez que uma concepção tradicional das ciências da linguagem não seria capaz de considerar. Como exemplo, a autora cita que tais teorias não lidam com o funcionamento de uma *hashtag*, a categorização de uma URL, a descrição das formas digitais de um discurso relatado bem como formas de classificação automática de enunciados online. Uma análise do discurso digital, segundo a autora, se faz necessária para que sejam consideradas tais especificidades.

É preciso trazer antes algumas considerações iniciais como base para a Análise do Discurso Digital, em razão de que alguns conceitos e terminologias são questionados pela pesquisadora no âmbito da própria Análise do Discurso (tradicional). Começamos com a concepção de corpus digital nativo. Para isso, a autora aborda as noções de dados e de observáveis coletados.

A primeira noção corresponde a toda produção tecnolinguageira, o que inclui os discursos, os tecnografismos, as produções multimidiáticas, dentre outros, podendo o pesquisador coletar online. Já os observáveis são o resultado de um dispositivo de observação baseado nas escolhas epistemológicas, teóricas e metodológicas e que se constituem a partir do trabalho do pesquisador, conforme seus objetivos e hipóteses. A partir da hipótese de ampliação, o pesquisador pode recolher os comentários em um blog e os observáveis se constituírem de acordo com sua forma e seu conteúdo, fornecendo índices da característica da ampliação. Desse modo, o corpus se constitui de observáveis, não de um conjunto de dados.

Isabelle Pierozak (2010), em seu artigo *Les corpus électroniques en sciences du langage: un eldorado?*, faz uma provocação acerca dos recortes realizados pelos analistas, já que, geralmente, esses recortes são feitos baseados em um acontecimento, uma polêmica ou

²⁰ Alguns dos conceitos apresentados – web 2.0, nativo, ampliação, relacionalidade – serão melhor explorados ainda neste capítulo.

um gênero discursivo. Os pesquisadores estariam utilizando a internet com o intuito de encontrar um corpus e não o consideram como um corpus em si. Ao mesmo tempo, a pesquisadora reporta a dificuldade de se utilizar a internet como corpus devido a três fatores: por razão da quantidade de enunciados, da ampliação que tende a inumerabilidade e da sua hipertextualidade.

De modo geral, Paveau questiona como selecionar um corpus da internet, considerando a quantidade enorme de produções realizadas por minuto – com suas respectivas ampliações de diferentes formas e diferentes lugares – e por ela ser aberta a todos. E, em virtude disso, ela questiona se, para que houvesse uma representatividade satisfatória, seria necessário levantar uma quantidade de dados extensa para que a pesquisa fosse válida.

A respeito da ampliação, a autora apresenta que um jornal pode publicar em diferentes espaços digitais: no site, nas redes sociais, produzindo, de modo secundário, comentários, respostas, compartilhamentos, dentre outros. O que selecionar para o corpus? Somente os enunciados primeiros? A ampliação ficaria de fora? No caso da hipertextualidade, todo hiperlink presente no texto inicial deve obrigatoriamente fazer parte dos observáveis? Mesmo fazendo essa provocação, a autora deixa claro que tais questões ainda não possuem respostas e são necessários mais estudos para a análise do discurso digital não se apoiar em estudos pré-digitais. Em vista disso,

A relacionalidade dos discursos nativos na web torna-os, dessa maneira, potencialmente infinitos, e o fechamento do corpus, necessário para o trabalho do analista, deve ser considerado em uma lógica relacional, e não mais em uma lógica de coleta: os dados e os observáveis que resultam disso não são mais enunciados, mas relações, ou pelo menos enunciados relacionais. (PAVEAU, 2021, p. 139)

A autora propõe, pois, que o corpus digital nativo deve ser integrado pela Análise do Discurso, de modo a oferecer ferramentas teóricas e metodológicas, refletindo sobre a subjetividade do pesquisador, da elaboração do corpus bem como do gesto de interpretação, pois os discursos digitais nativos não são totalmente acessíveis aos pesquisadores, os quais devem compor seus corpus com os dados específicos aos quais têm acesso, pois cada internauta dispõe de uma espécie de rede personalizada ao seu alcance segundo os seus rastros e algoritmos, ou a partir da reconstrução de dados de outros internautas-escritores.

Paveau questiona a perspectiva dualista na pesquisa, que separa a subjetividade e a objetividade, a relação “entre espírito e mundo, espírito e corpo, linguagem e mundo, humano e não humano” (PAVEAU, 2021, p. 160). A autora nos apresenta, portanto, uma perspectiva

pós-dualista que deixa de lado tais dicotomias, para se pensar em um *continuum* entre a ordem do linguístico e do extralinguístico, entre discurso e contexto.

Importante ressaltar que, ao tratar da análise do discurso digital, a objetividade dos dados é atravessada pela subjetividade dos usuários (sejam eles os programadores ou os internautas). Baseada na teoria da cognição distribuída, Paveau afirma que as capacidades cognitivas dependem tanto de agentes humanos e suas capacidades internas quanto dos agentes não humanos, como artefatos, instrumentos, objetos, por exemplo. Sobre essa ideia, computadores, programas ou aplicativos participam também na produção dos sentidos, superando a hierarquia entre humano e não humano a partir da ideia de se pensar de forma integrada as atividades dos seres e das coisas.

Ainda sob a perspectiva pós-dualista, a autora refere-se a uma linguística simétrica, que rechaça a dicotomização entre a ordem da linguagem e a ordem da realidade, conferindo a ambos um lugar equivalente na análise linguística e estabelece um *continuum* entre os ambientes de produção e as matérias languageiras. A ideia de ambiente, por meio do qual muitos aspectos podem ser considerados, vai além de análises estritamente textuais e discursivas e integra outros componentes da vida humana e não humana. A opção pelo conceito de ambiente é realizada em contraste com o conceito de contexto, muito arraigado à noção de extralinguístico, ao que está fora do discurso. Na ideia de ambiente entende-se um ecossistema no qual se elabora o discurso, não como um pano de fundo que o determina. O agente enunciativo não se define como uma fonte, encontrando-se, porém, distribuído nesse ecossistema digital.

O que vimos, por conseguinte, é que a Análise do Discurso Digital não se apoia na noção de suporte, pois ao fazê-la mantém-se a perspectiva dualista do que está fora, da ordem do material, e do que está dentro da ordem languageira. Partindo dessa perspectiva, a autora propõe uma única ordem nos universos discursivos digitais: o tecnodiscursivo, sendo o técnico e o discurso cointegrados, “contribuindo igualmente para a produção tecnodiscursiva e, portanto, devem ser analisados como tal” (PAVEAU, 2021, p. 162). A autora afirma que corpo, máquina, competências languageiras e textos produzidos integram-se em um dispositivo comum, baseados em uma única materialidade compósita.

Paveau ressalta que os trabalhos realizados a respeito dos discursos nativos da internet permanecem logocêntricos, com foco na matéria languageira, conforme os pressupostos de base saussuriana. Tais trabalhos extraem, pois, tal materialidade do ambiente tecnológico, de modo a isolar em forma de excertos de corpus e são analisados por meio de teorias pré-digitais. A máquina, quando considerada um componente extralinguístico, é marginalizada e, por isso, os

trabalhos realizados lidam com uma forma estereotipada da língua, ao invés de considerar as formas singulares, diversas e com muitos ruídos.

Dessa forma, para além de se abandonar uma perspectiva logocêntrica da linguagem, Paveau propõe que se deixe de lado a representação antropocêntrica da máquina, reduzindo-a tão somente a uma ferramenta, neutralizando-a e transferindo todo processo de criação linguageira para o humano. Essa proposta da autora é o que tem de mais inovador em sua teoria do discurso digital, em que aproxima a perspectiva discursiva com o quadro da cognição distribuída. Baseada na dimensão cognitiva, Paveau entende os processos de construção de conhecimentos e como eles se constituem no discurso a partir de informações recebidas pelos sentidos, pela memória e pelas relações sociais. A cognição sairia dos processos mentais dos indivíduos e da cultura dos grupos para fazer parte de um fenômeno social e distribuído. Em vista disso, uma cognição distribuída também aconteceria por meio dos instrumentos cognitivos, como em artefatos, bloco de notas, lembretes, dicionários, dentre outros, sobre os quais trataremos no próximo capítulo.

A partir de uma perspectiva ecológica, a Análise do Discurso Digital toma como objeto o conjunto do ambiente no qual os elementos linguageiros se inscrevem, não somente eles separadamente como exclusivamente o discurso. De acordo com a autora, faz-se necessário tal perspectiva na análise dos discursos nativos da web para uma série de razões, a saber:

as formas tecnolinguageiras possuem componentes tecnológicos que uma análise logocentrada descartaria; a produção e a recepção discursivas on-line implicam gestos de escrita do usuário inseparáveis dos enunciados (clicar, rolar, tocar); os tecnodiscursos possuem uma dimensão relacional, sendo todos, em graus variados e em variadas configurações, ligações técnicas para outros enunciados. (PAVEAU, 2021, p. 159)

Para que isso ocorra, a autora defende a necessidade de se fazer com que os recortes selecionados sejam demonstrados em seu ambiente nativo, da maneira como eles são vistos pelos internautas. Considerando a limitação do gênero tese, feita para ser redigida em um programa de edição de textos offline e, posteriormente disseminada tanto no modo impresso quanto na versão em PDF, os exemplos serão trazidos em forma de captura de tela neste capítulo, a fim de apresentar os dados tecnodiscursivos, assim como o discurso nativo da web, porquanto tais capturas de tela são frutos da subjetividade da analista, que, para além dessa função, é também uma internauta.

No que se refere ao locutor, a autora afirma que o usuário é um praticante da escrita do meio digital bem como um usuário do tecnodiscurso, ou seja, tem experiências e interesses que lhe são individuais. Dessa forma, a autora sugere que esse usuário-produtor de sentidos poderia

ser chamado de esrileitor, pois os espaços de interação nesse ambiente possuem uma capacidade de memória e de redocumentação de textos nativos dispersos, sendo recriados dentro das práticas tecnolinguageiras por esse esrileitor. Portanto, “os discursos digitais nativos interrogam a linguística como disciplina, questionando seus princípios, seus métodos e seus objetos.” (PAVEAU, 2021, p. 32)

Para uma análise do discurso digital, a autora destaca a web 2.0. Essa web que surgiu no começo dos anos 2000, trata-se de uma web social ou participativa, conectando pessoas a partir da interação de agentes múltiplos, sendo, pois, a web das redes sociais e do compartilhamento multimidiático. A autora ainda cita a web 1.0, desenvolvida na década de 1990 e denominada como estática, a qual se baseia na distribuição de informações, em especial nos portais de informação e dos fóruns. Além das citadas, Paveau discorre sobre as webs 3.0 e 4.0, sendo que a primeira emergiu por volta de 2010, configurando-se como uma web de coleta, organização e armazenamento de dados, privilegiando as conexões móveis; já a segunda configura-se como uma tendência para esta década de uma web inteligente que integraria uma dimensão conectada a elementos da vida fora do ambiente digital. Isso posto, a partir da web 2.0, a qual a autora chama de terrenos de análise, verificam-se as redes sociais digitais, a blogosfera, a imprensa online, terrenos onde os enunciados são nativos da internet.

O discurso na web 2.0 é entendido e proposto pela autora como um tecnodiscurso. Cabe ressaltar que a escolha pelo uso do prefixo *tecno*²¹ vai além de uma alteração de sentido do radical, tratando-se, contudo, de uma opção teórica que também o modifica, de modo a pensar de maneira diferente do conhecimento científico tradicional nas ciências da linguagem, para além de uma visão antropocêntrica da máquina, reconhecendo o papel dela nas produções linguageiras. Desse modo, o uso do prefixo, em qualquer um dos termos propostos pela autora, tem como propósito deixar claro que as determinações técnicas coconstroem as formas linguageiras bem como multiplicam, de forma desmedida, a circulação dos enunciados online – dispersão própria do digital –, sem desconsiderar a relação entre sujeito, linguagem, máquina e sociedade. Logo,

(...) a especificidade dos discursos nativos da internet é justamente, entre outras, sua intensa relacionalidade, isto é, sua integração numa rede de relações algorítmicas que garantem o funcionamento e a circulação, ao mesmo tempo em que lhes confere características linguisticamente inéditas como a clicabilidade no plano morfolexical ou a imprevisibilidade no plano discursivo. (PAVEAU, 2021, p. 30)

²¹ A autora apresenta, além do termo tecnodiscurso, a tecnopalavra, o tecnosigno, o tecnônero do discurso e o tecnografismo, de modo a destacar a importância de uma análise do discurso do digital, conforme suas especificidades.

A ideia de uma proposta integrativa e ecológica vem para substituir tal perspectiva logocêntrica e antropocêntrica. Tal proposta não visa colocar em destaque a máquina em relação à produção linguageira feita pelos humanos, mas sim de tirar a exclusividade da produção da faculdade humana. A autora reforça ainda que tanto as máquinas quanto seus programadores permitem as produções linguísticas serem realizadas pelos locutores que escrevem no ambiente digital e que tais produções existam. Mais do que uma produção linguageira na máquina, trata-se, no entanto, de uma produção linguageira da máquina, realizada também por ela.

Além dessa integração, verifica-se a relacionalidade dos discursos nativos da web, pois, na arquitetura das redes, tais discursos estão todos materialmente interligados. A relacionalidade não depende de traços de intertextualidade e da interpretação do analista, mas é material e automática. Isto pode ser constatado por meio da investigabilidade dos enunciados online, mediante ferramentas de busca e pelo conceito da idiogitabilidade, por meio do qual qualquer enunciado na web possui uma forma única e subjetiva, a partir de “parâmetros de navegação, sociabilidade, de leitura e de escrita do internauta” (PAVEAU, 2021, p. 33). Logo, importa compreender que os incontáveis enunciados são links presentes em circuitos automáticos de busca, de tratamento e de redocumentarização. No próximo tópico serão apresentadas cada uma das características do discurso nativo da web e, em sequência, o corpus será mobilizado de acordo com a teoria da Análise do Discurso Digital.

2.1 AS CARACTERÍSTICAS DO DISCURSO NATIVO DA WEB

Paveau, em sua conferência *Ce que la technologie numérique fait aux sciences du langage: théories, méthodes, outils*²², proferida em agosto de 2020, no III Seminário Memória, Discurso e Arquivo na constituição do digital, promovido pelo Laboratório de Estudos Urbanos, da Unicamp (Labeurb), reforça que o discurso digital nativo é todo aquele necessariamente produzido online. Aqueles produzidos fora das redes e depois transpostos para a internet não se enquadram nessa categoria, em virtude de não possuírem rastros das ferramentas nativas na sua elaboração.

A partir disso, será abordado o conceito de tecnodiscurso, entendido aqui como um enunciado digital nativo dotado de características específicas para a produção online. Paveau revela que são seis as características desse discurso nativo da web: a composição, a

²² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_IfXRBIzhMM&t=1380s>. Acesso em: 22 mar. 2022.

deslinearização, a ampliação, a relacionalidade, a investigabilidade e a imprevisibilidade. Discorreremos nos itens abaixo sobre cada uma delas.

2.1.1 Composição

Paveau defende a necessidade de pensar o languageiro como um compósito heterogêneo, constituído por uma matéria mista – a linguagem e o social, o cultural e o histórico, o material, o tecnológico, o emocional, etc. Importante destacar que o termo compósito em sua obra se refere à co-presença do languageiro e do técnico nos discursos nativos da internet, uma perspectiva que supera a separação entre linguístico e seus exteriores. Dessa forma, os observáveis não são matérias estritamente linguísticas, mas matérias compósitas, compostas pelas matérias linguísticas de modo imbricado com o não-languageiro, de natureza técnica. (PAVEAU, 2021, p. 119)

Tal composição tecnolinguageira é desenvolvida pelo que a autora chama de hibridismo semiótico, podendo os tecnodiscursos serem plurissemióticos, mobilizando “texto, imagem fixa ou animada e som” (PAVEAU, 2021, p. 58). Paveau cita as tecnopalavras como exemplos de elementos visivelmente compósitos, tratando-se de segmentos clicáveis, trazendo em si uma função digital, funcionando como uma espécie de chamada digital, carregando em si um elemento tecnológico. A autora cita ainda as *hashtags*, os identificadores (ou pseudônimos) e os hiperlinks, sendo que, no primeiro caso permite-se organizar a informação agrupando diversas mensagens, garantindo a sua redocumentação “que depende da investigabilidade dos enunciados nativos da web” (PAVEAU, 2021, p. 120); já no segundo, a tecnopalavra permite ao internauta realizar operações online como: retornar à sua página principal, acessar as páginas de outras pessoas que possuam redes sociais – e lá acessar os seus conteúdos publicados, compartilhados. Além dessas, a autora cita as palavras-consignas ou tecnopalavras instrutivas, aquelas que executam determinados comandos: *abrir, compartilhar, like, encontrar amigos*, dentre outras. E os hiperlinks, URL’s clicáveis, abreviados ou não, que permitem acesso a outros sites, ou seja, garantem a deslinearização de um primeiro enunciado, permitindo o acesso a um outro enunciado.

Na referida conferência, a pesquisadora sugere que, em uma análise discursiva se englobem tais elementos, não só uma análise das questões verbais, considerando a técnica como um componente estrutural dos discursos. Ela defende também que, a partir dos enunciados nativos do espaço digital e a sua transformação trazidos por tais enunciados à ciência da linguagem, verifica-se que se trata tanto de uma enunciação material quanto corporal. A enunciação passa a ser feita por meio de outros meios, pois passa a ser realizada

pelas mãos e por gestos de enunciação que se efetivam e executam ao escrever no ambiente digital, deixando de ser realizada pela boca, por meio da pronúncia das palavras, pela caneta ou pelo papel para ser realizada por meio dos computadores.

Ainda para falar da composição, Paveau cita os tecnografismos como uma forma nova de se conceber os enunciados digitais nativos, como uma produção semiótica associada a textos e imagens em um compósito multimidiático nativo da internet, configurando-se como produto de ferramentas e textos tecnológicos que se enquadram nas normas discursivas dos discursos digitais nativos da web. Segundo ela, não há uma autonomia do texto, nem da imagem. Ao excluir o texto da imagem, com o intuito de analisá-lo, um linguista não entende, por exemplo, os memes, visto que se trata de uma imagem-texto.

A fim de tornar clara essa ideia de tecnografismo, Paveau refere-se à iconização do texto online, a partir da elaboração e da formatação de um enunciado no formato e no código representacional da imagem, seja por meio de textos e ícones co-construídos em compósito, não sendo analisados separadamente. Observamos que o uso da imagem-texto nas redes sociais é frequente, com destaque para o *Twitter*, já que, conforme a autora, três quartos dos tuítes são tecnográficos. O tecnografismo demarca o visual do discurso digital nativo, o qual se destaca na produção nativa online do discurso iconográfico. Além disso, são transformados em formas cotidianas das discursividades da web social.

2.1.2 Deslinearização

A deslinearização lida com a intervenção de elementos clicáveis no fio do discurso, que orientam o leitor-escritor de um fio-fonte para um fio-alvo, de modo a instaurar uma relação entre dois discursos. A tarefa do internauta de passar o tempo clicando em diferentes links por várias horas, de modo que se esquece qual foi o primeiro texto acessado, seria a concretização dessa deslinearização.

Tal ação é produto de uma decisão do internauta-leitor que ativa os elementos clicáveis por enunciado de gesto. Tal enunciado é uma fórmula apresentada por Serge Bouchardon (2011) como uma escreitura. Se o internauta ativar um link de um hipertexto em um computador, clicando nele com a mão, realizará um gesto permitindo-lhe escrever no texto, uma vez que abrirá outra janela, continuando a escrita do texto. Dessa forma, a autora afirma que se pode falar de uma elaboração do fio do discurso, no qual as matérias tecnológicas e languageiras são co-constitutivas e afetam o fio do discurso, sendo, portanto, uma combinação sintática.

As tecnopalavras e os hiperlinks configuram-se como os elementos tecnolinguageiros deslinearizadores. As tecnopalavras, por serem segmentos clicáveis, a partir de programas de escritura das plataformas, permitem o acesso a outros textos-alvo a partir de um gesto de escrita (por mecanismos de busca) como também por meio de um gesto de escritura de uma *tag* ou uma *hashtag*, por exemplo. Tais tecnopalavras direcionam o internauta para contas, feeds, tópicos, dentre outros. A cor e o cursor aparecem aqui como marcadores de clicabilidade, pois um link na cor vermelha indica que foi clicado previamente e comprovam/confirmam a deslinearização já realizada para o internauta. A mudança do formato do cursor – de flecha, que passa a ser o ícone de uma mão – demonstra que aquele link é clicável, sendo assim, um sinal de clicabilidade.

Já os hiperlinks, a partir de URLs diretamente clicáveis, seja no formato longo ou na sua versão reduzida, bem como a partir de URLs indiretamente clicáveis, se apresentam discursivizados em uma palavra ou enunciado. A autora denomina esse segundo caso como URL discursivizada. É um recurso muito comum em blogs e é realizado pelo próprio tecnoescritor a partir da inserção de link de valor enunciativo.

A deslinearização implica o dever de elaborar uma categoria sintática para os hiperlinks, pois as categorias sintáticas da gramática tradicional não são suficientes para isso, tendo em vista que se trata de linhas de código. A ideia de uma tecnopalavra vem como uma possibilidade de se efetivar tal elaboração, o que implica uma mudança no eixo sintagmático do discurso, devido a essa possível deslinearização, pois o fio do discurso não é linear. Implica também considerar que a enunciação passa a funcionar em diferentes planos, e se pode ter na mesma frase diferentes pontos de referência enunciativos, dentro de um mesmo campo enunciativo (diferentemente de enunciados pré-digitais em que há marcadores implícitos).

Trata-se de pensar uma forma de escrita por meio da qual ler e escrever possam ser pensados como um mesmo gesto, ao mesmo tempo. A leitura no ambiente digital é realizada com as mãos, que, por meio do clique, abrem-se novas janelas e novos espaços discursivos. Logo, o ato de leitura é um ato de escrita. As cores possuem um significado linguístico e devem ser integradas nos elementos linguageiros, sendo verdadeiramente funcional para os estudos da linguagem.

2.1.3 Ampliação

As plataformas da web 2.0, por definição conversacionais, são ampliáveis seja por meio de comentários, respostas, compartilhamentos, dentre outros. Tal ampliação torna os enunciados inumeráveis tanto do ponto de vista das produções a partir de enunciados primários

quanto da própria enumerabilidade das ampliações, por meio de enunciados secundários e de enunciados terciários. Destacamos os aplicativos de conversa, como o *Whatsapp* e o *Telegram*, por meio dos quais a ampliação se torna imensurável, em virtude de as mensagens serem trocadas de forma privada entre os usuários.

No que diz respeito aos enunciados primários, a produção de tuítes, e-mails, posts realizada pelos internautas também é imensa, sendo constantemente ampliada. Já no segundo seria a ampliação desses enunciados primários, como um comentário em um post em uma rede social ou em um blog tal como uma resposta a uma postagem (enunciado primário). O enunciado terciário configura-se a partir da inumerabilidade de compartilhamento e circulação dos enunciados secundários.

A autora acrescenta que “o computador e os ecossistemas da escrita digital ampliam as capacidades de escrita dos humanos permitindo-lhes realizações que a mão e a caneta não permitem, e abrindo-lhes possibilidades de expressão e comunicação.” (PAVEAU, 2021, p. 53) A escrita digital é ampliada na medida em que tais possibilidades ultrapassam as da ordem de razão gráfica e se configura a partir de dois tipos: 1) da prolongação dos escritos por meio de adições, – em especial por meio de comentários e por circulações facilitadas – compartilhamentos e reblogagem; 2) da escrita a várias mãos, um texto produzido por diferentes escritores simultaneamente no mesmo espaço sem que suas enunciações sejam confundidas²³. Em ambos os casos, a ordem da enunciação é implicada e modificada.

A atividade de leitura é ampliada online e sua compreensão não depende somente da primeira enunciação, mas a partir da integração de diferentes enunciações tanto do primeiro enunciador quanto de segundos, realizadas nos comentários, nos compartilhamentos e nas circulações. Assim, a instância enunciativa não se trata mais de uma figura única. Partindo de uma questão muito comum nos estudos linguísticos benvenistianos que identifica um enunciador, um enunciatário, um lugar e um tempo específicos, quem fala a partir da posição enunciador dentro de um contexto digital, sem a revisão dessa posição, senão por meio da noção de ampliação?

Logo, Paveau sugere a noção de um enunciador ampliado, pela qual os comentários não somente adicionam conteúdo como prolongam o texto inicial, considerando que as discussões

²³ A autora discorre e traz o exemplo do enunciador coletivo, manifesto por uma coletividade constituída por diversos escritores, realizada de forma explícita e manifesta visualmente. A autora refere-se a uma ferramenta de escrita coletiva colaborativa, o *pad*, que permite que diversos autores escrevam de forma simultânea e suas produções apareçam devidamente identificadas com cores diferentes. Para verificar o exemplo, ver Paveau (2021), p. 56.

ali realizadas podem ser ampliadas pelos comentários. A partir da questão levantada, Paveau questiona:

...em última instância, quem será o enunciador da publicação? Qual será a unidade textual a considerar para compreensão e análise? Limitar a unidade à publicação ou ao estatuto do proprietário de uma conta é um procedimento consideravelmente redutor em termos de contextualização e, portanto, de significação. De fato, os comentários produzem um efeito retrospectivo sobre as unidades primeiras e modificam, assim, suas significações. (PAVEAU, 2021, p. 54)

O que a autora questiona – e que são questões inéditas possíveis, graças às possibilidades tecnodiscursivas de ampliação – é sobre a unidade-texto da publicação, bem como do valor da assinatura individual de cada texto. A ampliação realizada pelos links hipertextuais, práticas nas escritas digitais, é outra maneira de ampliação, na qual o enunciador do texto-fonte se amplia com os dos textos-alvo escolhido pelo escritor.

2.1.4 Relacionalidade

Todos os enunciados produzidos em um ambiente digital estão interligados com os enunciadores, com os aparelhos, como também entre os enunciados tecnodiscursivos em si. Devido ao fato de que todas as contas são pessoais – a ideia de *personal computer* se estende às suas redes sociais, suas contas e suas *timelines*, aos seus navegadores, etc – os enunciados digitais nativos também são subjetivos. Por conseguinte, há uma coleção de links construída para cada um ao longo do tempo, seja aceitando ou recusando amigos, fazendo ajustes de interface, etc.

A maneira como os enunciados aparecem são produzidos e recebidos na *timeline* de cada um está integrada à conta de cada usuário: o que se vê, o que se faz, tudo é feito de forma única. Isso significa dizer que a interface depende do conjunto de suas relações, ou seja, de sua relacionalidade. Além disso, a relacionalidade material com os aparelhos acontece de forma semelhante: todos os enunciados estão ligados ao momento de sua escrita e, por isso, há uma relação material com os aparelhos. No momento em que um usuário escreve, ele é um enunciador presente, tal como o receptor. Em outras palavras, todo enunciado nativo digital necessita, para a sua existência material, da presença do enunciador e de um receptor, via funcionamento do aparelho.

A autora ressalta que a ligação material depende do tipo de aparelho – se celular, se computador ou tablet –, uma vez que os diferentes aparelhos produzem ligações e produções verbais diferentes. A autora cita o *Twitter*, que pode ser utilizado tanto no computador quanto

no celular: a mesma mensagem é difundida, porém reproduzida de modo diferente. Em uma análise do discurso digital, é importante o analista deixar claro por meio de qual aparelho está utilizando para analisar, devido a essas diferenças de reprodução.

Isso implica dizer que os observáveis serão relacionais e seus corpora são idiodigitais, ou seja, são dependentes do ponto de vista exclusivo do internauta. Significa também dizer que se deve repensar o corpus, de modo a não os pensar em forma de lista ou de série, mas em um corpus relacional, com enunciados inter-relacionados. Desse modo, trata-se de um corpus subjetivo, representativo de um único internauta – no caso, o pesquisador – e do que ele vê em sua máquina. Os observáveis são, pois, instáveis, e não são dotados de uma forma fixa.

A investigabilidade e a imprevisibilidade – as duas próximas características – estão ligadas à relacionalidade. A primeira lida com a possibilidade de busca: se podem ser buscadas, investigadas, isso significa que são tecnodiscursos relacionados. Já a segunda se conecta com a relacionalidade a partir de sua implicação com a forma e a circulação dos tecnodiscursos, os quais não se pode controlar. O locutor-escritor simplesmente ignora grande parte dos links existentes entre os enunciados produzidos ou lidos por ele, uma vez que a dimensão tecnológica da escrita digital não é visível na tela.

2.1.5 Investigabilidade

Conforme a autora, é necessário considerar o fato de que os discursos nas redes sociais são investigáveis, podendo ser procurados, pesquisados, localizáveis e coletáveis por meio de “eventuais menções, utilizações, repetições, etc” (PAVEAU, 2021, p. 59). A presença digital dos locutores é rastreável por meio de mecanismos de busca, podendo ser verificado por meio dos enunciados online relacionados entre si. Não há qualquer enunciado que seja autônomo, mas estão todos vinculados entre si, a não ser que sejam sujeitos a procedimento de apagamento. A web fornece seus próprios motores de investigabilidade, motores esses que são globais e são integrados às redes, às *tags*, etc.

A investigabilidade do discurso digital produz o que a autora chama de tecnogêneros do discurso, ou seja, aqueles gêneros específicos da web derivados do processo de redocumentarização²⁴.

²⁴ Redocumentação (redocumentarização) é uma operação tecnodiscursiva que está articulada à investigabilidade do discurso: “a retomada no seio de um novo documento, do conteúdo dos rastros gerados da forma automática após a interação do usuário com o sistema informático” (YAHIAOUI, 2007, p. 198). De acordo com Paveau, na conferência citada, “online, os rastros se tornaram elementos linguísticos, se tornaram objetos para a Linguística.”

2.1.6 Imprevisibilidade

A última característica dos discursos digitais nativos é a sua imprevisibilidade. A autora a entende como aquilo que é imprevisível entre o produto previsto pelo gosto de escrita do locutor e o produto que é efetivamente o produto. Na obra, ela acrescenta que também é impossível o enunciador-escritor prever a forma e a circulação de suas produções linguageiras online. Em ambientes digitais nativos, a intencionalidade de cada um é imperfeita.

Os algoritmos, os links, as possibilidades de compartilhamento e de uma redocumentarização da web participativa são alguns dos motivos que tiram a possibilidade de intenção de escriturais iniciais com os formatos finais dessas escrituras, pois não há controle na forma como vai se desenvolver o que se digita no teclado, não há controle sobre o software. O software, por sua vez, pode ser modificado a qualquer momento pelos programadores. Dessa forma, não é o locutor que escreve, quem escreve é o programa em um computador.

Isso implica a dissociação entre a intenção do escritor e a sua produção verbal; o que significa abandonar a ideia de uma enunciação intencional, daquilo que se diz e o que se tem a intenção de dizer (mesmo que a AD já tenha abandonado tal ideia há muito tempo, a ideia de recepção ainda aparece). No discurso digital, não é possível observar a recepção.

Na obra, a autora defende que a imprevisibilidade se manifesta de diferentes formas, como pela hipertextualidade, pelo compartilhamento, pela viralização e pelas figuras do leitor inesperado. Quanto à hipertextualidade, Paveau esclarece que, ao inserir um link, há uma antecipação do locutor-escritor sobre os percursos de leitura do escrileitor. Entretanto, a maneira como este internauta vai escolher fazer esse percurso não está nas possíveis previsões do escritor – nem sequer é antecipável pelo escrileitor: se ele vai fazer essa leitura e retornar ou se ele vai abandonar a leitura inicial. Dessa maneira, a escritura é individual, sem representação prévia e depende exclusivamente do internauta.

Já a respeito do compartilhamento, a autora informa que tal ação implica a circulação de documentos de um ecossistema a outro, sejam eles escritos, orais, fotográficos, etc. Esse compartilhamento é realizado de forma automática por funções específicas das plataformas, pelas quais não se é possível prever a abertura de determinadas páginas ou outras, o compartilhamento por meio do copiar-colar de uma mensagem eletrônica ou de um texto em word com links eletrônicos em uma rede social ou aplicativo de conversa; ou de forma manual, na ocasião em que o compartilhamento automático não funciona como desejado pelo internauta ou porque não existe tal função. A autora cita o exemplo de se tentar inserir um artigo de imprensa na rede social *Facebook* e a ilustração aparecer diferente da que o internauta deseja

e, em virtude disso, ele faz o download da imagem que lhe agrada, anexa na rede social e, posteriormente, inclui o URL do artigo.

Paveau discorre também sobre a imprevisibilidade da viralização na web, a partir da circulação rápida e massiva de conteúdos, quanto aos lugares onde circulará, à natureza dos receptores bem como os efeitos de sentido produzidos. A multiplicação de compartilhamentos torna impossível ser prevista e rastreada posteriormente ao fenômeno da viralização. Destacamos a importância dos aplicativos de conversa nesse tópico, em virtude da privacidade de seus usuários e da dificuldade de rastreamento das informações compartilhadas por meio deles. Em razão de serem privados e não rastreáveis – a não ser que seja solicitada por meios judiciais – torna-se ainda mais difícil a tarefa de verificar a ampliação realizada por tais aplicativos.

Por último, trata da imprevisibilidade da acessibilidade digital a partir de leitores inesperados. A autora cita o caso de um artigo sobre a gestão de pandemias, recebido por um editor de uma revista de renome. O editor foi surpreendido quando, ao contactar o autor do artigo, deparou-se com uma estudante de 15 anos que havia tido contato com o assunto em uma feira de ciências e pesquisado sobre o assunto na plataforma Wikipedia, como também a partir de literatura especializada de acesso livre. Essa figura do leitor inesperado desempenha um papel de destinatário não identificado pelo usuário, ou seja, impossível de prever o seu discurso.

No fim de sua conferência, Paveau nos questiona: “O que a tecnologia digital faz às ciências da linguagem?” De acordo com a pesquisadora, cabe aos pesquisadores considerarem uma enunciação material e corporal; considerar uma enunciação visual dos discursos digitais nativos, ou seja, a iconização do texto; efetuar modificações da sintaxe (devido aos hiperlinks, por exemplo); construir observáveis relacionais e corpus idiodigitais; considerar a existência do tecnômetro do discurso, visto que ele é o discurso nativo da web (e não como derivado dos gêneros do discurso pré-digitais); dissociar a intenção do escritor e a produção verbal.

Desse modo, o discurso digital mobilizado para este estudo será descrito a seguir, conforme a teoria abordada neste capítulo. Apresentaremos, inicialmente, o movimento *Sleeping Giants* realizado pela rede social *Twitter*, o qual nos motivou a selecionar os sites mobilizados para esta pesquisa. Em seguida, descreveremos os sites e as notícias selecionadas. Tanto o movimento quanto os sites selecionados serão descritos à luz das seis características do discurso nativo da web, apresentadas acima.

2.2 O MOVIMENTO *SLEEPING GIANTS*

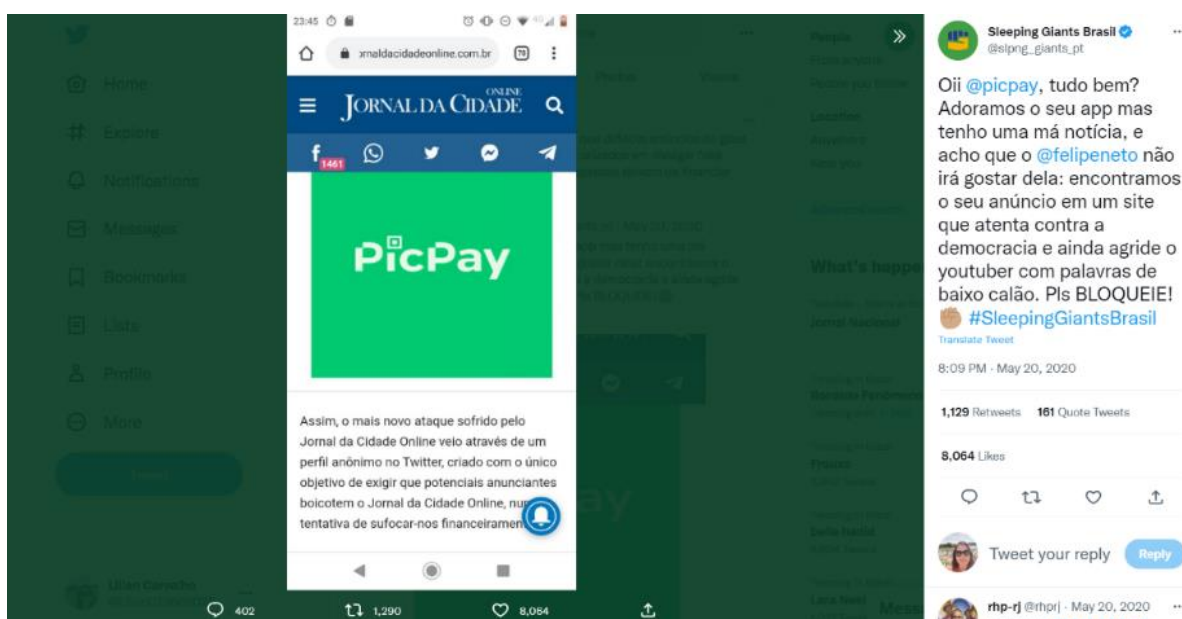
O *Sleeping Giants* foi criado em novembro de 2016 nos Estados Unidos após a eleição de Donald Trump e visa, desde a sua criação, ser um instrumento contra a desinformação e a

disseminação do ódio na internet. O projeto se difundiu pelo mundo, inclusive no Brasil, a partir de meados de 2020. Todo o movimento é realizado por meio da rede social *Twitter* e sua missão é alertar empresas de que suas propagandas estão financiando sites que propagam desinformação, ou seja, gerando lucros a partir dos seus anúncios veiculados em suas páginas. Posto isso, entendemos o movimento como uma forma de denúncia dos sites.

Assim sendo, o administrador da conta do *Sleeping Giants* na referida rede social divulga as capturas de tela nas quais constam os anúncios de empresas e as compartilha nos perfis no *Twitter* dessas empresas, cujos anúncios constam nessas páginas. Após essa divulgação, os usuários do *Twitter*, seguidores ou não do perfil do *Sleeping Giants*, compartilham a denúncia, dando ampliação à postagem inicial, tal como para pressionar as empresas que possuem seus anúncios no site denunciado. Com isso, as empresas ao serem marcadas nas postagens, são pressionadas a solicitar a remoção de suas publicidades dessas páginas e, conseqüentemente, a desmonetizar os sites. O ato de protestar, portanto, acontece no ambiente digital, por meio do clique e pelo compartilhamento dos enunciados primários.

A fim de exemplificar como são feitas as denúncias, realizamos uma busca na rede social *Twitter* para verificar como aconteceu a composição do movimento de desmonetização de um dos sites mobilizados nesta pesquisa, o *Jornal da Cidade Online*. No dia 20 de maio de 2020, o perfil *Sleeping Giants Brasil* fez o seguinte post:

Figura 1 – captura de tela da rede social *Twitter* com o post do *Sleeping Giants* Brasil

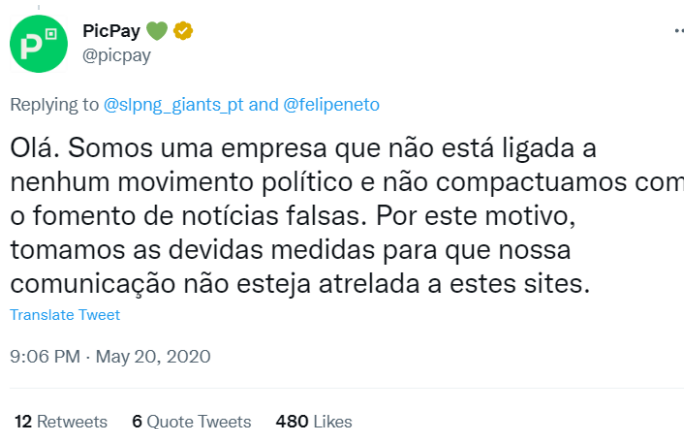


Fonte: Twitter

A empresa *PicPay*, um aplicativo de pagamentos que também funciona como um correspondente bancário, pelo qual o seu usuário efetua e recebe pagamentos pelo seu celular, foi marcada nessa postagem realizada pelo *Sleeping Giants* por intermédio do texto clicável, realizado pelo ícone @. Além disso, também como elemento clicável o perfil de Felipe Neto e a hashtag *#SleepingGiantsBrasil* que possibilitam a deslinearização aos usuários. Os elementos clicáveis marcados com o ícone @ levam aos perfis da empresa e do empresário. Já a hashtag leva a postagens de outros usuários que utilizaram a mesma hashtag. O uso dela apresenta a adesão dos usuários ao movimento, garantindo a redocumentarização e serve também como um mecanismo de investigabilidade.

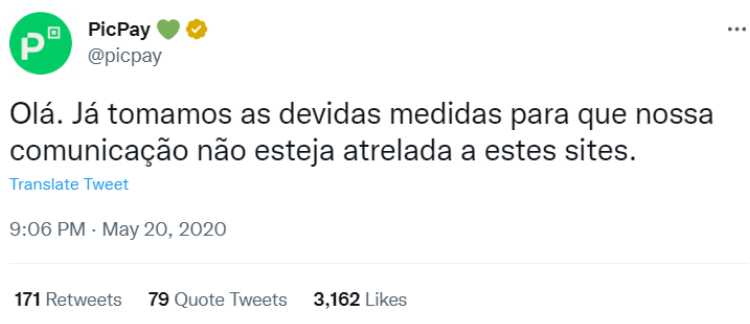
Muitas pessoas retuitaram o post – 1129 compartilhamentos –, mais de 8 mil curtidas e há diversos comentários, o que demonstra a ampliação que o tuíte teve e, por consequência, a adesão à campanha de desmonetização do referido site. A ampliação realizada pelo movimento, no entanto, acontece não pela adesão ao discurso, mas pela discordância com o anúncio, como podemos ver na figura 1. Na postagem há uma advertência de que um anúncio da empresa se encontra no site *Jornal da Cidade Online*, a que o *Sleeping Giants* denomina como *site que atenta contra a democracia*. Menos de uma hora após a publicação, a empresa se manifestou, como observamos nas imagens abaixo:

Figura 2 – captura de tela de tuítes da empresa *PicPay*



Fonte: Twitter

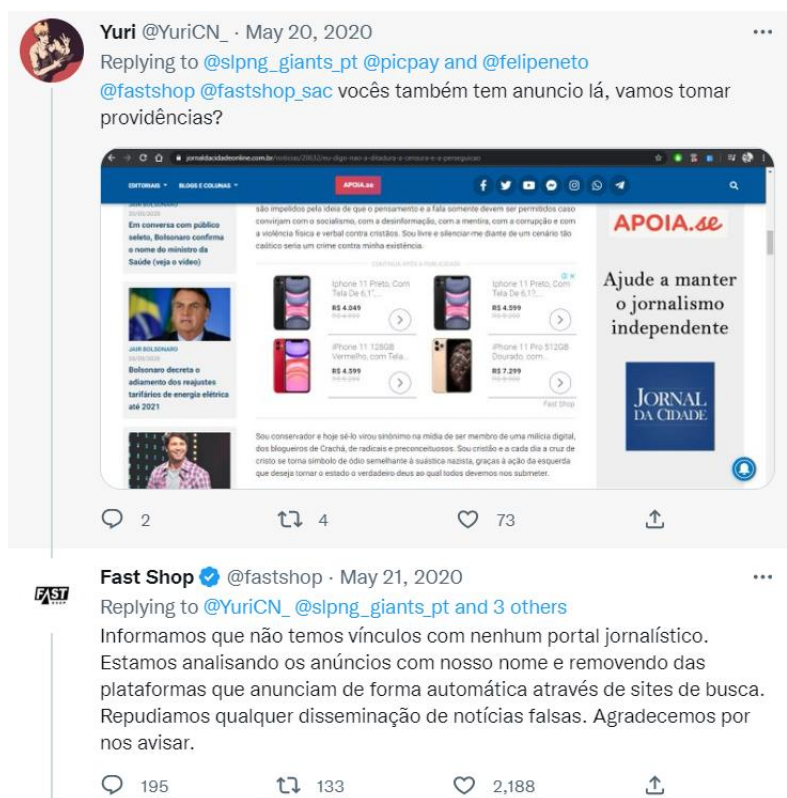
Figura 3 – captura de tela de tuítes da empresa *PicPay*



Fonte: Twitter

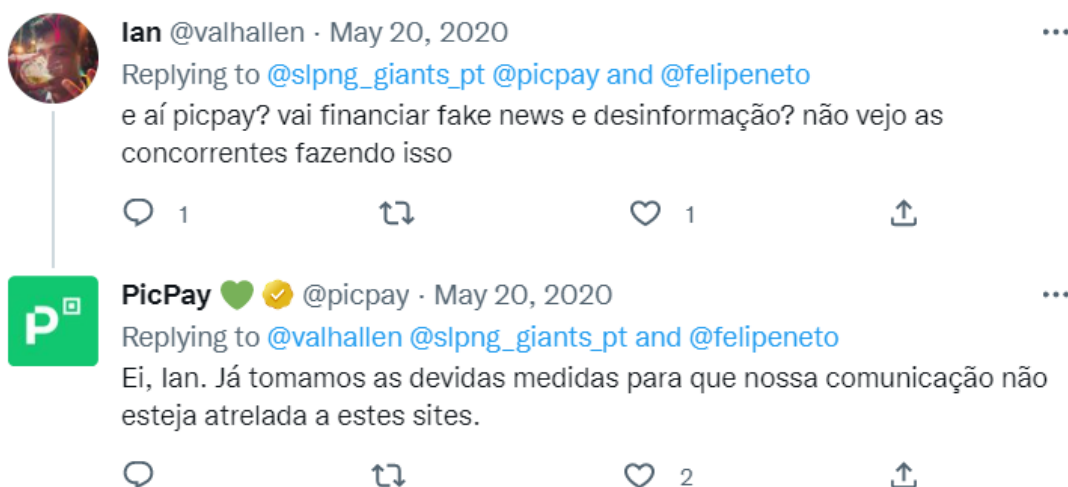
As manifestações dos usuários geralmente aparecem de forma a pressionar a empresa marcada no post com capturas de tela de anúncios de outras empresas no mesmo site. A postagem inicial é realizada pelo administrador do perfil *Sleeping Giants* e, nos comentários, observamos várias capturas de tela de diversos usuários referentes a outros anúncios veiculados no site *Jornal da Cidade Online*. Percebemos, por conseguinte, que a pressão para a desmonetização desses sites ocorre em forma de campanhas, com foco em um único site por vez. Dessa maneira, notamos que as manifestações ocorrem em forma de protesto contra os sites selecionados, como vemos nas capturas de tela a seguir:

Figura 4 – captura de tela de tuítes sobre o anúncio da empresa Fastshop



Fonte: Twitter

Figura 5 – captura de tela de tuítes sobre o anúncio da empresa Picpay



Fonte: Twitter

É importante destacar que as publicidades são veiculadas por empresas de serviços de publicidade online, sendo o mais conhecido o *Google AdSense*. Trata-se de um serviço pago, em que as empresas contratam para fazer propaganda de seus serviços e produtos. Além da visibilidade de seus serviços ou produtos, a empresa que contrata esse serviço recebe pelos acessos a sua publicidade, por cada clique ou visualização. O serviço de publicidade online, por sua vez, remunera não somente a empresa que contrata seu serviço de publicidade, monetizando também o site em que as publicidades são veiculadas.

No caso acima, se um leitor do site *Jornal da Cidade Online* clicar no anúncio do *PicPay* tanto a referida empresa *PicPay* quanto o site são remunerados. Ou seja, ambos recebem não pela venda do produto, mas pelo clique no anúncio. O que está à venda, nesse caso, é o clique do usuário. E mais: os anúncios são personalizados em conformidade com o hábito de navegação do usuário. Logo, se o usuário pesquisa sobre um determinado produto em uma ferramenta de busca ou em um site de compras, o AdSense direciona a esse usuário os anúncios relacionados à pesquisa realizada por ele.

Com relação às *medidas* citadas na figura 5 pela empresa *PicPay*, a empresa se refere à revisão de políticas que afetam a veiculação de anúncios. Nesse caso, a empresa acessa a página do *Google AdSense* e informa o endereço online onde não deseja que seus anúncios sejam veiculados, criando uma espécie de lista negra de sites em que não quer veiculadas as suas

publicidades. A empresa pode personalizar e acrescentar sites onde a empresa deseja a veiculação do anúncio, de acordo com o interesse do anunciante²⁵.

É interessante notar a seleção dos veículos midiáticos que o movimento *Sleeping Giants* fez para reivindicar a desmonetização. Dessa forma, questionamo-nos: por que estes sites e não outros? Por que somente os sites que se filiam à extrema-direita são mobilizados pelo movimento e não outros? Por que jornais da grande mídia, como a Folha de São Paulo, com um percurso histórico significativo, tratando-se de grandes empresas, com muitos profissionais – leia-se: não amadores –, não são questionados por esse movimento? Por não estarem na mira dos movimentos de desmonetização, tais jornais estariam imunes de se divulgar uma notícia falsa, distorcida ou até mesmo de um discurso intolerante? Tais mídias não são questionadas e, quando o são, alegam ignorância. Lembrando: vindo de jornalistas formados, especialistas ou autoridades no assunto. Em virtude disso, concluimos que, apesar de ser um movimento que tem realizado um trabalho importante de desmonetização de sites ligados à extrema-direita, precisamos reconhecer que o movimento tem deixado de lado os jornais tradicionais. É importante destacar que os tais jornais nem sempre estão comprometidos com os fatos, mas com o furo de notícia, em serem os primeiros a revelar determinado acontecimento.

2.3 DESCRIÇÃO DOS SITES DO DISCURSO NATIVO DA WEB

Como verificamos, a escolha dos sites foi realizada em virtude de estarem sendo desmonetizados por conta de denúncias de notícias falsas e de discursos intolerantes. Selecionamos os sites *Brasil Sem Medo*, *Estudos Nacionais*, *Jornal da Cidade Online*, *Conexão Política* e *Brasil Paralelo*. Escolhemos esses sites em virtude de se apresentarem como portais de informação mediante gêneros do discurso jornalístico, deixando de fora aqueles sites denunciados pelo movimento *Sleeping Giants* que se apresentam como blogs pessoais.²⁶

Importa esclarecer que todo o corpus foi acessado via computador, por meio do navegador *Google Chrome*, no qual não havia instalado qualquer tipo de bloqueador de anúncios. Baseada na característica da relacionalidade, entendemos que as contas pessoais são afetadas diretamente pelos enunciados digitais nativos, em virtude especialmente dos algoritmos. Logo, a afirmação de que o corpus é idiodigital significa dizer que depende exclusivamente da navegação do internauta.

²⁵ Disponível em: <https://www.google.com/intl/pt-BR_br/adsense/start/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

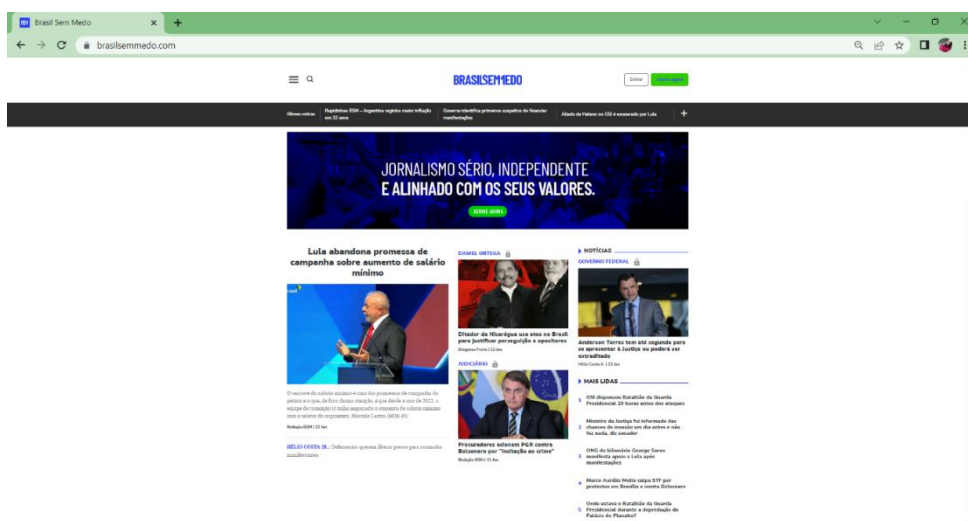
²⁶ Cabe ressaltar que a seleção dos sites para a pesquisa foi realizada em 2020, período em que passaram por desmonetização. No final da escrita desta tese, muitos outros sites foram alvo de campanha do movimento e foram desmonetizados igualmente.

Em virtude disso, decidimos por demonstrar tanto a página inicial de cada um dos sites bem como uma das notícias selecionadas para este corpus, a fim de compreender como se apresentam. Além disso, cabe ressaltar que mostraremos duas imagens de cada página: uma com a tela verificada pela pesquisadora, outra recortada somente com o conteúdo de cada página. Fizemos esse recorte para que o leitor visualize melhor tanto a página em seu ambiente nativo, também como propõe Paveau (2021), quanto os detalhes das páginas.

Para isso, usamos a ferramenta de busca dos próprios sites²⁷, na qual digitamos os títulos das notícias selecionadas, conforme a característica da investigabilidade dos discursos digitais nativos. De modo geral, ressaltamos que a composição tecnolinguageira de todos os sites levantados se constitui por um hibridismo semiótico, compondo-se por texto, imagens fixas e/ou animadas, como observamos na descrição de cada um deles.

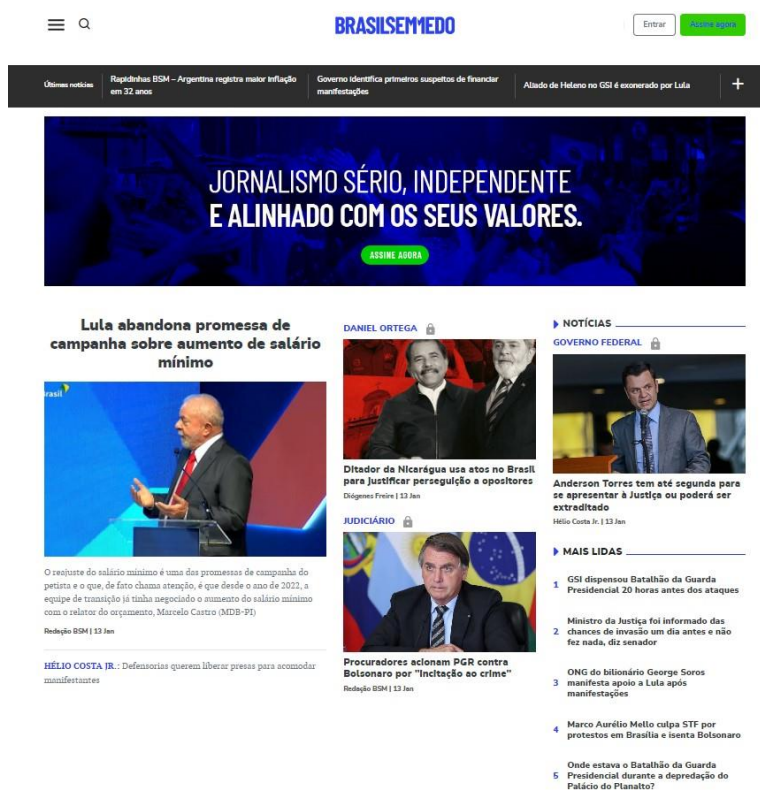
Quanto ao site *Brasil Sem Medo*, praticamente todo o seu conteúdo encontra-se disponível apenas para assinantes. Supomos que tal medida foi tomada por razão da desmonetização pela qual o site passou. No entanto, em virtude de esses sites poderem ser alterados, excluïrem e incluïrem conteúdo a qualquer momento, não podemos afirmar com certeza sobre tal indisponibilidade, visto que não acessamos o site anteriormente à desmonetização. Isso posto, passamos a descrever o site. Ao acessar sua página inicial em janeiro de 2023, a seguinte página se apresenta desta maneira:

Figura 6 – captura de tela da página inicial do site *Brasil Sem Medo*



Fonte: site Brasil Sem Medo

²⁷ Com exceção do *Estudos Nacionais*, pois muitas notícias foram retiradas do site, incluindo todas as selecionadas para esta pesquisa e, por esse motivo, será analisada uma notícia diferente das presentes no corpus.

Figura 7 – recorte da captura de tela da página inicial do site *Brasil Sem Medo*²⁸

Fonte: site Brasil Sem Medo

Ao passar o mouse por toda a página, notamos, a partir da mudança do formato do cursor, que quase todos os segmentos são clicáveis, exceto o texto na barra superior *Últimas notícias* e na coluna direita, mais abaixo, *MAIS LIDAS*: as imagens, as últimas notícias e as notícias mais lidas, o nome do site, os textos das manchetes, bem como os lides, abaixo das imagens, as tecnopalavras instrutivas *entrar* e *assine agora*, os ícones lupa e os três traços horizontais ao lado da lupa e as palavras na cor azul, que indicam o assunto ao qual se relacionam as notícias. O banner com os dizeres *Jornalismo sério, independente e alinhado com os seus valores* é clicável e leva a uma página para assinatura do site. Como vimos, Paveau refere-se a tais produções semióticas que associam tanto texto quanto imagem como tecnografismo, um compósito multimidiático nativo da web.

Cabe ressaltar que algumas das notícias aparecem com um ícone de cadeado ao lado da tecnopalavra em azul – a cor azul, inclusive, predomina nessa página – indicando a categoria ou assunto daquela notícia. O cadeado, clicável igualmente, indica que a notícia é acessível

²⁸ Todas as capturas de tela das páginas iniciais neste capítulo terão duas imagens: uma da tela inteira, para demonstrar como a pesquisadora visualizou o ambiente digital e outra recortada, para que o leitor consiga verificar os pormenores apresentadas na imagem.

somente por assinantes. No entanto, na maioria das notícias não há a presença do cadeado e, ainda assim, encontram-se fechadas para não assinantes. Dessa maneira, não há como saber de fato quais estão abertas para não assinantes.

As imagens tomam uma grande porcentagem do ambiente, como observamos na captura de tela anterior. Além disso, percebemos que há a presença de um embate político entre as imagens: duas fotos com o presidente Lula, uma imagem do ex-presidente e uma foto de Anderson Torres, ex-ministro do governo bolsonarista. Lula aparece em uma das fotos acompanhado de Daniel Ortega, presidente da Nicarágua, sorrindo, em uma foto que não fica claro se estão juntos ou se se trata de uma montagem.

As cores presentes nas imagens chamam a atenção e complementam a notícia: ambos aparecem em preto e branco (indicando um passado tenebroso), enquanto o fundo da foto aparece em vermelho (associando-os ao comunismo). A manchete abaixo da imagem informa que o ditador desse país, sem citar seu nome, justifica seus atos de perseguição por meio das ações do governo Lula em relação aos atos antidemocráticos em janeiro de 2023. Bolsonaro, com um semblante preocupado, no entanto, aparece na imagem com a bandeira do Brasil ao fundo, dentre outras, com destaque para a bandeira brasileira. A notícia refere-se à acusação de incitação ao crime relacionada ao ataque ao congresso brasileiro.

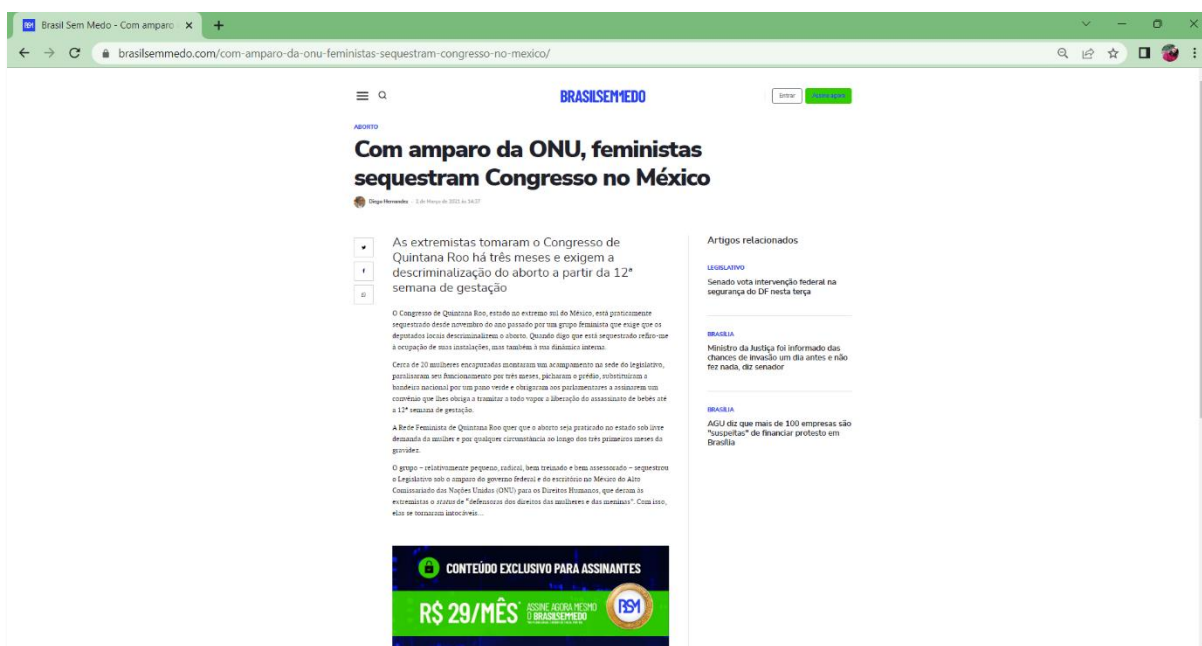
Ao clicar em uma das URLs discursivizadas, verificamos a padronização de como as notícias são veiculadas nesse site. No entanto, para essa análise, utilizamos a ferramenta de busca presente no canto superior esquerdo a partir do ícone lupa, considerando a ideia de corpus relacional, partindo do qual o internauta/pesquisador vê em seu dispositivo escolhido, como pela característica de investigabilidade dos discursos digitais nativos, em que podemos realizar buscas por meio dessas ferramentas. Como vimos anteriormente, o recurso de busca configura-se como um gesto de leitura, pois possibilita o acesso a outros textos-alvo e esta foi a escolha realizada pela pesquisadora. Para isso, buscamos a notícia *Com amparo da ONU, feministas sequestram Congresso no México*, uma vez que tal notícia faz parte do corpus por estar aberta para não assinantes.

Notamos que a notícia é acompanhada de uma barra lateral à direita, com o título *Artigos relacionados*, que se configurariam como os elementos tecnolinguageiros deslinearizadores, ainda que internos, os quais não direcionam para outros sites, mas para o próprio site do *Brasil Sem Medo*. Considerando que cada acesso traz diferentes deslinearizadores, de acordo com as atualizações do dia, em especial à característica da relacionalidade – e o que aparece depende do ponto de vista e navegação do internauta/pesquisador – não há como afirmar se estão de fato relacionadas à notícia principal,

pois todas as notícias acessadas referem-se ao acontecimento dos ataques ao Congresso Nacional brasileiro por terroristas bolsonaristas em janeiro de 2023.

No entanto, é interessante perceber que na notícia selecionada, trata-se exatamente da acusação de mulheres que invadiram o congresso mexicano, referidas como criminosas. Na seleção dos artigos relacionados na lateral, não há uma notícia que discorra especificamente sobre a invasão ocorrida no congresso brasileiro, mas somente os desdobramentos após o crime, como observamos na captura de tela abaixo:

Figura 8 – captura de tela da notícia selecionada do site *Brasil Sem Medo*



Fonte: site Brasil Sem Medo

Figura 9 – recorte da captura de tela da notícia selecionada do site *Brasil Sem Medo*

BRASILSEMEDO

Entrar Assinar agora

ABORTO

Com amparo da ONU, feministas sequestram Congresso no México

Diego Hernandez · 2 de Março de 2021 às 14:37

As extremistas tomaram o Congresso de Quintana Roo há três meses e exigem a descriminalização do aborto a partir da 12ª semana de gestação

O Congresso de Quintana Roo, estado no extremo sul do México, está praticamente sequestrado desde novembro do ano passado por um grupo feminista que exige que os deputados locais descriminalizem o aborto. Quando digo que está sequestrado refiro-me à ocupação de suas instalações, mas também à sua dinâmica interna.

Cerca de 20 mulheres encapuzadas montaram um acampamento na sede do legislativo, paralisaram seu funcionamento por três meses, picharam o prédio, substituíram a bandeira nacional por um pano verde e obrigaram aos parlamentares a assinarem um convênio que lhes obriga a tramitar a todo vapor a liberação do assassinato de bebês até a 12ª semana de gestação.

A Rede Feminista de Quintana Roo quer que o aborto seja praticado no estado sob livre demanda da mulher e por qualquer circunstância ao longo dos três primeiros meses da gravidez.

O grupo – relativamente pequeno, radical, bem treinado e bem assessorado – sequestrou o Legislativo sob o amparo do governo federal e do escritório no México do Alto Comissariado das Nações Unidas (ONU) para os Direitos Humanos, que deram às extremistas o *status* de “defensoras dos direitos das mulheres e das meninas”. Com isso, elas se tornaram intocáveis...

Artigos relacionados

LEGISLATIVO

Senado vota intervenção federal na segurança do DF nesta terça

BRASÍLIA

Ministro da Justiça foi informado das chances de invasão um dia antes e não fez nada, diz senador

BRASÍLIA

AGU diz que mais de 100 empresas são “suspeitas” de financiar protesto em Brasília

CONTEÚDO EXCLUSIVO PARA ASSINANTES

R\$ 29/MÊS ASSINE AGORA MESMO O BRASILSEMEDO

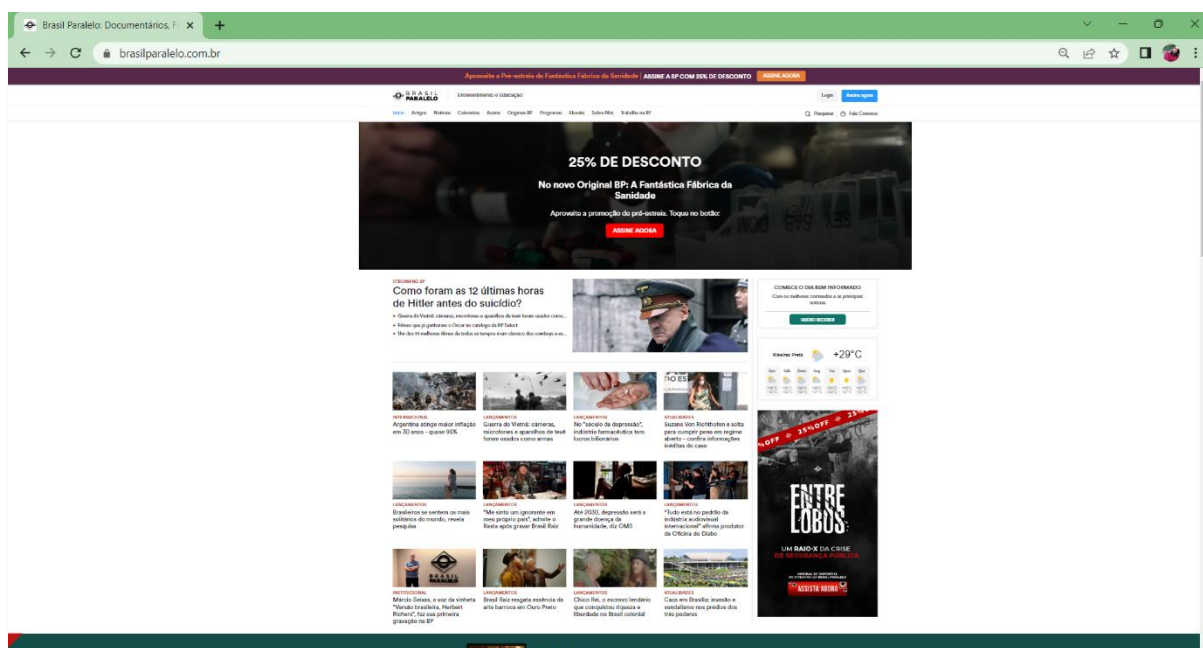
Fonte: site Brasil Sem Medo

Além da barra de notícias relacionadas, constatamos que as tecnopalavras instrutivas se repetem, tal qual as três barras horizontais, a ferramenta de busca, o nome do site na parte superior à notícia e um banner, um recurso tecnográfico, de divulgação de assinatura, indicando que o conteúdo supostamente continuaria e seu acesso só estaria disponível para assinantes. Outro segmento clicável observado são os ícones das redes sociais *Twitter*, *Facebook* e *Instagram* no lado esquerdo da notícia. Esses segmentos também se configuram como deslinearizadores, pois podem levar o internauta, a partir do clique, às redes sociais do site. No entanto, acima do texto principal notamos um segmento não clicável na cor azul, o qual se configuraria como a categoria a qual a notícia se encaixa: *aborto*. Essa tecnopalavra traz o assunto destaque da notícia, ainda que o título traga o crime cometido pelas feministas: o sequestro de um congresso. Além disso, o título em destaque tanto pelo tamanho maior da fonte como por estar em negrito também não é clicável. Em seguida, há uma pequena imagem do

autor da notícia, seguido por seu nome e, ao clicar nele, leva a outras notícias assinadas pelo autor. Na mesma linha, verificamos a sua data e a hora de publicação.

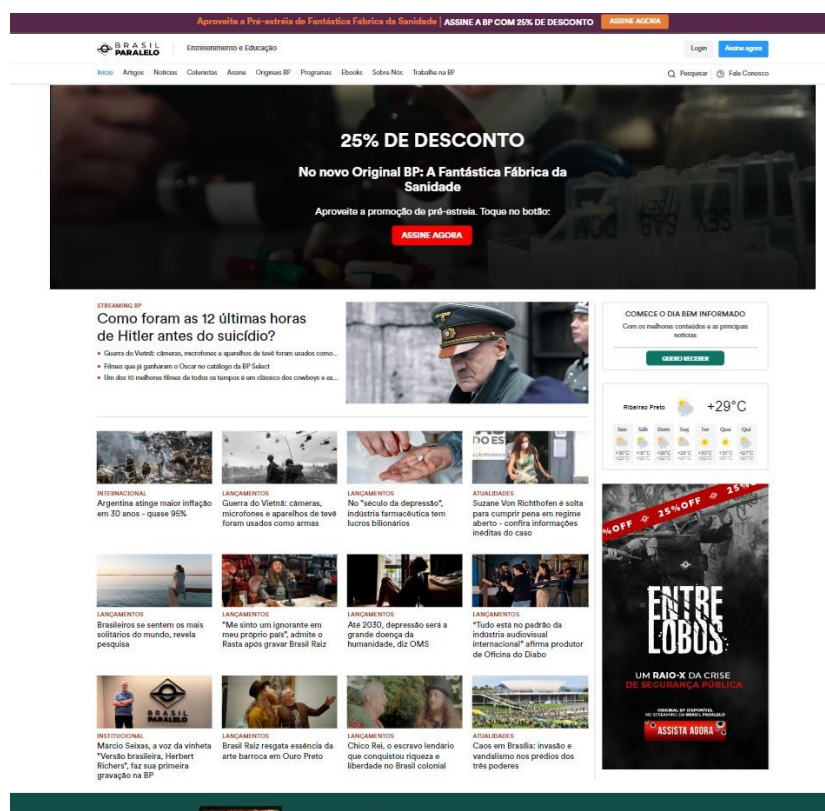
No site *Brasil Paralelo*, o que chamou a atenção, à primeira vista, foram as cores utilizadas, predominando os tons de preto e cinza. A página inicial tem a estrutura delimitada pelo banner de propaganda e mantém os seus limites. Da mesma maneira como o site do *Brasil Sem Medo*, tem em seu início a logo do site, seguido das tecnopalavras *Entretenimento e educação* e, por último, as tecnopalavras instrutivas *login* e *assine agora*, sendo todas elas elementos clicáveis. Logo após, percebemos uma barra com os tópicos que organizam o site, a saber: *Início, Notícias, Colunistas, Assine, Originais BP, Programas, Ebooks, Sobre Nós, Trabalhe na BP*. Na mesma linha há a presença do ícone de lupa seguido da tecnopalavra *Pesquisar* e o ícone com um círculo com uma interrogação, seguido do segmento clicável *Fale conosco*. Essa barra traz informações de forma organizada, de modo que o ambiente se apresente como um portal de informação, como podemos observar na captura de tela da página inicial do site:

Figura 10 – captura de tela da página inicial do site *Brasil Paralelo*



Fonte: site Brasil Paralelo

Figura 11 – recorte da captura de tela da página inicial do site *Brasil Paralelo*



Fonte: site Brasil Paralelo

Na sequência, observamos a imagem do banner de propaganda do mais recente documentário realizado pela empresa, *BP: A Fantástica Fábrica da Sanidade*, no qual se oferece um desconto de 25%, em virtude da pré-estreia. A empresa coloca em destaque na página inicial seu outro foco: o de produtor de documentários, séries e filmes relacionados a História, Filosofia e Política. Nesse banner, somente a tecnopalavra instrutiva *ASSINE AGORA* é clicável. Já a imagem é animada, aparentemente com cenas do referido documentário. Na captura de tela podemos visualizar embalagens de medicamentos abertos e cápsulas espalhadas em uma mesa. Uma das notícias presentes na página inicial confirma a hipótese. Sob a categoria *Lançamentos*, o título da notícia em questão *No 'século da depressão', indústria farmacêutica tem lucros bilionários* aparece com a imagem de uma pessoa colocando um medicamento em outra mão.

As notícias aparecem organizadas em quatro linhas, sendo a primeira a de destaque, sob a categoria *Streaming BP* e com o título com letras maiores *Como foram as 12 últimas horas de Hitler antes do suicídio*, como a imagem referente a essa notícia de uma cena do filme *Downfall* de 2004, traduzido para o português como *A queda – as últimas horas de Hitler*. A

notícia principal possui três hiperlinks que direcionam a outras páginas do próprio site. No entanto, não vimos relação aparente entre a notícia destaque e as demais. Todas, no entanto, tratam de produções cinematográficas que fazem parte de um catálogo de *streaming* – serviços geralmente pagos nos quais se pode ter acesso a filmes, séries e músicas, por exemplo – do próprio *Brasil Paralelo*. Conforme verificamos na teoria da Análise do Discurso Digital, os enunciados tecnodiscursivos são interrelacionados.

Nas três próximas linhas, as doze demais notícias aparecem divididas em quatro em cada uma das linhas, seguindo o seguinte padrão: imagem, categoria a que pertence e manchete. As categorias observadas são: *Internacional*, *Lançamentos*, *Atualidades* e *Institucional*. Essas tecnopalavras encontram-se em vermelho e, quando passamos o mouse sobre elas, como por cima da manchete ou da imagem, o formato do cursor muda para o ícone de mão e todo o texto posterior às categorias muda para a cor vermelha. As imagens, por sua vez, aumentam um pouco o foco. Reforçamos o fato de que a associação dos textos com a imagem configura-se como um compósito multimidiático da internet, não havendo autonomia nem da imagem, nem do texto.

Por fim, na barra lateral direita há a presença de três itens: a indicação de assinatura da newsletter, com a tecnopalavra *quero receber*; a temperatura do dia da captura de tela e a previsão do tempo para os próximos dias (com a cidade onde a pesquisadora se encontra, personalizado de acordo com o ponto de vista exclusivo do internauta) e um banner do documentário *Entre lobos: um raio-X da crise de segurança pública*. Ao clicar, ocorre o redirecionamento para uma página de assinatura com desconto e a um trailer de apresentação do documentário, disponível em seu streaming.

Como fizemos a busca no *Brasil Sem Medo*, realizamos igualmente no site *Brasil Paralelo*. As duas primeiras linhas também se mantêm, como vimos no site anterior. Logo após, há um texto não clicável no qual indica o gênero discursivo e o seu tempo de leitura, um recurso utilizado por alguns sites, em especial nos portais de informação.

Na sequência, vemos que o título está com a fonte maior do que o restante do texto, seguido de três palavras-chave e a data de publicação, as quais não são clicáveis. Há uma pintura com uma marca d'água do *Brasil Paralelo* antes do corpo do artigo. Não encontramos a data nem a autoria da obra. Em virtude disso, a partir da ferramenta *Google Images*, realizamos a busca e constatamos que a imagem pertence ao pintor Oscar Pereira da Silva,

denominada como *O desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro, 1500* e é datada de 1900²⁹.

Figura 12 – captura de tela da notícia selecionada do site *Brasil Paralelo*



Fonte: site Brasil Paralelo

Figura 13 – recorte da captura de tela da notícia selecionada do site *Brasil Paralelo*



Fonte: site Brasil Paralelo

²⁹ Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/desembarque-de-pedro-%C3%81lvares-cabral-em-porto-seguro-1500-oscar-pereira-da-silva/_AFagopsRT5Jow>. Acesso em: 14 jan. 2023.

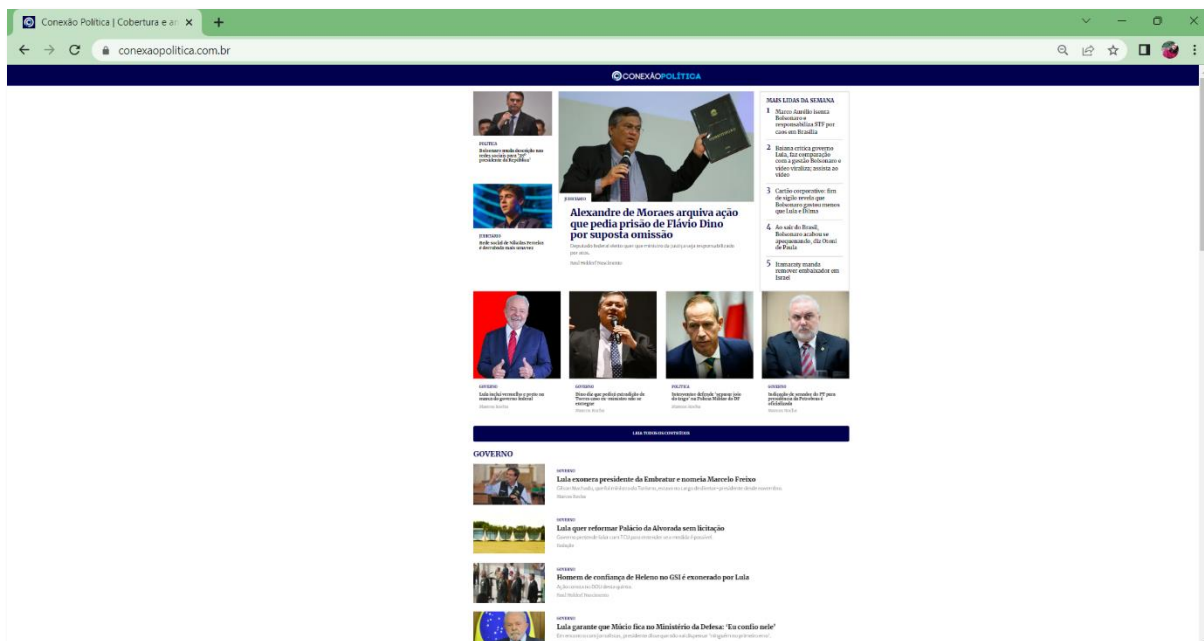
Como podemos ver, não há um enunciador claro por trás do artigo. Quem assume a autoria é a *Redação Brasil Paralelo*, texto não clicável logo após a imagem. Na mesma linha, verificamos os ícones das redes sociais, assim como percebemos na descrição do site do *Brasil Sem Medo*, acrescentando-se o ícone do *Whatsapp*, pelo qual o internauta pode, ao clicar, ser direcionado para a página do *Whatsapp Web* e compartilhar o link da notícia (caso o acesso seja feito via computador ou direto pelo aplicativo, se feito pelo celular) seguido de uma tecnopalavra instrutiva *Copiar link*. A respeito desse último recurso, Paveau relata a característica da imprevisibilidade pelo compartilhamento, o qual possibilitaria a circulação da notícia em outros ecossistemas que o leitor decidir, seja pelas redes sociais, e-mail, etc. É imprevisível, pois se trata de uma decisão do leitor assim fazê-lo ou não.

Há uma pequena introdução sobre o assunto e abaixo mais um banner de propaganda clicável do mesmo documentário apresentado na página inicial. Logo após, há um sumário chamado *O que você vai encontrar nesse artigo?* com quatorze itens clicáveis e disponíveis na cor azul claro. Ao clicar nos itens, a página desce até o item selecionado. Diferentemente do usual, quando se retorna ao início da página, o link clicado anteriormente não se encontra de outra cor. No decorrer do texto, observamos hiperlinks de publicidade, também em azul claro, dando acesso à indicação de alguns documentários e artigos do próprio site, bem como a indicação para tornar-se membro.

No que diz respeito ao site *Conexão Política*, notamos que, na página inicial, com exceção das categorias em que as notícias apresentadas se enquadram (política, judiciário, governo) e do lide da notícia principal, todos os demais elementos são clicáveis: fotos, manchetes, notícias mais lidas da semana, os nomes dos autores das notícias presentes, abaixo de cada chamada de notícia, e o logo do site no topo da página. Nas quatro imagens na horizontal, ao passar o cursor por cima delas, há uma animação com a ampliação da imagem, de modo que se destacam. Em referência ao conteúdo apresentado, reparamos que os assuntos se referem ou relacionam-se às últimas notícias da política nacional.

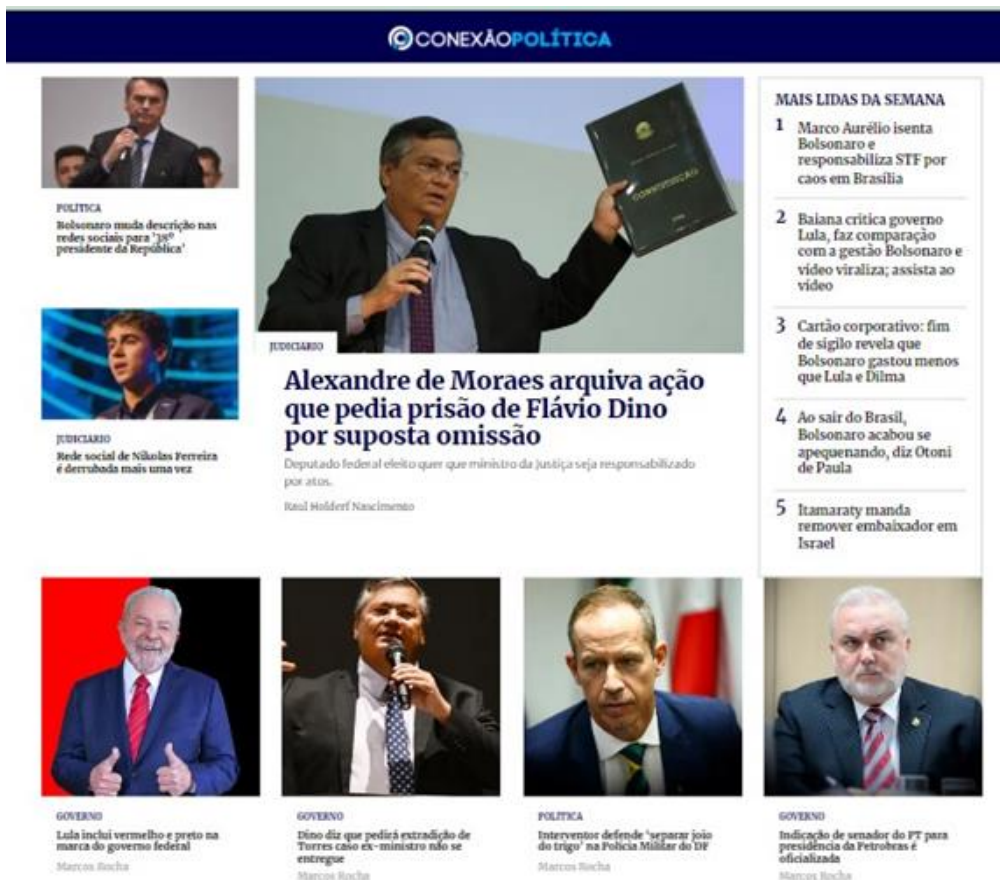
À primeira vista, tivemos a impressão de que o site também se apresenta como um portal de informação, por meio dos gêneros do discurso jornalístico baseados na realidade, com diferentes pontos de vista – aos quais possivelmente o site se mostraria contra, como na notícia sobre o interventor e a possibilidade de extradição do ex-ministro da defesa. No entanto, as notícias não destacadas encontradas na barra lateral direita sob o título de *mais lidas da semana*, disseminam informações acusatórias ao governo Lula, tais como as notícias 2 e 3.

Figura 14 – captura de tela da página inicial do site *Conexão Política*



Fonte: site Conexão Política

Figura 15 – recorte da captura de tela da página inicial do site *Conexão Política*



Fonte: site Conexão Política

Verificamos, no entanto, as imagens dos políticos apresentados nesta página, as expressões faciais e as notícias relacionadas a eles. A imagem do atual ministro da justiça Flávio Dino com a Constituição em sua mão elevada complementa a informação de que não será investigado por sua conduta em relação aos atos antidemocráticos em janeiro de 2023, trazendo um efeito de sentido de justiça. O semblante de Jair Bolsonaro, tal qual o de Nikolas Ferreira condizem com o que está sendo noticiado sobre eles, visto que, no caso do deputado federal, suas redes sociais foram bloqueadas em virtude da acusação de divulgação de notícias falsas e, no caso de Bolsonaro, aparentemente frustrado, muda a descrição treze dias após a posse do atual presidente.

Lula, por sua vez, é representado sorrindo e com os polegares para cima, indicando satisfação em sua expressão facial e corporal. O título da notícia abaixo da foto trata da adoção das cores preta e vermelha na logo do governo federal, cores que aparecem ao fundo do político. Lula estaria satisfeito por conseguir incluir a cor vermelha na marca do governo federal, a qual os apoiadores do governo de extrema-direita associam ao comunismo. O uso do vermelho na marca do governo federal contradiria os dizeres desses apoiadores: *nossa bandeira nunca será vermelha* e poderia indicar que a implantação do comunismo já estava começando no início do governo Lula. Além disso, pode trazer a ideia de que, enquanto os demais políticos lidam com questões relevantes e com seriedade, Lula estaria se preocupando com questões pouco importantes.

Quanto à notícia, a apresentação como portal de informação não difere muito do site *Brasil Sem Medo*. Podemos notar a logo do site no início da página, a categoria na qual se encontra a notícia – dessa vez, trata-se de um elemento clicável, levando às notícias mais recentes – o título em destaque tanto pelo tamanho da letra, como pelo negrito, um pequeno lide explicativo, uma linha semelhante à do site *Brasil Pararelo* – apresentando os ícones das redes sociais *Facebook* e *Twitter*, um ícone de corrente que copia o link para compartilhamento da notícia, um botão com um balão de comentários que, ao clicar, leva ao final da página onde se podem fazer comentários; e, por último, um ícone com reticências, pelo qual se pode compartilhar a notícia diretamente por e-mail, por aplicativo de conversa, dentre outros, conforme a característica da imprevisibilidade dos discursos digitais nativos. Não há a identificação do autor da notícia, mas creditam a autoria à redação. Além disso, nessa linha, há a data de publicação da notícia, como podemos observar abaixo:

Figura 16 – captura de tela da notícia selecionada do site *Conexão Política*



Fonte: site Conexão Política

Figura 17 – recorte da captura de tela da notícia selecionada do site *Conexão Política*



Fonte: site Conexão Política

O que mais desperta a atenção nessa notícia é a presença dos banners, enquanto tecnografismos, nas cores preta e vermelha falando a respeito de censura. Sobre as cores, recorreremos à análise da faixa *Vote sem medo*, presente nas eleições para reitoria da Unicamp, realizada por Orlandi (2009), em que a cor preta remete ao “fascismo, dos conservadores, da direita em sua expressão política” (ORLANDI, 2009, p. 29). Já a cor vermelha estaria relacionada a posições revolucionárias. Desse modo, as cores presentes nos banners poderiam trazer um efeito de uma revolução da direita, dos conservadores fascistas. O conteúdo do banner complementa esse sentido das cores, pois na sequência, esse banner, que se trata de uma imagem animada muda para: *Por isso, criamos um novo aplicativo*, seguido de uma tecnopalavra instrutiva *baixe agora*, seguido do texto *gratuito e sem fake news*.

Ao efetuar a busca do aplicativo *Conexão Política* na *Play store* do dispositivo móvel, notamos o logo da empresa, a tecnopalavra *Instalar* e abaixo a expressão *contém anúncios*. Ou seja, não se trata da censura de seu conteúdo produzido, mas da discordância por receberem pelos anúncios veiculados em suas notícias. O aplicativo tem por volta de mais de 100 mil downloads. Cabe ressaltar que essa é uma forma de ampliação, ainda que restrita àqueles que baixam o aplicativo em seus dispositivos móveis. Tal característica será abordada posteriormente nesta pesquisa.

Por último, reparamos nessa notícia um hiperlink deslinearizador, partindo de uma URL discursivizada que direciona para o site *Agência Brasil*, e funciona como um meio de relacionar os conteúdos dos dois discursos. Esse enunciado aparece no meio do parágrafo sem alteração da fonte, porém sublinhado na cor preta, com um traço com uma espessura um pouco mais larga do que da fonte utilizada. Ao passar o mouse em cima do enunciado, o cursor mudou o formato, indicando o sinal de clicabilidade. A característica da imprevisibilidade também pode ser observada com o uso do hiperlink, uma vez que o locutor-escritor, ao colocá-lo, espera do leitor (ou escreitor) fazer determinado percurso na leitura. Porém nem escritor nem leitor podem prever tal percurso.

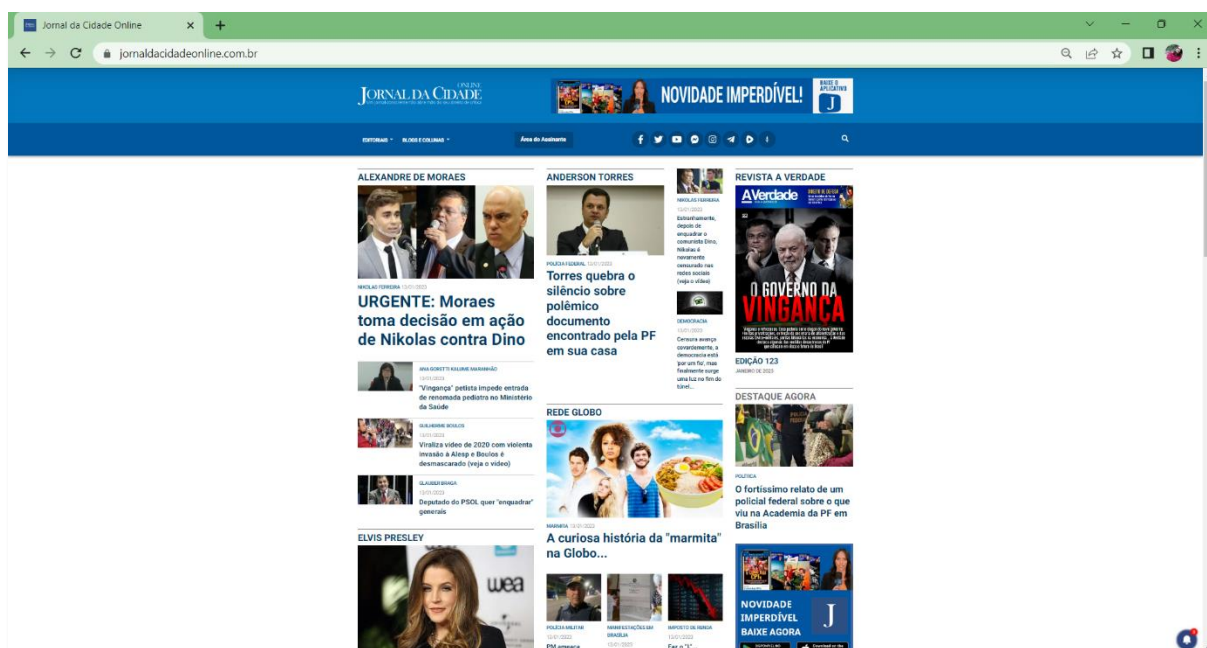
Partindo para o site *Jornal da Cidade Online*, percebemos um conteúdo mais diversificado, pois na página inicial há assuntos relacionados à política, às personalidades famosas e, possivelmente, personagens de novela. Como a captura de tela das páginas iniciais de todos os sites foram realizados no mesmo dia, a denúncia de Nikolas Ferreira contra o ministro Flávio Dino aparece em mais de um desses sites. No *Jornal da Cidade Online*, essa é a notícia de maior destaque.

Diferentemente do site *Conexão Política*, a produção de sentidos nesse site sobre esse acontecimento, considerando as imagens e os textos relacionados, toma outro rumo. Na

imagem, Ferreira, com uma expressão cortês falando em um microfone, é colocado em frente à imagem de Dino, segurando e falando ao microfone, como se estivessem em debate. Com a chamada de *urgente*, a manchete relata que houve uma decisão por parte do juiz Alexandre de Moraes em relação à ação por omissão solicitada pelo deputado federal, não deixando clara qual foi a decisão.

Do lado oposto há outro confronto de imagens dos dois políticos, porém em uma manchete menor. Nas imagens, Dino continua falando ao microfone, enquanto Ferreira se encontra de braços cruzados com uma bandeira do Brasil em seu ombro direito. O texto complementa: *Estranhamente, depois de enquadrar o comunista Dino, Nikolas é novamente censurado nas redes sociais (veja vídeo)*. Nessa mesma esteira, podemos verificar várias notícias em um tom de denúncia em relação à esquerda. Vingança petista, violenta invasão realizada por Guilherme Boulos, censura, enquadramento de generais, etc. Atentamos para o uso dos adjetivos, que podem incitar um sentimento de revolta nos leitores em relação à esquerda.

Figura 18 – captura de tela da página inicial do site *Jornal da Cidade Online*



Fonte: site Jornal da Cidade Online

Figura 19 – recorte da captura de tela da página inicial do site *Jornal da Cidade Online*

Fonte: site Jornal da Cidade Online

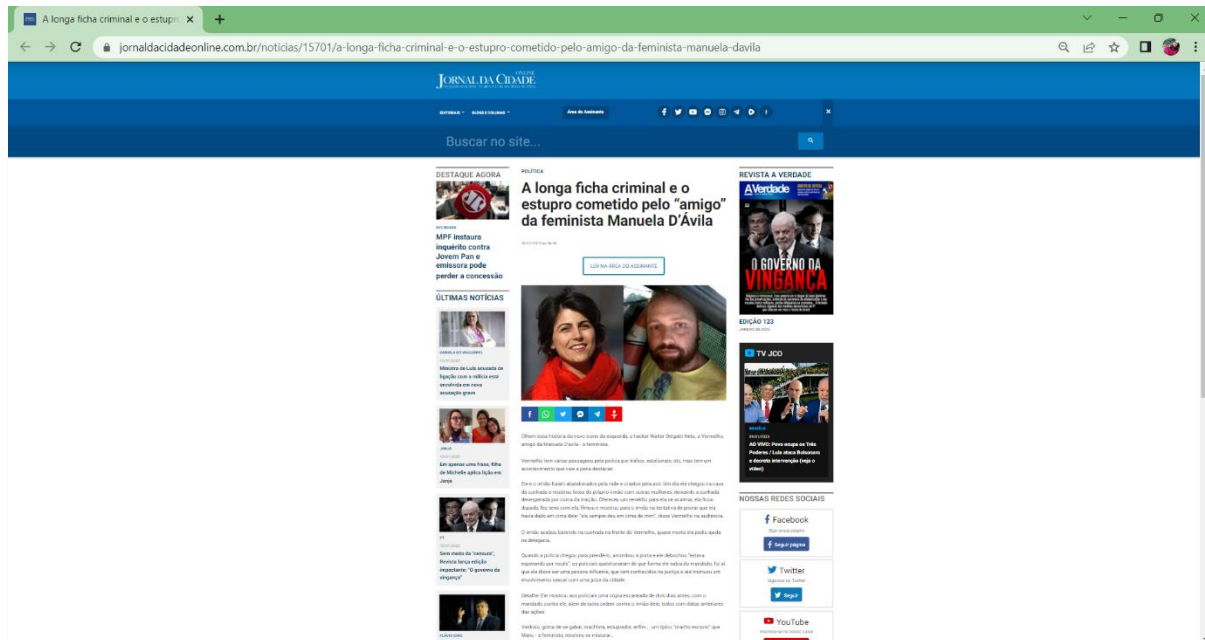
Com relação à forma, notamos os elementos já citados nos sites anteriores, com destaque para a formatação da divisão das notícias mais irregular com três manchetes com imagens maiores, sendo a notícia descrita anteriormente a que mais se evidencia. Ademais, na barra superior, o banner chama atenção dando ênfase no texto *novidade imperdível*, o qual ao ser clicado redireciona para uma página em que há links para baixar o aplicativo do site. Assim como o aplicativo do site *Conexão Política*, o aplicativo do site *Jornal da Cidade Online* contém anúncios e tem por volta de 50 mil downloads.

Na segunda linha, as tecnopalavras instrutivas *Editoriais* e *Blogs e colunas* podem ser observadas, sendo que na primeira aparecem diversas categorias e na segunda uma infinidade de nomes apresentados como colunistas do site. À frente, o botão de *área do assinante* e as redes sociais e canais do site: *Facebook*, *Twitter*, *Youtube*, *Messenger*, *Instagram*, *Telegram*, *Rumble* e *Gettr*. No fim dessa linha, constatamos a presença do ícone de lupa de pesquisa no próprio site. Todos os elementos nessa página possuem clicabilidade e todas as imagens se ampliam quando passamos o cursor sobre elas.

Na coluna lateral direita, reparamos o link para a revista eletrônica chamada *A verdade*, cujo acesso é restrito a assinantes do site. A revista se apresenta como uma revista física e na capa apresenta o presidente Lula cercado pelo ministro Flávio Dino e pelo Senador Rodrigo Pacheco. A revista se configura como uma ampliação dentro do próprio site, pois redireciona a uma outra forma de acesso ao conteúdo do site, em forma de edição mensal. Abaixo dela, há uma notícia de destaque e mais um banner de acesso à página do aplicativo do site.

Ao efetuar a busca pela lupa, a notícia presente no corpus de pesquisa pode ser acessada. As duas barras no topo da página se mantêm, com exceção do banner referente ao aplicativo. Além disso, a notícia apresenta duas barras laterais: uma com a notícia de destaque do dia e as últimas notícias e a outra com a revista, como também na página inicial, seguida de uma imagem clicável denominada TV JCO com uma notícia e por último as suas redes sociais. Cabe destacar que ao clicar na imagem TV JCO supusemos que o link direcionaria para o canal do *Youtube* e, lá, a notícia seria reproduzida. Entretanto constatamos que se abre uma nova notícia no próprio site, na qual há o vídeo do *Youtube*. Ou seja, o vídeo, produzido no *Youtube* é ampliado ao ser trazido para o site.

Figura 20 – captura de tela da notícia selecionada do site *Jornal da Cidade Online*



Fonte: site Jornal da Cidade Online

Figura 21 – recorte da captura de tela da notícia selecionada No site JCO



Fonte: site Jornal da Cidade Online

Como nos demais títulos das notícias, as letras encontram-se maiores e em negrito. Acima em azul, observamos a categoria vinculada à notícia. Nesse caso, ressaltamos a importância da foto para essa notícia. Nela, há a foto da Manuela D’Ávila e de alguém desconhecido na vida pública, encontrando-se aparentemente dentro de uma viatura policial. O dito amigo se trata de Walter Delgatti Neto, o hacker da cidade de Araraquara. Na ocasião, a ex-deputada teve também o celular hackeado por Delgatti e manteve contato com ele por nove dias com a finalidade de contactar o jornalista Glenn Greenwald, responsável pela divulgação dos vazamentos dos áudios da Lava Jato em 2009.

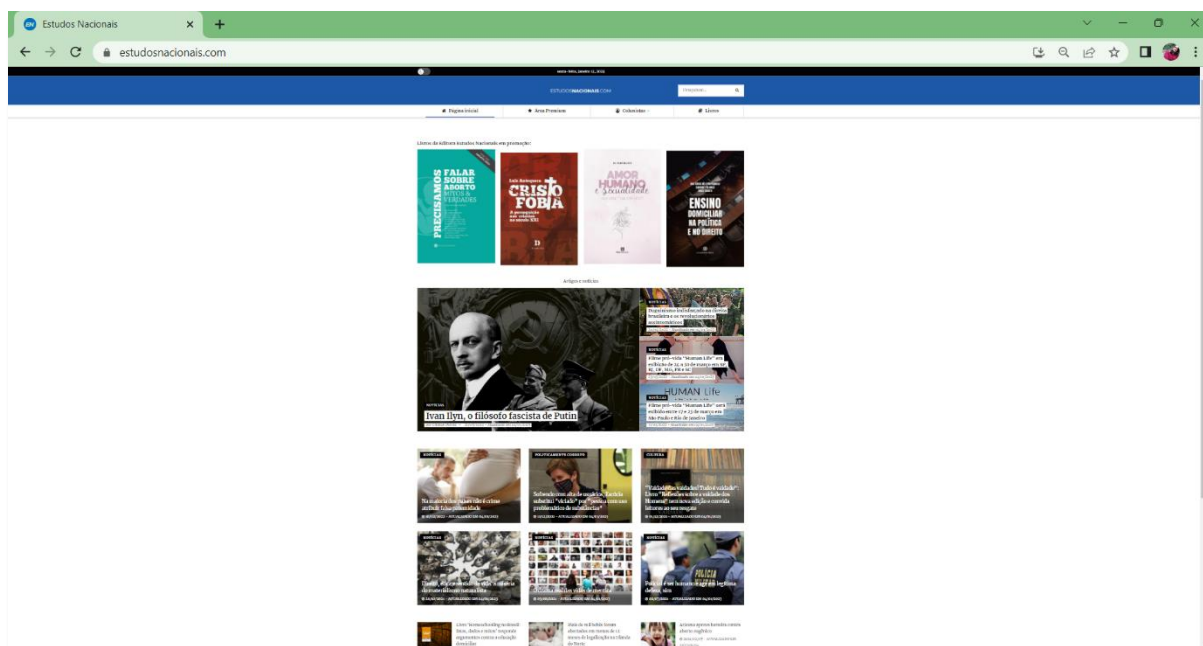
É interessante notar nesse caso, que Delgatti não tem o seu nome revelado no título, aparecendo na voz passiva, não identificado e associado à D’Ávila com vínculo de proximidade. D’Ávila, no entanto, não sendo o foco da notícia, tem o seu nome revelado e sua imagem associada a dele. A notícia nesse aspecto tem maior foco na associação de D’Ávila a

um suposto criminoso do que, de fato, falar sobre os tais crimes cometidos por Delgatti, conforme a manchete da notícia.

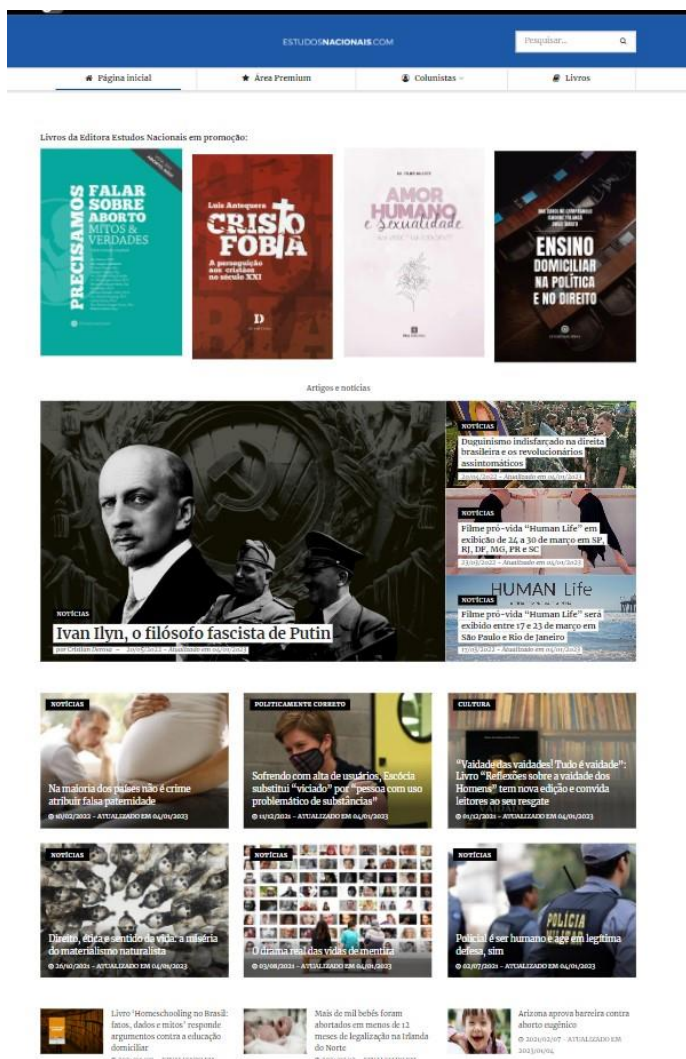
Por último, apresentamos o site *Estudos Nacionais*. Devido à imprevisibilidade dos ambientes digitais e por não ter realizado a captura de telas no início da pesquisa, notamos que o site foi alterado, considerando o momento da coleta dos dados para a análise dos pré-discursos e a realização da captura de tela a seguir. Observamos que muitas das notícias selecionadas para a pesquisa em 2021 já não se encontram mais disponíveis em 2023. Em virtude disso, analisaremos a página inicial como se apresenta na ocasião da captura de tela.

Diferentemente dos demais sites, verificamos a venda de livros logo na primeira página que, de acordo com a informação, referem-se a livros da editora do próprio site (assemelhando-se a um site de livrarias). O destaque, seja nas notícias como na escolha dos livros em promoção, é o aborto em oposição ao direito à vida. Os assuntos nessa página inicial são polêmicos e demonstram a sua posição ideológica: a ideia de um conservadorismo que defende o nascimento de bebês, que tira a responsabilidade de o homem assumir a paternidade da criança, que desdenha como *politicamente correto* a iniciativa de não se denominar pessoas como viciadas na Escócia. E mais: em destaque, na página inicial, aborda um filósofo russo fascista, que pregou a violência como forma de neutralizar o inimigo.

Figura 22 – captura de tela da página inicial do site *Estudos Nacionais*



Fonte: site Estudos Nacionais

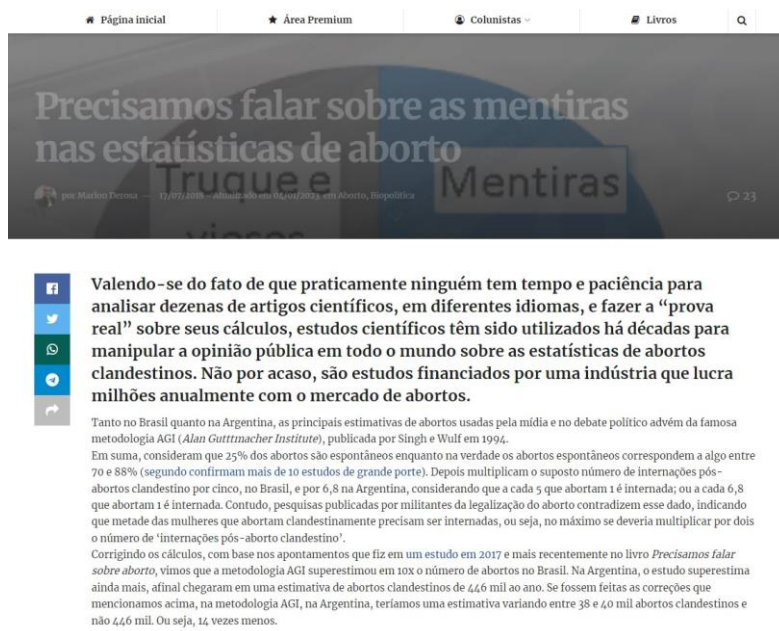
Figura 23 – recorte da captura de tela da página inicial do site *Estudos Nacionais*

Fonte: site Estudos Nacionais

O site aparentemente encontra-se desativado, visto que, ao acessá-lo em datas diferentes, não houve alterações das notícias, como constatamos nos demais sites. Apesar disso, todas as notícias e imagens são clicáveis e direcionam às notícias. Em consequência disso, para esse site, realizamos a busca com o filtro *feminista* novamente para observar qual notícia apareceria, após todas as tentativas de verificar se as notícias selecionadas estariam ainda disponíveis. Confirmamos, a partir da busca, que o assunto aborto ou feminismo se configura como foco das notícias presentes no site.

Figura 24 – captura de tela da notícia selecionada do site *Estudos Nacionais*

Fonte: site Estudos Nacionais

Figura 25 – recorte da captura de tela da notícia selecionada do site *Estudos Nacionais*

Fonte: site Estudos Nacionais

Por padrão, todos os artigos aparecem com o título em branco em uma barra cinza, com a fonte maior do que a fonte do restante do texto e em negrito. O texto é de autoria de Marlon Rosa, datado de 17 de julho de 2018 e, como todos os outros artigos, consta como atualizado em 4 de janeiro de 2023. Após a data, reparamos que as categorias nas quais se encaixa o artigo

são *Aborto, Biopolítica*. Ainda nessa faixa cinza, constatamos o ícone de balão, acompanhado pelo número 23, indicando a quantidade de comentários relacionados à notícia. Logo, notamos a possibilidade de ampliação por meio dos comentários, complementando o texto, demonstrando a função do escritor nesse site. Ao clicar neste item, há a possibilidade de poder fazer comentários.

Logo em seguida há uma lide sobre o assunto, com a fonte um pouco maior e em negrito. Tanto esse elemento quanto o texto encontram-se desformatados. Ao seu lado esquerdo, há uma coluna com os ícones das principais redes sociais e dos aplicativos de conversa *Whatsapp* e *Telegram* pelos quais, como já verificamos, o internauta pode compartilhar o link da notícia. Ou seja, por meio desse recurso é possível ampliar o acesso à notícia.

Considerando que o autor da notícia está contestando dados estatísticos, percebemos que, para confirmar o que argumenta, dois recursos são utilizados: 1) o uso de referências no fim da notícia, assim como se faz em um texto acadêmico. Duas das cinco referências são textos do próprio autor; 2) o uso de hiperlinks que direcionam para páginas que confirmem suas ideias. No entanto, todos os hiperlinks levam a uma página do próprio site. Há aqui uma forma de ampliação dos acessos, sendo uma notícia do próprio Derosa e outra com um anexo em PDF de slides apresentando um balanço sobre a interrupção voluntária da gravidez, tendo como autoria o Ministério da Saúde Pública do Uruguai. Dessa maneira, discorreremos no próximo item sobre a característica do discurso nativo da ampliação, por meio do compartilhamento das notícias nas redes sociais, especialmente pelo *Twitter*.

2.4 A NOÇÃO DE AMPLIAÇÃO DAS NOTÍCIAS NA REDE SOCIAL *TWITTER*

Como vimos anteriormente neste capítulo, Paveau discorre sobre a noção de ampliação como um meio de enunciados primários – nesse caso, as notícias – tanto por meio de enunciados secundários como os comentários realizados por internautas nessas notícias quanto por enunciados terciários, a partir do compartilhamento dessas notícias. Segundo a autora, o ato de compartilhar torna inumeráveis as ampliações e a circulação tanto dos enunciados primários quanto dos secundários. Essa ampliação pode ser realizada por qualquer internauta e, por isso, é impossível prever o alcance do que foi compartilhado bem como se o conteúdo vai ou não viralizar na web, conforme a característica da imprevisibilidade dos discursos digitais nativos.

Os meios onde essas notícias se propagam são diversos, como em redes sociais, blogs, aplicativos de conversa e, por essa razão, muitos só leem brevemente os títulos das notícias³⁰, pois o motivo do leitor pode não ser a leitura das referidas notícias, mas a compra de algum produto, entretenimento, ou só uma forma de passatempo. No que diz respeito às redes sociais, observamos um grande compartilhamento dessas notícias, ambientes digitais pelos quais possivelmente possuem maior acesso. A começar pela quantidade de inscritos que cada um dos sites tem em diferentes ambientes, como vemos na tabela a seguir³¹:

Tabela 2 – quantidade de inscritos nas redes sociais e canais no *Youtube* dos sites

Sites	Inscritos no <i>Facebook</i>	Inscritos no <i>Twitter</i>	Inscritos no <i>Youtube</i>
<i>Brasil Sem Medo</i>	756 mil	388 mil	2,6 milhões
<i>Brasil Paralelo</i>	73 mil	381,5 mil	114 mil
<i>Conexão Política</i>	78 mil	645 mil	31,6 mil
<i>Estudos Nacionais</i>	27 mil	26,6 mil	16,3 mil
<i>J. Cidade Online</i>	1,62 milhões	364 mil	608 mil

Fonte: elaborada pela autora

Esses números demonstram a abrangência que esses sites têm em seus diversos canais. Para apurar tal alcance realizamos uma busca nas redes sociais, ambientes em que as notícias selecionadas poderiam ser compartilhadas e verificadas. Optamos por realizar a busca pelos links e pelos títulos das notícias na rede social *Twitter*, devido à investigabilidade desse ambiente ser mais acessível.

Ao acessar as postagens das notícias no *Twitter*, tivemos acesso a três itens que mostram se aquela informação foi bem recebida pelos internautas: o ícone de balão seguido do número de comentários realizados; o ícone de compartilhamento, com duas flechas que formam um quadrado, também seguido pelo número de compartilhamentos; o ícone de coração

³⁰ Ainda que cientes de que os títulos das notícias circulem também em ambientes pré-digitais – como em bancas de jornais, jornais, revistas, pelos quais os sujeitos passam os olhos e também podem formar sua opinião por meio dos títulos – corroboramos com a ideia proposta por Paveau de que a análise dos discursos produzidos no ambiente digital não deve se basear em estudos pré-digitais. Entendemos que o fato de se poder ampliar nos ambientes digitais torna o acesso, especialmente os títulos, imensurável e, dessa forma, não caberia aqui comparar os acessos distintos aos títulos.

³¹ Estes dados foram coletados em 09 de maio de 2022 e, por esse motivo, podem diferir na finalização deste trabalho. A atualização não foi realizada em função de que alguns desses sites ou redes sociais terem sido desativados e/ou não alimentados.

acompanhado do número de internautas que curtiram aquele post³². Ainda que não tenha sido possível saber a quantidade de visualizações desses posts, a partir do compartilhamento e da quantidade de curtidas que a postagem recebeu, pudemos ter uma noção do alcance dessas postagens. Isso, no entanto, não significa que haja como prever a quantidade de pessoas que tiveram acesso. Como já vimos, pela característica da imprevisibilidade dos discursos nativos na web, o escritor não consegue prever o alcance de sua postagem.

Para isso, selecionamos aquelas que tiveram maior número de compartilhamentos para se ter uma amostra da dimensão da abrangência. Dos sites selecionados os que possuem maior quantidade de curtidas e compartilhamentos no *Twitter* são os sites *Conexão Política* e *Jornal da Cidade Online*. No primeiro não foi possível fazer a busca pela URL da notícia, mas pelo seu título, pois foi usado um encurtador do link da notícia. Desse modo, constatamos que o título da notícia apareceu como manchete no *Twitter*. Já no segundo, a busca foi realizada pelo URL e o título da notícia não é necessariamente a manchete no *Twitter*.

As notícias com maior engajamento do sites *Conexão Política* no *Twitter* são as seguintes: a notícia 32 a respeito da queda de assassinatos de transexuais e travestis, com 6.781 curtidas, 1.923 compartilhamentos e 319 comentários; a notícia 50 a qual acusa indígenas de prenderem militares venezuelanos na fronteira brasileira, possuía, na data da coleta, 5.376 curtidas, 1.328 compartilhamentos e 226 comentários; a notícia 33 alegando que mais pais acreditam na destruição dos filhos pelo que chamam de *movimento transexual*, com 2.876, 654 e 80, respectivamente; a notícia 23 que acusa como falsas as pesquisas sobre os assassinatos por homofobia no Brasil, com 2.516, 939 e 82, na mesma ordem; e a notícia 69 quanto à prática de extração forçada de órgãos na China, com 2.012, 846 e 76.

Já no site *Jornal da Cidade Online*, as seguintes notícias tiveram maior engajamento no *Twitter*: A notícia 1 sobre os crimes cometidos pelo hacker de Araraquara, com 4.744 curtidas, 1792 compartilhamentos e 231 comentários; a notícia 44 que acusa os indígenas de ignorar o corpo do motorista, cujo caminhão foi saqueado por eles, com 2.093, 505, 170, respectivamente; a notícia 59 que fala da deportação de brasileiros pelo presidente americano Joe Biden, com 1903, 452, 102; a notícia 24 com acusações de crimes relacionados ao deputado David Miranda, com 1713, 791, 146; e a notícia 58 na qual há a informação de que Sônia Guajajara é intimada por difamação, com 1616, 272, 51 respectivamente.

³² Em janeiro de 2023, notou-se a presença de um novo ícone com quatro barras verticais abaixo dos posts no *Twitter*, o qual indica a quantidade de visualizações que aquela postagem teve. Esse recurso foi disponibilizado em dezembro de 2022. Ao acessar os posts das notícias selecionadas para esta pesquisa constatamos que as barras de visualizações não aparecem, somente os três itens citados. Somente em postagens recentes, a partir da implantação desse recurso, apareceu a informação com a quantidade de visualizações.

Estes dados revelam que a ampliação dessas notícias acontece especialmente pela sua publicação nas redes sociais. Não há como rastrear quantos internautas de fato clicaram nas notícias, mas considerando as que tiveram maior engajamento, supomos que muitos somente leram o título ou a manchete relacionada à notícia e, por meio deles, formaram suas opiniões – ou as confirmaram. Entretanto, tal prática pode ser um problema, visto que o título pode não estar claro ou trazer informações incoerentes com o restante da notícia.

Constatamos, por exemplo, que alguns títulos e subtítulos não condizem com o conteúdo da notícia. No item 10, sobre a ocupação das feministas no congresso mexicano, o subtítulo informa que *as extremistas tomaram o Congresso de Quintana Roo há três meses e exigem a descriminalização do aborto a partir da 12ª semana de gestação*. Já no corpo da notícia, essa informação não se confirma, como vemos em *obrigaram os parlamentares a assinarem um convênio que lhes obriga a tramitar a todo vapor a liberação do assassinato de bebês até a 12ª semana de gestação*. Os sentidos presentes no título e no corpo do texto se apresentam em divergência em relação ao momento da interrupção da gravidez.

No corpus sobre os movimentos negros, observamos no item 15 em seu título: *Rio aprova lei do PSOL de luta contra prisão de bandidos negros e vídeo de jovem negro viraliza*. Já no conteúdo da notícia, informam que a iniciativa se refere à *lei 6357, que cria o 'Dia de luta contra o encarceramento da juventude negra'*. Ou seja, não se trata de uma lei contra a prisão de pessoas negras que cometeram crimes, mas um dia de conscientização contra o encarceramento de jovens negros.

Dessa forma, é possível verificar como ocorre o compartilhamento de notícias em redes sociais, com destaque para o *Twitter*, cuja quantidade de caracteres é limitada. Entendemos que esse acesso rápido e superficial da notícia, sobretudo pelas redes sociais, ambiente no qual as notícias mais se propagam, apoia-se sobre a constituição das crenças e saberes. Nos próximos tópicos serão apresentadas as notícias selecionadas a partir dos filtros realizados em cada uma das páginas acima, com os termos *feminista, negro, gay e LGBT, índio e indígena, minoria e imigrante*. Neste primeiro momento, discorreremos especificamente a respeito dos títulos, as principais temáticas observadas e os primeiros efeitos de sentido constatados em sua análise. Para isso, serão apresentados todos os títulos enumerados de acordo com o filtro realizado e, a partir daí, agrupamos os principais temas e análises. Cabe ressaltar que nem todas as notícias se encaixam nas temáticas e, em virtude disso, serão abordadas de forma particular.

2.4.1 Os títulos com o tema feminista

Levantamos dez notícias sobre o tema *feminista*, sendo distribuídas da seguinte forma: quatro notícias do site *Jornal da Cidade Online*, duas notícias dos sites *Estudos Nacionais* e *Conexão Política*; uma notícia de cada um dos sites *Brasil Sem Medo* e *Brasil Paralelo*. Abaixo, os títulos de cada notícia e o respectivo site foram colocados na mesma sequência acima:

Jornal da Cidade Online

- 1) *A longa ficha criminal e o estupro cometido pelo “amigo” da feminista Manuela D’Ávila*³³, de 28 de julho de 2019;
- 2) *Google faz constatação que derruba discurso feminista e indeniza homens*³⁴, de 08 de março de 2019;
- 3) *Travesti feminista e comunista defende abertamente a radicalização da política para destruir a família (veja o vídeo)*³⁵, de 27 de janeiro de 2020;
- 4) *Texto de feminista exaltando a “atitude” e o crime de Suzane von Richthofen choca a internet*³⁶, de 09 de fevereiro de 2020.

Estudos Nacionais

- 5) *Festejado por feministas, envenenamento salino “derreteu” bebê no ventre da menina de 10 anos*³⁷, de 18 de agosto de 2020;
- 6) *Feminista afirma que sociedade deve aceitar pedofilia*³⁸, de 02 de outubro de 2019.

Conexão Política

- 7) *Tatuadora feminista posta fotos de tatuagem de bebê com faca encravada na cabeça, feita na barriga de cliente*³⁹, de 20 de setembro de 2019;

³³ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/15701/a-longa-ficha-criminal-e-o-estupro-cometido-pelo-amigo-da-feminista-manuela-davila>>. Acesso em: 06 jul. 2021.

³⁴ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/13624/google-faz-constatacao-que-derruba-discurso-feminista-e-indeniza-homens>>. Acesso em: 06 jul. 2021.

³⁵ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/18493/travesti-feminista-e-comunista-defende-abertamente-a-radicalizacao-politica-para-destruir-a-familia-veja-o-video>>. Acesso em: 06 de jul. 2021.

³⁶ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/18703/texto-de-feminista-exaltando-a-equotatitudeequot-e-o-crime-de-suzane-von-richthofen-choca-a-internet>>. Acesso em: 06 jul. 2021.

³⁷ Disponível em: <<https://www.estudosnacionais.com/27852/festejado-por-feministas-envenenamento-salino-derreteu-bebe-no-ventre-da-menina-de-10-anos/>>. Acesso em: 06 jul. 2021.

³⁸ Disponível em: <<https://www.estudosnacionais.com/19839/estudante-de-medicina-afirma-que-sociedade-deve-aceitar-pedofilia/>>. Acesso em: 06 jul. 2021.

³⁹ Disponível em: <<https://www.conexaopolitica.com.br/mundo/tatuadora-feminista-posta-fotos-de-tatuagem-de-bebe-com-faca-encravada-na-cabeca-feita-na-barriga-de-cliente/>>. Acesso em: 06 jul. 2021.

8) *Prefeita socialista exclui sinais de trânsito com homens das ruas de Genebra*⁴⁰, de 17 de janeiro de 2020.

Brasil Paralelo

9) *O que foi a Revolução Sexual? Principais características, teóricos e consequências*⁴¹, datado de 11 de novembro de 2020.

Brasil Sem Medo

10) *Com amparo da ONU, feministas sequestram Congresso no México*⁴², de 2 de março de 2021.

Já nos títulos das notícias notamos a ocorrência de duas formas de generalização das pessoas denominadas como feministas. No primeiro caso, ainda que se refira a pessoas específicas, há uma generalização dessas mulheres, pois o termo feminista tem a função de adjetivar o substantivo comum: *tatuadora feminista, travesti feminista e comunista*. Há, do mesmo modo, uma total generalização, referindo-se a todas as pessoas que se enquadram como feministas, sendo que nesse caso, o sujeito da frase é o adjetivo *feminista*. Isso pode ser constatado nos itens 2, 4, 5, 6 com *discurso feminista, texto de feminista, festejado por feministas, e feminista afirma*. Somente no exemplo 1 não ocorre a generalização, referindo-se a ex-deputada e candidata a vice-presidente nas eleições de 2018, Manuela D'Ávila.

É possível verificar também que a maioria dos títulos se configuram como denúncias em relação aos atos relatados, como as presentes nos itens 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, de pessoas – as feministas – que apontam atos considerados reprováveis por meio do discurso, que são a favor da destruição da instituição família, que defendem mulheres que cometeram crimes, que festejam abortos, pedofilia, que exclui os homens e que invadem espaços públicos.

Dois desses exemplos não foram enquadrados nas constatações sobre os títulos: os itens 8 e 9. No primeiro título, do *Conexão Política*, não há referência direta ao tema, mas o conteúdo do título refere-se ao que poderia ser relacionada a uma pauta feminista. No conteúdo do texto, entretanto, a referida prefeita é denominada como feminista. Além disso, não há um tom de denúncia, mas de conteúdo informativo de um fato acontecido na Suíça. Apesar disso, a escolha de se qualificar como socialista a prefeita de Genebra como sendo a responsável de retirar

⁴⁰ Disponível em: <<https://www.conexaopolitica.com.br/mundo/suica-prefeita-socialista-exclui-sinais-de-transito-com-homens-das-ruas-de-genebra/>>. Acesso em: 06 jul. 2021.

⁴¹ Disponível em: <<https://conteudo.brasilparalelo.com.br/historia/revolucao-sexual/>>. Acesso em: 06 jul. 2021.

⁴² Disponível em: <<https://brasilsemmedo.com/com-amparo-da-onu-feministas-sequestram-congresso-no-mexico/>>. Acesso em: 06 jul. 2021.

placas com homens na cidade traz, indiretamente, a posição do site a respeito da atitude da prefeita: ao invés de ser apresentada como uma pessoa que tem como intuito a inclusão de todos as pessoas, a prefeita excluiria os homens.

O segundo título aparece como título de reportagem, pois se propõe responder à questão: *O que foi a revolução sexual?*; ademais, propõe-se a apontar as *principais características, teóricos e consequências*. Como já vimos, o *Brasil Paralelo* dispõe-se a produzir conteúdo informativo e, por isso, os títulos selecionados desse site visam explicar, de acordo com eles, a partir de um ponto de vista comprometido com a *verdade histórica*. Logo, o objetivo é trazer acontecimentos históricos pelo ponto de vista deles. A escolha do título em forma de pergunta traz a ideia de se explorar objetivamente o conteúdo, além de trazer de forma didática o tema da revolução sexual.

2.4.2 Os títulos com o tema negro

Foram selecionadas dez notícias com o filtro *negro* em todas as páginas citadas, sendo cinco do site *Jornal da Cidade Online*, três do *Estudos Nacionais*, um do *Brasil Paralelo* e do *Conexão Política*. Os respectivos títulos de cada um dos sites encontram-se discriminados abaixo:

Jornal da cidade online

- 11) *Esquerda diz ser preocupada com o "genocídio negro", mas não para de financiá-lo comprando drogas*⁴³, de 21 de novembro de 2019;
- 12) *O silêncio sepulcral da esquerda ante a queda gigantesca de homicídios de negros e pobres no atual governo*⁴⁴, de 30 de agosto de 2019;
- 13) *A polarização esquerdopata do Black Lives Matter por trás do caso Carrefour*⁴⁵, de 24 de novembro de 2020;
- 14) *Magazine Luiza prejudica "brancos pobres" para ganhar pontos no Ranking da Lactação (veja o vídeo)*⁴⁶, de 26 de setembro de 2020;

⁴³ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/17425/esquerda-diz-ser-preocupada-com-o-equotgenocidio-negroequot-mas-nao-para-de-financia-lo-comprando-drogas>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

⁴⁴ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/16166/o-silencio-sepulcral-da-esquerda-ante-a-queda-gigantesca-de-homicidios-de-negros-e-pobres-no-atual-governo>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

⁴⁵ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/24883/a-polarizacao-esquerdopata-do-black-lives-matter-por-tras-do-caso-carrefour>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

⁴⁶ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/23348/magazine-luiza-prejudica-brancos-pobres-para-ganhar-pontos-no-ranking-da-lactacao-veja-o-video>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

15) *Rio aprova lei do PSOL de luta contra prisão de bandidos negros e vídeo de jovem negro viraliza*⁴⁷, de 19 de maio de 2018.

Estudos Nacionais

16) *Bayer entra na moda e abre programa de trainee apenas para candidatos negros*⁴⁸, de 24 de setembro de 2020;

17) *United Airlines decreta que mulheres e negros deverão ocupar metade das vagas para pilotos*⁴⁹; de 07 de abril de 2021;

18) *Doutorado da Universidade de Chicago aceitará apenas pesquisadores em “estudos negros”*⁵⁰, de 17 de setembro de 2020.

Brasil Paralelo

19) *O que é o movimento Black Lives Matter? Entenda a polêmica da segregação atual*⁵¹, de 27 de novembro de 2020.

Conexão Política

20) *Cota racial: Trump quer o fim de política discriminatória de Obama que vem barrando asiáticos e brancos em universidades americanas*⁵², de 24 de julho de 2018.

Notamos, inicialmente que o exemplo 19, o *Black Lives Matter*, segue a mesma estrutura presente na reportagem com o tema feminista: uma pergunta relacionada ao movimento, seguido da proposta de se entender a polêmica por trás do movimento. Cabe ressaltar que ambas as reportagens são extensas, propondo-se trazer o contexto histórico envolvendo os temas propostos, teóricos, a definição dos movimentos, dentre outros. Os dizeres *entenda a polêmica da segregação atual* propõem ao leitor poder compreender, de forma didática, os acontecimentos relacionados à questão da segregação racial *atual*. Ou seja, no título, há um posicionamento a respeito de uma possível forma de segregação entre raças ocorrendo em 2020, ano da publicação da notícia. Questionamo-nos, a partir desse título, se tal

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/10003/rio-aprova-lei-do-psol-de-luta-contra-encarceramento-de-bandidos-negros-e-video-de-jovem-negro-viraliza>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

⁴⁸ Disponível em: <<https://www.estudosnacionais.com/28868/bayer-entra-na-moda-e-abre-programa-de-trainee- apenas-para-candidatos-negros/>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

⁴⁹ Disponível em: <<https://www.estudosnacionais.com/32005/united-airlines-decreta-que-mulheres-e-negros-deverao-ocupar-metade-das-vagas-para-pilotos/>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

⁵⁰ Disponível em: <<https://www.estudosnacionais.com/28671/doutorado-da-universidade-de-chicago-aceitara- apenas-pesquisadores-em-estudos-negros/>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

⁵¹ Disponível em: <<https://conteudo.brasilparalelo.com.br/politica/black-lives-matter/>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

⁵² Disponível em: <<https://www.conexaopolitica.com.br/artigo/cota-racial-trump-quer-o-fim-de-politica-discriminatoria-de-obama-que-vem-barrando-asiaticos-e-brancos-em-universidades-americanas/>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

segregação seria aquela em que negros sofrem preconceito ou se os brancos que estariam sendo segregados.

Dois temáticas parecem muito nítidas nas notícias levantadas: a relação direta da esquerda ao movimento negro e a questão da injustiça das cotas raciais. No que se refere à primeira observamos os itens 11, 12, 13, 15. Os dois primeiros itens lidam com a questão do assassinato de negros e como a esquerda encontra-se atuante, acusada de ser compradora/consumidora de drogas – e dessa maneira, financiando o *genocídio negro*⁵³ – bem como silenciosa, ante a uma queda de *homicídios de negros e pobres no atual governo*. Os dois últimos, em tom de denúncia, relatam como a esquerda se posiciona em relação a negros que cometem (ou cometeram) crimes. Em um deles mostra como a esquerda – denominada aqui como *esquerdopata* – polarizou o caso do negro assassinado em novembro de 2020 em uma loja de uma rede de supermercados. Já no outro, diz que o partido de esquerda PSOL teria aprovado uma lei que evitaria a *prisão de bandidos negros*.

Na segunda temática, observamos os itens 14, 16, 17, 18, 20. Diretamente, nos itens 16, 17, 18, há a declaração de que empresas ou universidades determinariam a prioridade dos negros para as suas vagas. Importante destacar o seu posicionamento ao dizer que a empresa *entra na moda, decreta* que os negros terão prioridade. Além disso, o uso da palavra *apenas* nos itens 16 e 18 deixa claro o posicionamento do site. O uso desse advérbio poderia indicar a exclusão de outrem com tal atitude. De forma indireta, constatamos os itens 14 e 20, pois não há referência aos negros. Em um deles, o título inicia-se com os dizeres *cotas raciais* e declara como o ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, desfaria a política de discriminação dos asiáticos e brancos. De modo semelhante, notamos a notícia sobre o programa de trainee para candidatos negros proposto pela loja de departamentos Magazine Luiza. Nela, não há a referida informação, mas como a empresa prejudicaria os denominados *brancos pobres* e teria como objetivo *ganhar pontos no ranking da Lacração*, em benefício próprio.

2.4.3 Os títulos com o tema LGBTQIAP+

Com a temática LGBTQIAP+, optamos por buscar por duas entradas – gay e LGBT –, com o intuito de verificar se haveria retornos com os dois termos e se haveria diferença entre as notícias publicadas nos sites selecionados. O recorte é composto por oito notícias com o filtro *gay* e catorze notícias com o filtro *LGBT*, totalizando 22 notícias distribuídas da seguinte maneira: no site *Conexão Política* são três notícias com o filtro *gay* e sete com o filtro *LGBT*;

⁵³ As aspas internas neste e em todos os títulos são do autor da notícia.

no site *Jornal da Cidade Online* com sete retornos sendo 4 com o filtro *gay* e 3 com *LGBT*; quatro notícias no site *Estudos Nacionais* com um e três retornos, respectivamente; e um único retorno no site *Brasil Paralelo* para o filtro *LGBT*. Cabe ressaltar que a temática é vastamente explorada nesses sites, seguida pelas temáticas feminista e negro. Em virtude disso, mais exemplos foram mobilizados sobre esse tema para compor o corpus. Abaixo seguem os títulos das notícias selecionadas, a partir do filtro *gay*:

Conexão Política

21) *Vaticano exclui bênção de união gay e justifica: 'Deus não pode abençoar o pecado'*⁵⁴, de 16 de março de 2021

22) *Kit gay, um mito?*⁵⁵, de 20 de outubro de 2018

23) *Pesquisa inédita revela que principais estatísticas sobre mortes por homofobia no Brasil são falsas*⁵⁶, de 16 de maio de 2019

Jornal da Cidade Online

24) *Marido de Glenn, o deputado David Miranda, era garoto de programa e vendia drogas, diz jornalista*⁵⁷, de 05 de agosto de 2019

25) *Crivella, ex-ministro de Dilma, desmente Bergamo e revela: "Houve sim o Kit Gay" (Veja o Vídeo)*⁵⁸, de 28 de maio de 2019

26) *Silenciosamente, Veja muda manchete de 2011 para favorecer Haddad e retira matéria do ar*⁵⁹, de 15 de outubro de 2018

27) *Governo Federal causa revolta ao financiar doutorado no exterior sobre o tema 'Orgias Gays'*⁶⁰, de 04 de outubro de 2017

Estudos Nacionais

28) *Dilma e a implantação da República de Sodoma*⁶¹, de 24 de maio de 2011

⁵⁴ Disponível em: <<https://www.conexaopolitica.com.br/mundo/vaticano-exclui-bencao-de-uniao-gay-e-justifica-deus-nao-pode-abençoar-o-pecado/>>. Acesso em: 12 maio 2022.

⁵⁵ Disponível em: <<https://www.conexaopolitica.com.br/artigo/kit-gay-um-mito/>>. Acesso em: 12 maio 2022.

⁵⁶ Disponível em: <<https://www.conexaopolitica.com.br/ultimas/pesquisa-inedita-revela-que-principais-estatisticas-sobre-mortes-por-homofobia-no-brasil-sao-falsas/>>. Acesso em: 12 maio 2022.

⁵⁷ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/15801/marido-de-glenn-o-deputado-david-miranda-era-garoto-de-programa-e-vendia-drogas-diz-jornalista/>>. Acesso em: 12 maio 2022.

⁵⁸ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/14770/crivella-ex-ministro-de-dilma-desmente-bergamo-e-revela-houve-sim-o-kit-gay-veja-o-video/>>. Acesso em: 12 maio 2022.

⁵⁹ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/11806/silenciosamente-veja-muda-manchete-de-2011-para-favorecer-haddad-e-retira-materia-do-ar/>>. Acesso em: 12 maio 2022.

⁶⁰ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/7239/governo-federal-causa-revolta-ao-financiar-doutorado-no-externo-sobre-o-tema-orgias-gays/>>. Acesso em: 12 maio 2022.

⁶¹ Disponível em: <<https://www.estudosnacionais.com/418/dilma-e-a-implantacao-da-republica-de-sodoma/>>

Com o filtro *LGBT*, foram selecionadas as seguintes notícias:

Conexão Política

29) *Transexuais e travestis poderão escolher entre presídio feminino e masculino, decide Barroso*⁶², de 21 de março de 2021

30) *Crianças – O alvo da agenda LGBT*⁶³, de 05 de julho de 2019

31) *Papa Francisco defende união civil entre homossexuais*⁶⁴, de 21 de outubro de 2020

32) *Brasil registrou 124 assassinatos de pessoas transgênero em 2019; queda representa 24,5%*⁶⁵, de 29 de janeiro de 2020

33) *Cresce o número de pais que acreditam que o movimento transexual está destruindo seus filhos*⁶⁶, de 22 de novembro de 2019

34) *Ativistas LGBT no Canadá pressionam pais a levarem filhos em ‘paradas gays’: “ninguém gosta mais de nudez do que crianças”*⁶⁷, de 19 de junho de 2019

35) *Série de vídeos perturbadores* sobre “educação sexual” doutrina crianças com “conselhos” explícitos sobre transexualismo no YouTube*⁶⁸, de 17 de novembro de 2019

Jornal da Cidade Online

36) *Epidemia de transgêneros: Querem castrar nossas crianças?*⁶⁹ (veja o vídeo), de 03 de fevereiro de 2020

37) *Com PSOL e PT, seminário LGBT na Câmara exalta “criança transexual”* (veja o vídeo)⁷⁰, de 26 de dezembro de 2020

38) *Crianças, assaltos, uso de drogas, obscenidades e Suplicy, desvirtuam Parada LGBT* (Veja o Vídeo)⁷¹, de 04 de junho de 2018

⁶² Disponível em: <https://www.conexaopolitica.com.br/judiciario/presas-trans-e-travestis-poderao-escolher-entre-presidio-feminino-e-masculino-decide-barroso/>. Acesso em: 12 maio 2022.

⁶³ Disponível em: <https://www.conexaopolitica.com.br/artigo/criancas-o-alvo-da-agenda-lgbt/>. Acesso em: 12 maio 2022.

⁶⁴ Disponível em: <https://www.conexaopolitica.com.br/mundo/papa-francisco-defende-uniao-civil-entre-homossexuais/>. Acesso em: 12 maio 2022.

⁶⁵ Disponível em: <https://www.conexaopolitica.com.br/ultimas/brasil-registrou-124-assassinatos-de-pessoas-transgenero-em-2019-queda-representa-245/>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁶⁶ Disponível em: <https://www.conexaopolitica.com.br/ultimas/cresce-o-numero-de-pais-que-acreditam-que-o-movimento-transexual-esta-destruindo-seus-filhos/>. Acesso em: 13 maio de 2022.

⁶⁷ Disponível em: <https://www.conexaopolitica.com.br/mundo/ativistas-lgbt-no-canada-pressionam-pais-a-levarem-filhos-em-paradas-gays-ninguem-gosta-mais-de-nudez-do-que-criancas/>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁶⁸ Disponível em: <https://www.conexaopolitica.com.br/mundo/serie-de-videos-pertubadores-sobre-educacao-sexual-doutrina-criancas-com-conselhos-explicitos-sobre-sexo-no-youtube/>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁶⁹ Disponível em: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/18609/epidemia-de-transgeneros-querem-castrar-nossas-criancas-veja-o-video/>. Acesso em: 13 de maio de 2022.

⁷⁰ Disponível em: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/25705/com-psol-e-pt-seminario-lgbt-na-camara-exalta-equotriancas-transsexualequot-veja-o-video/>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁷¹ Disponível em: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/10247/criancas-assaltos-uso-de-drogas-obscenidades-e-suplicy-desvirtuam-parada-lgbt-veja-o-video/>. Acesso em: 13 maio 2022.

Estudos Nacionais

39) *Assassinatos de LGBTs representam menos de 1% dos crimes violentos no Brasil*⁷², de 02 de novembro de 2020

40) *Programa da PM de SC protege “pessoas que se identificam como mulher”*⁷³, de 15 de dezembro de 2020

41) *Criminalização da homofobia pode ser “tiro no pé”, temem ativistas LGBT*⁷⁴, de 19 de fevereiro de 2019

Brasil Paralelo

42) *Linguagem inclusiva – Entenda a polêmica do pronome neutro (ou “neutre”?)*⁷⁵, de 01 de setembro de 2021

Sobre os títulos, constatamos primeiramente quais notícias priorizaram o uso do termo LGBT: notícias relacionadas a políticas públicas ou decisões que beneficiem, protejam pessoas trans ou gays, como a criminalização da homofobia, foram unânimes no uso desse termo. Isso pôde ser observado nas notícias referentes aos títulos 29, 40, 41 e 42, trazendo notícias como a decisão do Supremo Tribunal Federal sobre a possibilidade de escolha de presídio feminino ou masculino por pessoas trans, a proteção institucional de pessoas que se identificam como mulher em Santa Catarina, uma suposta opinião de ativistas LGBTQIAP+ sobre a não concordância da criminalização da homofobia e sobre o uso da linguagem inclusiva.

Além dessa temática relacionada ao termo LGBT, percebemos que o seu uso foi constatado em notícias relacionadas às crianças. Na notícia 30, as crianças seriam um alvo da *agenda LGBT*. Já nas notícias 33, 34 e 35, movimentos, ativistas, vídeos estariam ativamente destruindo ou doutrinando as crianças, ou pressionando os pais a levarem as crianças em paradas gays. Na notícia 36, há um questionamento sobre a vontade de se castrar as crianças. Alvo, destruição, doutrinação, castração: a partir desses termos, qual seria a imagem que os conservadores têm das pessoas homossexuais e dos movimentos que as defendem? Mais uma vez, notamos os LGBTQIAP+ sendo tratados como criminosos, como pessoas subversivas, promíscuas e tendo como principal objetivo corromper crianças e destruir a instituição familiar.

⁷² Disponível em: <<https://www.estudosnacionais.com/9017/assassinatos-de-lgbts-reperesentam-menos-de-1-dos-crimes-violentos-no-brasil/>>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁷³ Disponível em: <<https://www.estudosnacionais.com/30214/programa-da-pm-de-sc-protegera-pessoas-que-se-identificam-como-mulher/>>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁷⁴ Disponível em: <<https://www.estudosnacionais.com/10598/criminalizar-a-homofobia-pode-ser-tiro-no-pe-temem-ativistas/>>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁷⁵ Disponível em: <<https://conteudo.brasilparalelo.com.br/filosofia/linguagem-inclusiva/>>. Acesso em: 13 maio 2022.

Em relação ao uso do termo *gay*, três temas foram verificados: religião, influência da esquerda e a queda do índice de assassinatos de pessoas LGBTQIAP+ durante o governo da extrema-direita. Duas notícias foram constatadas acerca do tema religião, sendo a primeira a respeito da defesa da união de pessoas do mesmo sexo realizada pelo Papa Francisco, postada em outubro de 2020 (notícia 31). Já a outra, publicada em março de 2021, a exclusão da bênção da referida união realizada pelo Vaticano (notícia 21).

Na temática relativa à esquerda, observamos sete notícias – 22, 24, 25, 26, 27, 28, 37, 38 -, sendo três delas relacionadas ao alcunhado *kit gay*, em referência ao material criado pelo ministério da Educação em 2011 durante o mandato de Fernando Haddad como ministro da Educação. Nas notícias percebemos que, ora se questiona a sua existência (notícia 22), ora se confirma a sua existência sob a validação de Marcelo Crivella, ex-ministro da Pesca e Agricultura no governo Dilma, sendo realizada com tom acusativo. Duas notícias (27 e 28), uma de 2011 e outra de 2017, referem-se ao governo PT acusando-o de financiar e defender pautas relacionadas à causa, de modo a entender que tal governo favoreceria *orgias gays* ou de uma suposta *república de Sodoma* com tom de acusação. As notícias 23, 32 e 39 apresentam dados de 2019 e 2020, alegando que, durante o governo da extrema-direita, o índice de crimes homofóbicos teria diminuído nesse período, ou se tratava de dados falsos de pesquisas estatísticas de mortes por homofobia, ou seriam ínfimos – menos de 1% dos crimes no Brasil.

Destacamos, dessas notícias, três delas, relacionadas à esquerda: a 24 que acusa o deputado David Miranda de ser garoto de programa e vendedor de drogas; a 37 falando a respeito de um seminário LGBT que teria exaltado uma criança transexual, seminário esse com apoio do PT e do PSOL; e a 38 associando uma lista enumerativa de motivos pelos quais a parada LGBT teria sido desvirtuada: *crianças, assaltos, uso de drogas, obscenidades e Suplicy*, que será abordada no tópico sobre tipologias. Verificamos, a partir desses títulos, uma tentativa de desqualificar os partidos e os políticos de esquerda, seja relacionando-os a crimes bem como as profissões ou as práticas que se desviam da *boa moral e dos bons costumes* tão aclamados pelos conservadores, sendo, dessa forma, más influências – e, conseqüentemente, desqualificados para serem representantes do povo nas câmaras de deputados, senadores.

2.4.4 Os títulos com o tema a respeito dos indígenas

Seguindo a ideia realizada sobre a temática LGBTQIAP+, realizamos a busca relacionada à temática indígena utilizando dois filtros, a saber: *índio* e *indígena*. O intuito foi observar se esses dois retornos trariam diferenças nas notícias a partir da escolha do termo realizado pelos sites analisados. Em vista disso, coletamos na temática indígena dezesseis

notícias, sendo onze com o filtro *índio* e cinco com o filtro *indígena*. Sobre o primeiro filtro, coletamos cinco notícias no site *Jornal da Cidade Online*, quatro notícias no site *Conexão Política* e duas no *Estudos Nacionais*. Com o filtro *indígena*, coletamos duas notícias no *Conexão Política* e uma notícia nos sites *Brasil Paralelo*, *Estudos Nacionais* e *Jornal da Cidade Online*. Apresentamos a seguir os títulos das notícias selecionadas para esta pesquisa. Com o filtro *índio*, constatamos os seguintes:

Jornal da Cidade Online

43) *NOTÍCIAS SOBRE "MASSACRE DE 54 SOLDADOS PELOS ÍNDIOS GUAICURU"*⁷⁶, de 25 de setembro de 2016.

44) *Índigenas ignoram 'corpo' de motorista e agridem PRF para saquear carga (veja o vídeo)*⁷⁷, de 13 de novembro de 2020

45) *Índios armados instituem pedágio de R\$ 100,00 (veja o vídeo)*⁷⁸, de 25 de outubro de 2017

46) *Dilma criou até reserva indígena sem índios dentro, revela deputado amazonense (veja o vídeo)*⁷⁹, de 24 de agosto de 2020

47) *O índio, sua aculturação e o extermínio de suas raízes pelos povos invasores*⁸⁰, de 19 de abril de 2016

Conexão Política

48) *Milícia indígena controla reserva agrícola no norte Rio Grande do Sul*⁸¹, de 05 de agosto de 2019

49) *Investigação da PF não aponta para invasão de terra indígena, diz MPF*⁸², 30 de julho de 2017

⁷⁶ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/tag/massacre-de-54-soldados-pelos-indios-guaicuru>>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁷⁷ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/24575/indigenas-ignoram-corpo-de-motorista-e-agridem-prf-para-saquear-carga-veja-o-video>>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁷⁸ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/7471/indios-armados-instituem-pedagio-de-r-10000-veja-o-video>>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁷⁹ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/22588/dilma-criou-ate-reserva-indigena-sem-indios-dentro-revela-deputado-amazonense-veja-o-video>>. Acesso em: 13 maio 2022

⁸⁰ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/2568/o-indio-sua-aculturacao-e-o-extermínio-de-suas-raizes-pelos-povos-invasores>>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁸¹ Disponível em: <<https://www.conexaopolitica.com.br/ultimas/milicia-indigena-controla-reserva-agricola-no-norte-rio-grande-do-sul>>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁸² Disponível em: <<https://www.conexaopolitica.com.br/politica/investigacao-da-pf-nao-aponta-para-invasao-de-terra-indigena-diz-mpf>>. Acesso em: 13 maio 2022.

50) *Indígenas prendem 4 militares da tropa de Maduro na fronteira da Venezuela com o Brasil*⁸³, de 22 de fevereiro de 2019

51) *Após ameaça de invasão indígena, PRF em Guáira tem policiamento reforçado*⁸⁴, de 19 de fevereiro de 2018

Estudos Nacionais

52) *Folha usa 'índio' loiro e de olho azul para criticar descaso com saúde em aldeias*⁸⁵, de 13 de agosto de 2020

53) *Ministra salvou índia de infanticídio e foi acusada de sequestro pela revista Época*⁸⁶, de 31 de janeiro de 2019

Com o filtro *indígena*, selecionamos as quatro notícias abaixo:

Conexão Política

54) *Governo Federal investe mais de R\$ 4 bilhões em ações de enfrentamento ao Covid-19 em comunidades indígenas e povos tradicionais*⁸⁷, de 13 de abril de 2020

55) *Visando priorizar famílias de baixa renda, Governo Federal cria programa Mais Luz para a Amazônia*⁸⁸, de 05 de fevereiro de 2020

Estudos Nacionais

56) *Governo regulamentará mineração em terras indígenas*⁸⁹, de 04 de setembro de 2019

Brasil Paralelo

57) *Como foi a colonização do Brasil? Curiosamente, a maioria das escolas não conta desta forma*⁹⁰, de 31 de agosto de 2021

Jornal da Cidade Online

⁸³ Disponível em: <<https://www.conexaopolitica.com.br/mundo/indigenas-prendem-4-militares-da-tropa-de-maduro-na-fronteira-da-venezuela-com-o-brasil/>>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁸⁴ Disponível em: <<https://www.conexaopolitica.com.br/ultimas/apos-ameaca-de-invasao-indigena-prf-em-guaira-tem-policiamento-reforcado/>>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁸⁵ Disponível em: <<https://www.estudosnacionais.com/27673/folha-usa-indio-loiro-e-de-olho-azul-para-criticar-descaso-com-saude-em-aldeias/>>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁸⁶ Disponível em: <<https://www.estudosnacionais.com/10111/ministra-salvou-india-de-infanticidio-e-foi-acusada-de-sequestro-pela-revista-epoca/>>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁸⁷ Disponível em: <<https://www.conexaopolitica.com.br/ultimas/governo-federal-investe-mais-de-r-4-bilhoes-em-acoes-de-enfrentamento-ao-covid-19-em-comunidades-indigenas-e-povos-tradicionais/>>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁸⁸ Disponível em: <<https://www.conexaopolitica.com.br/politica/visando-priorizar-familias-de-baixa-renda-governo-federal-cria-programa-mais-luz-para-a-amazonia/>>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁸⁹ Disponível em: <<https://www.estudosnacionais.com/17356/governo-regulamentara-mineracao-em-terras-indigenas/>>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁹⁰ Disponível em: <<https://conteudo.brasilparalelo.com.br/historia/como-foi-a-colonizacao-do-brasil/>>. Acesso em: 13 maio 2022.

58) *Por difamação contra o Governo, PF intima indígena que foi vice de Boulos*⁹¹, de 01 de maio de 2021

De modo geral, constatamos que os títulos podem ser divididos em cinco temáticas: a violência dos indígenas, acusações consideradas infundadas ao governo da extrema-direita, as boas decisões desse mesmo governo, textos que se propõem como instrutivos a respeito dos indígenas e acusações ao governo petista. No que se refere à diferença entre os filtros, observamos a incidência maior do filtro *indígena* na temática relativa às práticas e decisões do governo da extrema-direita, nas notícias 54, 55 e 56. Nelas há informações sobre ações de proteção aos indígenas, seja a partir de investimentos no enfrentamento da covid-19, o acesso à energia elétrica e regulamentação da mineração. Termos como *investe*, *priorizar* e *regulamentará* aparecem nessas notícias de modo a corroborar com a tese de investimento do governo federal da extrema-direita em relação a esse grupo minoritário.

Já em relação às acusações relacionadas ao governo da extrema-direita, verificamos as notícias 49, 52, 53 e 58. Na notícia 52 notamos o uso da ironia ao afirmarem que um *'índio' loiro de olhos azuis* estaria criticando o descaso com a saúde dos indígenas, desqualificando, portanto, quem publica a notícia – o site d'*A Folha de São Paulo* – bem como a pessoa que não seria indígena devido às suas características fenotípicas. Já nas notícias 53 e 58, a presença dos termos *foi acusada* e *difamação*, que se referem à Damares Alves e Sonia Guajajara, respectivamente. Nessas notícias, a ex-ministra é acusada pela revista *Época* de ter sequestrado Lulu Kamayurá enquanto a notícia declara que ela foi salva do infanticídio. Cabe ressaltar que no título da notícia, Lulu não tem nome: ela é a *índia* salva pela ex-ministra do infanticídio. Com relação à Guajajara, não há seu nome no título, aparecendo, entretanto como a *indígena que foi vice de Boulos*. De acordo com o título, ela foi convocada pela polícia federal a depor por difamar o governo da extrema-direita. Em ambos os casos os brancos têm nome ou cargo, enquanto as indígenas não têm: *Ministra salvou índia* e *PF intima indígena*.

As notícias 47 e 57 tem títulos que se apresentam com uma proposta didática, com o intuito de instruir sobre a colonização no Brasil em um dos artigos e sobre a invasão dos colonizadores e extermínio dos povos indígenas. É interessante apontar que a primeira aparece em forma de pergunta, como já vimos em outras notícias do site *Brasil Paralelo: Como foi a*

⁹¹ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/29190/por-difamacao-contra-o-governo-pf-intima-indigena-que-foi-vice-de-boulos>>. Acesso em: 13 maio 2022.

colonização do Brasil?. A pergunta é seguida de uma afirmação de que esse assunto será tratado de forma diferente daquela ensinada nas escolas.

Por último, verificamos as notícias sobre a violência dos indígenas. Nas notícias 43, 44, 45, 48, 50 e 51, observamos acusações de criminalidade, desumanidade, exploração econômica ilícita e de agressões dos indígenas. Ou seja, a maioria das notícias reforçam a ideia do indígena violento, agressor dos brancos, invasor de terras e cobrador de pedágios indevidos dos brancos indefesos. Os termos nesses títulos aparecem com o sentido de imposição: *instituem pedágio, controla reserva, prendem 4 militares, ameaça de invasão*. Destacamos que na notícia 43 não há maiores informações a respeito do suposto massacre, além do título. Em pesquisa realizada no site de busca Google, o referido massacre não aparece em nenhum outro veículo de comunicação. A foto do forte de Coimbra, conforme notamos na imagem abaixo bem como os textos que precedem e sucedem, são clicáveis e levam a uma outra página do mesmo site, tratando desse *marco histórico na Fronteira Oeste*⁹².

Figura 26 – notícia sobre suposto massacre de soldados por índios Guaicuru



Fonte: Jornal da Cidade Online

2.4.5 Os títulos com o tema imigrante

⁹² Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/3881/marco-historico-na-fronteira-oeste>>. Acesso em: 25 maio 2022.

No que se refere ao filtro *imigrante*, selecionamos oito notícias, sendo quatro delas do site *Jornal da Cidade Online*, três no *Conexão Política* e uma no *Estudos Nacionais*. Abaixo, apresentamos os títulos das notícias de cada um deles:

Jornal da Cidade Online

59) *A esperança ruiu e brasileiros deportados por Biden chegam hoje ao Brasil*⁹³, de 21 de maio de 2021

60) *Venezuelanos fazem disparar os percentuais de criminalidade em Roraima*⁹⁴, de 30 de agosto de 2018

61) *Expulsão de criminosos estrangeiros sobe 85% no primeiro ano do governo Bolsonaro*⁹⁵, de 10 de fevereiro de 2020

62) *A responsabilidade pela crise em Roraima e a obrigação de fechar a fronteira com a Venezuela*⁹⁶, de 19 de agosto de 2018

Conexão Política

63) *Biden avança com a agenda globalista e assina três decretos para acelerar a “naturalização” de milhões de imigrantes ilegais*⁹⁷, de 03 de fevereiro de 2021

64) *Avião com 106 brasileiros deportados do EUA pousa em BH*⁹⁸, de 21 de maio de 2021

65) *Governo brasileiro impede entrada de estrangeiros no país por terra e água*⁹⁹, de 27 de janeiro de 2021

Estudos Nacionais

66) *ONG financiada por Soros fornece livretos que ensinam imigrantes a entrar ilegalmente na Europa*¹⁰⁰, de 01 de março de 2018

⁹³ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/29750/a-esperanca-ruiu-e-brasileiros-deportados-por-biden-chegam-hoje-ao-brasil>>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁹⁴ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/11214/venezuelanos-fazem-disparar-os-percentuais-de-criminalidade-em-roraima>>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁹⁵ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/18739/expulsao-de-criminosos-estrangeiros-sobe-85-no-primeiro-ano-do-governo-bolsonaro>>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁹⁶ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/11089/a-responsabilidade-pela-criese-em-roraima-e-a-obrigacao-de-fechar-a-fronteira-com-a-venezuela>>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁹⁷ Disponível em: <<https://www.conexaopolitica.com.br/ultimas/biden-avanca-com-a-agenda-globalista-e-assina-tres-decretos-para-acelerar-a-naturalizacao-de-milhoes-de-imigrantes-ilegais/>>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁹⁸ Disponível em: <<https://www.conexaopolitica.com.br/mundo/aviao-com-106-brasileiros-deportados-do-eua-pousa-em-bh/>>. Acesso em: 13 maio 2022.

⁹⁹ Disponível em: <<https://www.conexaopolitica.com.br/ultimas/governo-brasileiro-impede-entrada-de-estrangeiros-no-pais-por-terra-e-agua/>>. Acesso em: 13 maio 2022.

¹⁰⁰ Disponível em: <<https://www.estudosnacionais.com/7103/ong-financiada-por-soros-fornece-livretos-que-ensinam-imigrantes-entrar-ilegalmente-na-europa/>>. Acesso em: 13 maio 2022.

Percebemos duas temáticas principais a partir da análise desses títulos: a deportação de brasileiros dos Estados Unidos durante o governo de Joe Biden, a expulsão de imigrantes do Brasil pelo governo da extrema-direita. É interessante notar que, no caso dos brasileiros deportados, o foco da notícia é o presidente dos Estados Unidos que estaria deportando brasileiros, destruindo a esperança dos brasileiros (notícia 59) ou naturalizando imigrantes ilegais no país, conforme vemos na notícia 63. Já no caso do Brasil, os *criminosos* (notícia 61) são outros: os imigrantes que entram no Brasil. As notícias lidam com o aumento da expulsão de *criminosos estrangeiros* no primeiro ano do governo da extrema-direita; dos possíveis responsáveis pela crise em Roraima e a necessidade de se fechar as fronteiras com a Venezuela (notícia 62); e o aumento do crime nesse estado, com os venezuelanos por lá (notícia 60).

Em outras palavras, diferentes focos para diferentes situações. Contudo uma coisa eles têm em comum: um inimigo que ameaça a pátria brasileira ou um inimigo que destrói os sonhos dos brasileiros deportados. Para corroborar com a ideia, foi selecionada a notícia 66, sobre o inimigo da extrema-direita, George Soros. De acordo com a notícia, Soros estaria financiando materiais para imigrantes entrarem ilegalmente na Europa. Mais uma vez, o imigrante – desde que não seja brasileiro e esteja à procura de melhores condições de vida – é tratado como um fora da lei, um deturpador da ordem.

2.4.6 Os títulos sobre os grupos minoritários em geral

Com somente quatro notícias selecionadas, devido aos poucos retornos trazidos pelo filtro *minoría*, encontramos duas notícias no site *Jornal da Cidade Online*, uma no *Conexão Política* e uma no *Estudos Nacionais*. Salientamos a escolha em fazer a busca pelo referido termo por supor que tais sites pudessem abordar de forma genérica todos os grupos minoritários. De fato, como podemos observar, foram poucos resultados, porém consideramos que esses retornos trazem assuntos que merecem ser analisados. Segue abaixo os títulos das notícias:

Jornal da Cidade Online

67) *A maioria de joelhos para a minoria*¹⁰¹, de 04 de dezembro de 2020

¹⁰¹ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/25128/a-maioria-de-joelhos-para-a-minoria>>. Acesso em: 13 maio 2022.

68) *Não Sou Negro, Nem Homossexual, Nem Índio, Nem Assaltante, Nem Guerrilheiro, Nem Invasor De Terras. Como faço para viver no Brasil nos dias atuais?*¹⁰², de 17 de novembro de 2017

Conexão Política

69) *China pratica extração forçada de órgãos em minorias étnicas e religiosas nos campos de detenção, conclui tribunal*¹⁰³, de 18 de dezembro de 2020

Estudos Nacionais

70) *Opinião: Magazine Luiza protagoniza ódio ideológico ao excluir outras minorias*¹⁰⁴, de 21 de setembro de 2020

Uma temática predomina aqui: a perda de direitos da maioria para os grupos minoritários. Na notícia 67, a maioria se encontraria em uma posição submissa em relação à minoria, *de joelhos*. Já na notícia 68, o autor da notícia se sente sem lugar no Brasil, em razão dele não pertencer a nenhum desses grupos minoritários citados. Cabe ressaltar que, não somente são citadas as minorias, mas também *assaltante, guerrilheiro e invasor de terras*, todos com o sentido pejorativo dos termos. De acordo com a notícia 70, um grande grupo de lojas brasileiro estaria praticando *ódio ideológico* contra outros grupos minoritários, pois estaria excluindo-os em um processo seletivo para trainees, realizado em setembro de 2020. O autor estaria preocupado com essas pessoas excluídas desse processo, denunciando a prática discriminatória contra esses grupos.

Uma notícia, no entanto, destaca-se das outras: a 69. Nela, há uma denúncia de roubo de órgãos de grupos minoritários étnicos na China. É interessante reparar que o sujeito dessa frase, autor das extrações de órgãos, é a China, o país que acusam de comunista. Diferentemente do que acontece com os imigrantes, o grupo minoritário aqui aparece como vítima, enquanto as minorias no Brasil seriam dotadas de um privilégio que *a maioria* não detém. A minoria seria, por conseguinte, o criminoso que rouba da denominada *maioria* os seus direitos.

Em linhas gerais, notamos, por isso, já nos títulos, que as notícias se propõem a desmascarar aqueles sobre os quais falam, seja para denunciar crimes, criminosos, a destruição

¹⁰² Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/7710/nao-sou-negro-nem-homossexual-nem-indio-nem-assaltante-nem-guerrilheiro-nem-invasor-de-terras-como-faco-para-viver-no-brasil-nos-dias-atuais>>. Acesso em: 13 maio 2022.

¹⁰³ Disponível em: <<https://www.conexaopolitica.com.br/ultimas/china-pratica-extracao-forcada-de-orgaos-em-minorias-etnicas-e-religiosas-nos-campos-de-detencao-conclui-tribunal/>>. Acesso em: 13 maio 2022.

¹⁰⁴ Disponível em: <<https://www.estudosnacionais.com/28740/opinio-magazine-luiza-protagoniza-odio-ideologico-ao-excluir-outras-minorias/>>. Acesso em: 13 maio 2022.

da família, assassinatos, associação dos movimentos a crimes, ou seja, atos considerados condenáveis realizados por feministas ou pessoas associadas aos movimentos negros. Ao considerar que essas notícias são divulgadas em sites diversos, muitas pessoas podem ler tais títulos e sequer clicarem para saber o conteúdo da notícia. A construção de saberes e crenças, ao nosso ver, já vão sendo construídas por meio dos títulos e podem fazer circular informações como as que vimos neste capítulo.

3 OS PRÉ-DISCURSOS E SEU FUNCIONAMENTO

Neste capítulo serão abordadas a teoria dos pré-discursos e as ferramentas de análise propostas por Marie-Anne Paveau, na obra *Les prédiscours – sens, mémoire, cognition*, lançada em 2006 e traduzida no Brasil em 2013, tendo como título *Os pré-discursos: sentido, memória, cognição*. Paveau propõe uma prática renovada de análise que se dispõe a entender o discurso e a produção de sentidos, porquanto compreende o sujeito não somente atravessado pela ideologia, mas também por uma dimensão cognitiva, pois ele pensa, manipula e organiza informações. O cognitivo, para a pesquisadora, é não só mental, mas social, ou seja, é “tomado na rede da colaboração, da cooperação interagentes e da distribuição de saberes e informações” e “coconstrói, pois, com os outros seres humanos e com os artefatos um pensamento coletivo” (PAVEAU, 2013, p. 243), que permite afirmar sua existência.

Entre tais artefatos, inscrevem-se o que a autora denomina como ferramentas discursivas, que permitem trabalhar e fabricar os dados pré-discursivos. Tais ferramentas podem ser ferramentas linguísticas, como dicionários, gramáticas, lembretes; podem ser escritas de todos os tipos, desde etiquetas, embalagens, blocos de nota e agendas até artefatos, monumentos, dentre outros. Esses quadros anteriores estão no indivíduo e nesses artefatos, que são formas de ter a distribuição dessas anterioridades dos quadros pré-discursivos.

Para se pensar o discurso no entremeio dessas dimensões, Paveau propõe a categoria dos pré-discursos. Os pré-discursos são um conjunto de dados anteriores que constituem os sujeitos que não só produzem, como interpretam o sentido nos discursos. Verificamos como são mobilizados esses conhecimentos partilhados, como a presença dessas anterioridades do discurso aparecem. Os locutores possuem à sua disposição informações anteriores, tratadas e estocadas antes de serem realizadas pelos locutores em seus discursos.

A autora afirma que “eles derivam, com efeito, de quadro de saber e de crença que informam diretamente os discursos produzidos (informações de natureza enciclopédica ou estereotípica)” (PAVEAU, 2013, p. 20). São dados que não são materialmente discursivos, não sendo, porém totalmente estranhos à discursivização, sendo providos da percepção organizada do mundo, tal como do acúmulo de experiências.

Os dados coletivos são, ao mesmo tempo, prévios ao discurso e elaborados pelos discursos como um efeito de evidência e se apresentam como se fossem anteriores a ele. Dessa forma, há relevância de se compreender esse fenômeno, visto que tem sido utilizado com frequência e tem tido papel fundamental na tomada de decisões dos sujeitos em relação a questões políticas, de saúde pública, dentre outros.

Cabe ressaltar aqui que a ideia de coletivo, de acordo com a autora, para além de uma oposição com a individualidade ou a singularidade, também lida com a ideia de uma forma científica de se ver o mundo, encarando-a como um “sistema social parcial, um conjunto organizado de papéis definidos, (...) por adesão a um sistema de valores comuns.” (PAVEAU, 2013, p. 31) Além disso, ela ressalta a ideia de uma dimensão coletiva que passa por gerações, por meio da qual se transmitiria e circularia os pré-discursos. Dessa maneira, isso se trataria de uma formulação das estruturas partilhadas, ou seja, organizadores que podem ser mobilizados na produção de discursos.

Paveau afirma que os quadros pré-discursivos possuem seis propriedades: 1) a coletividade, como uma coelaboração entre indivíduo e sociedade, em que os dados pré-discursivos partilham-se de forma coletiva, porém apropriados de forma individual, ainda que com a ilusão de construção de versões originais, conforme postula Pêcheux (2014); 2) a imaterialidade, por meio do qual os pré-discursos não são inscritos diretamente na materialidade, aparecendo, contudo com marcas indiretas, sem que os locutores tenham consciência deles, conquanto não são formuláveis, mas identificáveis, dados como certo, em função dos seus traços de presença; 3) a transmissibilidade, ou seja, a coletividade que acontece por meio do eixo sincrônico – “a comunicabilidade enciclopédica, isto é, da construção, difusão e circulação dos quadros de saber e de crença pré-discursivos, na comunidade dos locutores e na sociedade em geral” (PAVEAU, 2013, p. 135) e por meio do eixo diacrônico e da transmissão ao longo do tempo, a partir de discursos anteriores, explorados antes de serem transmitidos pelos locutores; 4) a experimentalidade que se configura segundo a ideia de organização, da experiência individual de cada um a partir da memória, mas lidando com a previsão dos discursos a serem produzidos; 5) a intersubjetividade, que lida com a ideia de relatividade da verdade, com uma ideia de conjuntos de mundos possíveis, assim como para um universo de crenças instáveis relativos ao tempo e ao lugar; 6) a discursividade dos pré-discursos, observáveis linguisticamente, constituídos de sinais de pré-discursos no discurso, chamados pela autora de apelos aos pré-discursos coletivos anteriores.

A anterioridade dos pré-discursos se dá sob o eixo diacrônico, seja ela uma “anterioridade real, como um saber pré-existente, ou resultante de um efeito dos discursos, como o efeito de evidência” (PAVEAU, 2013, p. 142). Quanto a localidade, ela se dá nas relações entre sujeito e o ambiente social, cultural, histórico bem como com o tecnológico, como verificamos no capítulo anterior.

A proposta de análise aqui se calçou na questão de como os sites selecionados para esta pesquisa mobilizariam os diversos grupos minoritários. Em vista disso, constatamos que foi desenvolvida uma construção da narrativa dos heróis versus vilões, a qual se revela como um meio de se entender o processo discursivo a partir das categorias de análise de apelo aos pré-discursos, propostas por Paveau. Essa imagem de nós (os heróis) e eles (os vilões) pode ser observada em todos os apelos aos pré-discursos e os exemplos recortados.

Cabe ressaltar que a seleção do corpus para este capítulo não foi realizada em consonância com a teoria do discurso digital, haja vista a grande quantidade de exemplos selecionados de acordo com todas as categorias de análise do quadro de pré-discursos. Tal tarefa seria exaustiva, pois demandaria a captura de tela de cada um dos exemplos, a descrição de cada uma das páginas dos exemplos e a interpretação dos efeitos de sentido produzidos no ambiente digital, além da análise dos indícios de crenças e saberes. Em virtude disso, utilizaremos somente a materialidade linguística, ainda que compreendamos as questões levantadas no capítulo anterior.

A fim de facilitar a identificação das notícias selecionadas, colocamos legendas no final de cada excerto, separadas por parênteses. A legenda será composta pelo número respectivo da notícia – conforme a tabela abaixo –, seguida da sigla de referência ao filtro relacionado à busca de cada termo. Portanto, o termo *feminista* aparecerá com a sigla FEM, o filtro *negro* será identificado com a sigla NGR, os filtros *gay* e *LGBT* constarão com a sigla LGB, enquanto os filtros *índio* e *indígena* aparecerão com a sigla IND; os filtros *minoria* e *imigrante* serão identificados pelas siglas MIN e IMI, respectivamente.

Na sequência, com o intuito de indicar as notícias referentes aos excertos da análise, constará um termo identificador da notícia, com todas as letras em maiúsculo. Destacamos a notícia *A longa ficha criminal e o estupro cometido pelo “amigo” da feminista Manuela D’Ávila* com a palavra HACKER. Por último, indicamos os sites com suas siglas: *Estudos Nacionais* (EN), *Brasil Paralelo* (BP), *Brasil Sem Medo* (BSM), *Conexão Política* (CP) e o *Jornal da Cidade Online* (JCO). Como exemplo, o item 13 terá como legenda: (13, NGR, POLARIZAÇÃO, JCO). A fim de facilitar a consulta, criamos um quadro com o número da sequência, as respectivas siglas, os termos identificador da notícia bem como a sigla dos sites.

Tabela 3 – itens para a composição das legendas para os excertos

	Notícia	Identificador	Site
1	<i>A longa ficha criminal e o estupro cometido pelo “amigo” da feminista Manuela D’Ávila</i>	HACKER	JCO

2	<i>Google faz constatação que derruba discurso feminista e indeniza homens</i>	GOOGLE	JCO
3	<i>Travesti feminista e comunista defende abertamente a radicalização da política para destruir a família</i>	RADICAL	JCO
4	<i>Texto de feminista exaltando a “atitude” e o crime de Suzane von Richthofen choca a internet</i>	RICHTHOFEN	JCO
5	<i>Festejado por feministas, envenenamento salino “derreteu” bebê no ventre da menina de 10 anos</i>	ABORTO	EM
6	<i>Feminista afirma que sociedade deve aceitar pedofilia</i>	PEDOFILIA	EM
7	<i>Tatuadora feminista posta fotos de tatuagem de bebê com faca encravada na cabeça, feita na barriga de cliente</i>	TATUAGEM	CP
8	<i>Prefeita socialista exclui sinais de trânsito com homens das ruas de Genebra</i>	TRÂNSITO	CP
9	<i>O que foi a Revolução Sexual? Principais características, teóricos e consequências</i>	REV. SEXUAL	BP
10	<i>Com amparo da ONU, feministas sequestram Congresso no México</i>	MÉXICO	BSM
11	<i>Esquerda diz ser preocupada com o “genocídio negro”, mas não para de financiá-lo comprando drogas</i>	GENOCÍDIO	JCO
12	<i>O silêncio sepulcral da esquerda ante a queda gigantesca de homicídios de negros e pobres no atual governo</i>	SILÊNCIO	JCO
13	<i>A polarização esquerdopata do Black Lives Matter por trás do caso Carrefour</i>	POLARIZAÇÃO	JCO
14	<i>Magazine Luiza prejudica “brancos pobres” para ganhar pontos no Ranking da Lacração (veja o vídeo)</i>	MAGAZINE	JCO
15	<i>Rio aprova lei do PSOL de luta contra prisão de bandidos negros e vídeo de jovem negro viraliza</i>	LEI RJ	JCO
16	<i>Bayer entra na moda e abre programa de trainee apenas para candidatos negros</i>	BAYER	EM
17	<i>United Airlines decreta que mulheres e negros deverão ocupar metade das vagas para pilotos</i>	UNITED	EM
18	<i>Doutorado da Universidade de Chicago aceitará apenas pesquisadores “estudos negros”</i>	UN. CHICAGO	EM
19	<i>O que é o movimento Black Lives Matter? Entenda a polêmica da segregação atual</i>	BLM	BP
20	<i>Cota racial: Trump quer o fim de política discriminatória de Obama que vem barrando asiáticos e brancos em universidades americanas</i>	ASIÁTICOS	CP
21	<i>Vaticano exclui bênção de união gay e justifica: ‘Deus não pode abençoar o pecado’</i>	VATICANO	CP
22	<i>Kit gay, um mito?</i>	KIT GAY	CP
23	<i>Pesquisa inédita revela que principais estatísticas sobre mortes por homofobia no Brasil são falsas</i>	PESQUISA	CP
24	<i>Marido de Glenn, o deputado David Miranda, era garoto de programa e vendia drogas, diz jornalista</i>	DAVID MIRANDA	JCO
25	<i>Crivella, ex-ministro de Dilma, desmente Bergamo e revela: “Houve sim o Kit Gay” (Veja o Vídeo)</i>	CRIVELLA	JCO
26	<i>“Silenciosamente, Veja muda manchete de 2011 para favorecer Haddad e retira matéria do ar</i>	VEJA	JCO
27	<i>Governo Federal causa revolta ao financiar doutorado no exterior sobre o tema ‘Orgias Gays’</i>	ORGIAS	JCO
28	<i>Dilma e a implantação da República de Sodoma</i>	SODOMA	EM
29	<i>Transexuais e travestis poderão escolher entre presídio feminino e masculino, decide Barroso</i>	PRESÍDIO	CP
30	<i>Crianças – O alvo da agenda LGBT</i>	ALVO	CP
31	<i>Papa Francisco defende união civil entre homossexuais</i>	PAPA	CP

32	<i>Brasil registrou 124 assassinatos de pessoas transgênero em 2019; queda representa 24,5%</i>	QUEDA	CP
33	<i>Cresce o número de pais que acreditam que o movimento transexual está destruindo seus filhos</i>	PAIS	CP
34	<i>Ativistas LGBT no Canadá pressionam pais a levarem filhos em 'paradas gays': "ninguém gosta mais de nudez do que crianças"</i>	PARADAS	CP
35	<i>Série de vídeos perturbadores* sobre "educação sexual" doutrina crianças com "conselhos" explícitos sobre transexualismo no YouTube</i>	VÍDEOS	CP
36	<i>Epidemia de transgêneros: Querem castrar nossas crianças?</i>	EPIDEMIA	JCO
37	<i>Com PSOL e PT, seminário LGBT na Câmara exalta "criança transexual" (veja o vídeo)</i>	SEMINÁRIO	JCO
38	<i>Crianças, assaltos, uso de drogas, obscenidades e Suplicy, desvirtuam Parada LGBT (Veja o Vídeo)</i>	PARADA SP	JCO
39	<i>Assassinatos de LGBTs representam menos de 1% dos crimes violentos no Brasil</i>	ASSASSINATOS	EM
40	<i>Programa da PM de SC protege "pessoas que se identificam como mulher"</i>	PMSC	EM
41	<i>Criminalização da homofobia pode ser "tiro no pé", temem ativistas LGBT</i>	CRIMINALIZAÇÃO	EM
42	<i>Linguagem inclusiva – Entenda a polêmica do pronome neutro (ou "neutre"?)</i>	LINGUAGEM	BP
43	NOTÍCIAS SOBRE "MASSACRE DE 54 SOLDADOS PELOS ÍNDIOS GUAICURU"	GUAICURU	JCO
44	<i>Índigenas ignoram 'corpo' de motorista e agridem PRF para saquear carga (veja o vídeo)</i>	CARGA	JCO
45	<i>Índios armados instituem pedágio de R\$ 100,00 (veja o vídeo)</i>	PEDÁGIO	JCO
46	<i>Dilma criou até reserva indígena sem índios dentro, revela deputado amazonense (veja o vídeo)</i>	RESERVA	JCO
47	<i>O índio, sua aculturação e o extermínio de suas raízes pelos povos invasores</i>	ACULTURAÇÃO	JCO
48	<i>Milícia indígena controla reserva agrícola no norte Rio Grande do Sul</i>	MILÍCIA	CP
49	<i>Investigação da PF não aponta para invasão de terra indígena, diz MPF</i>	INVESTIGAÇÃO PF	CP
50	<i>Índigenas prendem 4 militares da tropa de Maduro na fronteira da Venezuela com o Brasil</i>	VENEZUELA	CP
51	<i>Após ameaça de invasão indígena, PRF em Guaíba tem policiamento reforçado</i>	GUAÍRA	CP
52	<i>Folha usa 'índio' loiro e de olho azul para criticar descaso com saúde em aldeias</i>	FOLHA	EM
53	<i>Ministra salvou índia de infanticídio e foi acusada de sequestro pela revista Época</i>	INFANTICÍDIO	EM
54	<i>Governo Federal investe mais de R\$ 4 bilhões em ações de enfrentamento ao Covid-19 em comunidades indígenas e povos tradicionais</i>	COVID-19	CP
55	<i>Visando priorizar famílias de baixa renda, Governo Federal cria programa Mais Luz para a Amazônia</i>	AMAZÔNIA	CP
56	<i>Governo regulamentará mineração em terras indígenas</i>	MINERAÇÃO	EM
57	<i>Como foi a colonização do Brasil? Curiosamente, a maioria da* escolas não conta desta forma</i>	COLONIZAÇÃO	BP
58	<i>Por difamação contra o Governo, PF intima indígena que foi vice de Boulos</i>	DIFAMAÇÃO	JCO
59	<i>A esperança ruíu e brasileiros deportados por Biden chegam hoje ao Brasil</i>	DEPORTADOS	JCO
60	<i>Venezuelanos fazem disparar os percentuais de criminalidade em Roraima</i>	RORAIMA	JCO

61	<i>Expulsão de criminosos estrangeiros sobe 85% no primeiro ano do governo Bolsonaro</i>	EXPULSÃO	JCO
62	<i>A responsabilidade pela crise em Roraima e a obrigação de fechar a fronteira com a Venezuela</i>	FRONTEIRA	JCO
63	<i>Biden avança com a agenda globalista e assina três decretos para acelerar a “naturalização” de milhões de imigrantes ilegais</i>	BIDEN	CP
64	<i>Avião com 106 brasileiros deportados do EUA pousa em BH</i>	AVIÃO	CP
65	<i>Governo brasileiro impede entrada de estrangeiros no país por terra e água</i>	ENTRADA	CP
66	<i>ONG financiada por Soros fornece livretos que ensinam imigrantes a entrar ilegalmente na Europa</i>	SOROS	EM
67	<i>A maioria de joelhos para a minoria</i>	MAIORIA	JCO
68	<i>Não Sou Negro, Nem Homossexual, Nem Índio, Nem Assaltante, Nem Guerrilheiro, Nem Invasor De Terras. Como faço para viver no Brasil nos dias atuais?</i>	BRANCO	JCO
69	<i>China pratica extração forçada de órgãos em minorias étnicas e religiosas nos campos de detenção, conclui tribunal</i>	CHINA	CP
70	<i>Opinião: Magazine Luiza protagoniza ódio ideológico ao excluir outras minorias</i>	ÓDIO	EM

Fonte: elaborada pela autora

Definidas as legendas, partimos para as ferramentas de análise que recorrem às filiações discursivas, à partilha do sentido e aos organizadores textual-cognitivos, conforme propõe Paveau. Acreditamos que, a partir dessas ferramentas de análise, podemos defender que há uma especificidade dos pré-discursos em relação aos grupos minoritários selecionados.

Tendo em vista tal especificidade, nossa primeira proposição de tese é de que há determinados pré-discursos *tradicionais*. Esses pré-discursos lidam com a memória da língua por meio de correções discursivas, da memória dos antigos, partindo de uma enunciação patrimonial fundamentando a legitimidade por meio dos locutores canônicos, ou seja, dos personagens do passado, do uso de nomes próprios como evocadores de determinados momentos da história.

A segunda proposição lida com fenômenos linguageiros apoiando-se em sentidos que se supõem partilhados por todos. Esses sentidos são demonstrados, por exemplo, por meio de interrogações genéricas, por declarações e restrições epistêmicas, formas linguageiras pelas quais se espera uma espécie de uma objetividade/subjetividade compartilhada dos locutores. Trata-se de pré-discursos que optamos por denominar como *incontestáveis*.

E por último, as formas cognitivas textuais, em forma de listas enumerativas, metáforas apoiadas em saberes anteriores e antíteses fundadoras, que contribuem não somente organizando como elaborando o discurso. Entendemos tais pré-discursos como *contrastivos*, pois confirmam, especialmente por meio das antíteses, os demais apelos percorridos neste capítulo.

Essa é a nossa contribuição enquanto questão epistemológica para a análise dos pré-discursos, como pano de fundo da representação simbólica nos discursos acerca das minorias. Ao conceber tais pré-discursos como tradicionais, incontestáveis e contrastivos, compreendemos que são eles que vão sustentar a construção e a disputa de narrativas, considerando fazermos nelas o movimento de interpretação, como veremos neste capítulo. Ao mesmo tempo, vão também sustentar a proposição da narrativa heróis versus vilões desses jornais, construída em torno das minorias. Cada uma dessas proposições será tratada a seguir e, posteriormente, faremos a análise dos pré-discursos presentes no corpus a partir delas.

3.1 PRÉ-DISCURSOS TRADICIONAIS

Paveau afirma que o apelo aos pré-discursos pode elaborar ou conservar a conexão com os predecessores, como uma forma de transmissibilidade vertical ativa e a organização social, e uma parte da competência discursiva dos sujeitos dependem dela. Os lugares de memória possuem agentes de transmissão preexistentes às produções discursivas individuais, de acordo com o imaginário linguístico dos locutores. No que se refere aos modos de apelo aos pré-discursos, Paveau apresenta, de forma geral, da seguinte maneira:

Os sujeitos falantes recorrem a uma memória da língua, vista como transcendental e autônoma, como testemunham as figuras do etimologismo, do lexicografismo e do lexicologismo, que se apoiam em uma espécie de lei da língua depositada nos agentes externos (dicionários, guias de francês correto). Eles podem também recorrer à memória discursiva patrimonial e fazer apelo aos pré-discursos da sabedoria coletiva ou de autores canônicos que lhes parecem garantir a transmissão tanto do passado quanto da verdade. Último agente da transmissão de filiações discursivas examinado aqui: o nome próprio, verdadeiro nome de memória no qual se sedimentam os valores associados aos acontecimentos e aos saberes partilhados. (PAVEAU, p. 159, 2013)

Tais apelos dividem-se em três tipos: o apelo à memória da língua, apelo à memória dos antigos e o apelo aos nomes de memória. A ideia de apelo, como já verificamos, tem a ver com os sinais apresentados no discurso que indicam a presença dos pré-discursos. Como vimos, propomos tais pré-discursos como tradicionais. Esse termo se refere ao sentido da transmissão de saberes e crenças que permeia tais apelos. Ao se designarem como jornais conservadores, os elementos pré-discursivos aparecem de forma a contestar o dizer do outro em oposição a eles, corroborando com a ideia de duas posições divergentes e na construção de narrativas sobre os grupos minoritários. Além disso, entendemos também o tradicional que se refere à memória, tanto da língua – na qual há um juízo de valor sobre o que é ou não uma boa língua – quanto

dos antigos, sejam eles enunciados proverbiais ou precursores que garantiriam credibilidade aos seus argumentos.

3.1.1 Apelo à memória da língua

A memória da língua, segundo Paveau, refere-se ao conjunto de lembranças que remetem ao sentido das palavras, à propriedade das expressões tanto como a correção de formulações, dentre outras. Esse conjunto seria parecido com o que Saussure propôs como tesouro coletivo e social no plano descritivo. Já no plano funcional, tal tipo de pré-discurso corresponde mais à língua de puristas do que à de linguistas. Entretanto, a memória da língua refere-se com maior frequência no plano lexical, a fim de defender um valor das palavras, como se no uso ocorresse uma desmemória lexical, desrespeitando o sentido das palavras inscrito na memória da língua. O apelo a essa memória constitui uma forma de prática linguística espontânea que se inscreve em um discurso a respeito do discurso.

Os sujeitos recorrem à memória da língua, entendida como transcendental e autônoma, por: 1) etimologismo, no qual os locutores buscam a origem das palavras como um sentido verdadeiro; 2) lexicologismo, pelo qual os locutores produzem comentários, em sua maior parte críticos, partindo da relação forma versus sentido das palavras; e 3) lexicografismo, no qual os locutores propõem redefinições de termos que consideram degradados pelo uso. No corpus, observamos os dois últimos itens, sobre os quais trataremos a seguir.

3.1.1.1 Lexicologismo e as rejeições tipográficas

No que diz respeito ao lexicologismo, Paveau afirma que as manifestações ocorrem em forma de aspas de rejeição, acompanhadas de rejeições discursivas ou de comentários lexicológicos espontâneos, por meio dos quais os locutores fazem uma discussão do sentido das palavras, tal qual a apropriação dos sentidos em relação ao mundo. Geralmente as regras de uma economia de trocas semânticas são consideradas como transgressoras e remetem a uma atitude purista, relativa ao bom uso e à prescrição linguística. Conforme a autora, tais fenômenos de rejeição integram uma crítica à forma como o outro formula a relação entre as palavras e as coisas, de modo a apontar as maneiras inadequadas de dizer e como essas formas mascaram o real.

A partir da análise do corpus recortado com base nos filtros realizados – *feminista, negro, gay/LGBT, índio/indígena, imigrante e minoria* - nas páginas selecionadas constatamos amplamente as referidas práticas tanto como uma maneira de corrigir os termos utilizados, a

partir dos comentários lexicológicos espontâneos, tal qual se mostrar contrário à posição do seu interlocutor. Abaixo, seguem os exemplos extraídos do corpus com as aspas de rejeição¹⁰⁵:

- 1) Mirjam apresentou a pedofilia como algo normal, sendo uma “*orientação sexual imutável*” e frisando que a sociedade “deveria aceitar mais os pedófilos”. (6, FEM, PEDOFILIA, EN)
- 2) O texto classifica a assassina como “*ativista na luta contra o europatriarcado*”. (4, FEM, RICHTHOFEN, JCO)
- 3) A prefeita socialista disse que deseja aumentar a “*visibilidade das mulheres*” nos espaços públicos. (8, FEM, TRÂNSITO, CP)
- 4) Segundo a procuradora Adriene Reis Araujo, a discriminação é válida desde que ela só prejudique pessoas que não se enquadram nos grupos “*historicamente vulneráveis*”. (14, NGR, MAGAZINE, JCO)
- 5) As lideranças indígenas relataram para as equipes de investigação que 15 invasores passaram uma noite na aldeia Yvytotõ, distante cerca de 300 quilômetros da capital, Macapá, de forma “*impositiva*” e “de posse de armas de fogo de grosso calibre”. (49, IND, INVESTIGAÇÃO PF, CP)
- 6) Segundo o beligerante jornal, os índios estão insatisfeitos com as ‘*novas rotinas*’. De acordo com o pajé da aldeia Lobo Velho, a situação financeira da tribo ficou ‘bem apertada’. (52, IND, FOLHA, EN)
- 7) Na tal ‘checagem’, desconsiderando o caráter emotivo empregado no texto, vez que redigido por uma pessoa que está vivenciando as agruras da invasão venezuelana, a agência fez algumas considerações absurdas, atribuindo ‘*exagero*’ em alguns trechos e ‘*falso*’ em outras passagens relatadas pela moradora. Considerou ‘*exagerada*’ a afirmação de que Pacaraima não tinha um homicídio há três anos. (60, IMI, RORAIMA, JCO)
- 8) Terrorista e assassino que foi condenado à prisão perpétua na Itália e fugiu para o Brasil, recebendo do governo do PT o status de “*refugiado político*” (61, IMI, EXPULSÃO, JCO)
- 9) Em outro vídeo intitulado “Love is Love”, as “*instrutoras*” explicam as “maravilhas” da masturbação e descrevem o ato como um importante “*amor próprio*” que as pessoas fazem quando querem se sentir bem. (35, LGB, VÍDEOS, CP)

Podemos verificar que as rejeições tipográficas com o uso das aspas referem-se aos discursos proferidos por aqueles rejeitados pelos locutores do texto. Observamos o uso dos verbos dicendi *apresentar*, *frisar*, *dizer*, *relatar* e *explicar*, como podemos notar nos exemplos 1, 3, 5 e 9 tal como por meio das locuções prepositivas *segundo X*, *de acordo com*, nos exemplos 4 e 6. Nos demais exemplos, os verbos também indicam o discurso do outro, a partir do uso de verbos como *classificar*, *considerar*, *atribuir* (exemplos 2 e 7) ou pelo uso de locuções verbais como *fazer considerações* e *receber status* (exemplos 7 e 8).

¹⁰⁵ Na obra *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*, Authier-Revuz discorre sobre o uso das aspas, defendendo que alguns usos podem indicar a suspensão da responsabilidade do locutor, manifestando-se com um questionamento da adequação do uso da palavra bem como marcar a oposição do locutor. Tal suspensão criaria um espaço para interpretação, podendo ser acompanhado por um comentário crítico, colocando o locutor em uma posição de julgamento. As aspas indicariam, portanto, uma fala que está sob constante vigilância. Paveau (2013) trata também do comentário, como veremos adiante neste tópico.

Esses recursos são utilizados a fim de deixar claro que aqueles dizeres não são do locutor do texto, mas daqueles sobre os quais o locutor fala. Além disso, reforçam a ideia de oposição ao discurso rejeitado por meio das aspas. Embora as expressões sejam caracterizadas como uma citação do discurso do outro, é importante frisar que colocaram entre aspas somente termos ou expressões utilizadas por quem os proferiram. Por ser uma citação direta, poderia ter-se optado por colocar dentro das aspas toda a sentença do autor da declaração; entretanto, ao citar somente a expressão, as aspas podem ser entendidas como rejeição tipográfica, a partir da rejeição de um segmento ou item lexical usado pelo sujeito sobre o qual o locutor fala.

Cabe ressaltar que, diferentemente dos demais excertos, nos quais há um sujeito específico da citação, no exemplo 8 há uma generalização desse sujeito: *recebendo status do governo do PT*. De modo similar, podemos observar nos exemplos a seguir que há uma referência ao discurso do outro, sobre o qual o locutor se refere. Entretanto, sem a presença dos verbos ou locuções verbais citados nos exemplos anteriores, não havendo uma referência direta a um sujeito específico ou genérico que o tenha proferido, mas generalizando os dizeres a um grupo que o utilizaria tais termos ou expressões, do ponto de vista do locutor. Entendemos que as aspas utilizadas nos próximos exemplos demonstram a rejeição desses dizeres e ironizam tais expressões, atribuídos de forma implícita aos sujeitos filiados às pautas identitárias:

10) Vaidoso, gosta de se gabar, machista, estuprador, enfim... um típico “*macho escroto*” que Manu - a feminista, resolveu se misturar... (1, FEM, HACKER, JCO)

11) Esse ativismo maligno travestido de “*Direitos Humanos*” tem propagado a ideia de que matar uma criança, ainda no útero materno, é algo natural, de direito e incontestável. (7, FEM, TATUAGEM, CP)

12) Está, hoje, em torno de R\$ 4 bilhões de reais o que é retirado dos pagadores de tributos para ‘*ressarcir*’ aqueles que resolveram pegar em armas contra o governo militar ou se disseram perseguidos. (68, MIN, BRANCO, JCO)

13) Trata-se de clara discriminação em relação ao cidadão comum, desempregado, que não tem esse ‘*privilégio*’, simplesmente porque esse cumpre a lei. (68, MIN, BRANCO, JCO)

14) ...o imbecil tupiniquim, mais* gosta de ouvir aos domingos – o discurso de “*solidariedade*”. (...) Depois é só ir para Copacabana com velas nas mãos cantando “*Imagine*” em apoio aos venezuelanos: aí fica fácil falar em “*xenofobia*”, “*fascismo*” e “*preconceito*”. (62, IMI, FRONTEIRA, JCO)

15) As crianças estão sendo bombardeadas com a ideia de que o sexo não é biológico, mas que elas têm o direito de controlar sua “*sexualidade*”. (30, LGB, ALVO, CP)

16) Programa da PM de SC protege “*pessoas que se identificam como mulher*” (40, LGB, PMSC, EN)

17) Para a esquerda, Trump era o “*malvadão*” da vez e precisava ser derrotado pelo senhor bonzinho, representante do que seria uma virada na política “*imperialista*” norte americana. (59, IMI, DEPORTADOS, JCO)

O termo *macho escroto*, por exemplo, não foi proferido por alguém em específico, mas está associado às feministas, que supostamente diriam a respeito de um homem sobre o qual eles falam na notícia. De modo semelhante, constatamos os exemplos 15 e 16, nos quais *sexualidade* e *peças que se identificam como mulher* aparecem entre aspas para rejeitar a expressão e associar à pauta LGBTQIAP+, de modo a se referirem ao que denominaram como ideologia de gênero. Nos exemplos 11 e 14, notamos uma forma de acusação irônica em relação aos termos entre aspas usados por esses outros. Isso se dá a partir dos termos *travestido de* e *o discurso de*, sugerindo que há uma deturpação dos *direitos humanos* e da suposta *solidariedade*. Já os demais exemplos são mais genéricos e associam a termos rejeitados também pelos locutores, porém termos que os progressistas, de modo geral, supostamente utilizariam: *ressarcir*, *privilégio* e *política 'imperialista'*.

Observamos uma terceira forma de aspas de rejeição nos últimos exemplos das duas últimas categorias: *malvadão* no exemplo acima e *instrutoras* no exemplo 9 como vimos na página 109. Diferentemente do que acontece nos casos anteriores e do que autora propõe como lexicologismo, encontramos exemplos de rejeições tipográficas por meio das aspas, nos quais os locutores não se baseiam no discurso do sujeito a quem se refere, mas do próprio locutor a partir do seu posicionamento ideológico, como no caso anterior, de modo a ironizar pessoas, atos ou suavizar expressões, como verificamos a seguir:

- 18) A longa ficha criminal e o estupro cometido pelo “*amigo*” da feminista Manuela D’Ávila (1, FEM, HACKER, JCO)
- 19) A página que publicou o artigo em ‘*louvação*’ a Suzane, denominada ‘Esquerda sem Demagogia’, é descrita da seguinte forma: “Página de humor que satiriza a histeria da neodireita brazuca, e o modus operandi da esquerda.” (4, FEM, RICHTHOFEN, JCO)
- 20) Magazine Luiza prejudica “*brancos pobres*” para ganhar pontos no Ranking da Lacração. (14, NGR, MAGAZINE, JCO)
- 21) Deixando claro que o ideal progressista de “*racismo do bem*” está firme e presente nos operadores do direito brasileiro. (14, NGR, MAGAZINE, JCO)
- 22) A organização de estudantes excluídos possui um site na internet [confira aqui] que recebe denúncias de jovens preteridos em universidades por não serem da “*raça certa*”. (20, NGR, ASIÁTICOS, CP)
- 23) A revista para adolescentes, Teen Vogue, publicou recentemente um artigo sobre “Por que o sexo é um trabalho de verdade”, numa tentativa de “*glamourizar*” a prostituição. (30, LGB, ALVO, CP)
- 24) A “*proteção violenta*” de uma minoria certamente acarretará na perseguição de outras tantas. (41, LGB, CRIMINALIZAÇÃO, EN)
- 25) Decidi escrever este artigo porque ouço dos quatro cantos do Brasil a seguinte afirmação: O Brasil é o país mais violento e perigoso do mundo para LGBTs. Essa assertiva está exposta

nos discursos da mídia, das “celebridades”, dos “artistas” e da “classe universitária” brasileira. (39, LGB, ASSASSINATOS, EN)

Como podemos notar, os termos entre aspas são aqueles escolhidos pelos próprios locutores, seja para se referir a sujeitos ou grupos – *amigo, brancos pobres, celebridades, artistas, classe universitária* –, a atos rejeitados pelos locutores – *louvação, glamourizar, proteção violenta* – e de nomeações atribuídas aos sujeitos que estariam de alguma forma filiados às pautas identitárias, como *racismo do bem e raça certa*. Assumimos que essa forma de rejeição pode ser enquadrada nesta categoria, apesar de não se referir a um discurso utilizado por esse outro, de/sobre quem o locutor fala, mas a maneira que o locutor compreende que os outros sujeitos abordam tais termos ou realizam determinadas ações.

Cabe destacar o exemplo 20, cujo título o autor afirma que a empresa prejudica os brancos pobres. Como observado anteriormente, a notícia se refere ao programa de trainees realizado pela empresa Magazine Luiza, em setembro de 2020. A notícia destaca que o programa de trainee não está excluindo todos os grupos minoritários, mas especificamente os *brancos pobres*. Ao trazer no título essa expressão, entendemos que o jornal acusa a referida empresa de estar praticando um discurso intolerante contra os *brancos pobres*, ao invés de destacar que as vagas foram destinadas para negros.

Outro fenômeno de apelo à memória da língua encontrado no corpus foram as aspas com comentários metadiscursivos. De acordo com Paveau (2013), a rejeição pode também ocorrer por meio de comentários como *o que se chama, como se diz, como dizem*, de modo a fazer uma correção de forma irônica e depreciativa, assinalando uma não coincidência do discurso com uma concepção baseada na normatividade do pré-discurso, ou seja, da própria língua. Abaixo, seguem os trechos nos quais encontramos os comentários metadiscursivos:

1) Podemos ver os efeitos desta ideia em jargões atuais, como por exemplo: “*sexo anal contra o capital*”. Frase frequentemente utilizada em manifestações da extrema-esquerda. (9, FEM, REV. SEXUAL, BP)

2) A empresa é mais uma que entra na chamada “*woke culture*”, *mais conhecida*, aqui no Brasil, como “*lacrção*” – a ação deliberada de demonstrar “*virtude*” ao público. (16, NGR, BAYER, EN)

3) Uma grande polêmica surgiu, sobre o deputado que arrancou um cartaz esquerdista, insinuando que a polícia* mata negros propositalmente. Um “*genocídio*”, *como insistem alguns demagogos*. (11, NGR, GENOCÍDIO, JCO)

4) Exemplo clássico do vitimismo forjado, é o discursinho do “*Wage Gap*” (onde se alega que mulheres recebem menos que homens no mercado de trabalho). Uma teoria imbecil que não encontra respaldo em nenhum economista sério no mundo, mesmo assim é repetida aos quatro cantos pela mídia, artista e afins *como se fosse verdade absoluta* (2, FEM, GOOGLE, JCO)

- 5) Em um episódio, intitulado “Gender” (Sexo), as duas “educadoras” explicam o termo “*não-binário*” e *insistem* que o sexo não é biologicamente determinado. Em vez disso, elas afirmam que é um conceito completamente fluido. (35, LGB, VÍDEOS, CP)
- 6) O evento tratava da questão da “*identidade de gênero*”, *tese pertencente à Ideologia de gênero*, segundo a qual não existem homens ou mulheres, mas são as pessoas que se auto definem* conforme suas preferências do momento. (40, LGB, PMSC, EN)

Observamos a fórmula *como eles dizem* aparecendo no corpus em *frase frequentemente utilizada, mais conhecida como, (como) insistem, é o discursinho, tese pertencente a....*, ou seja, há uma atribuição ao discurso do outro, como eles supostamente fariam. Ainda que na maioria dos exemplos eles não digam como os locutores denominariam, notamos a correção dos termos, inclusive do termo *Wage Gap* em inglês, mas os compreendemos como jargões. Não há uma concepção normativa da língua propriamente dita, entretanto.

Um outro meio de apelo à memória da língua é o comentário lexicológico espontâneo. Diferentemente do comentário metadiscursivo em que os locutores somente apontam para os usos realizados por esses outros sujeitos sobre os quais os locutores falam, no comentário lexicológico espontâneo há uma avaliação com comentários críticos do locutor a respeito do uso dos termos e, dessa forma, há uma representação do que seria o ideal da língua, “que diz a verdade do mundo” (PAVEAU, 2013, p. 169). Acusa-se, pois, o outro de se utilizar da língua – deturpada – como instrumento de dominação e de uma tentativa de imposição de um mau sentido. Como exemplo, podemos constatar o comentário lexicológico espontâneo no item 4 dos exemplos anteriores, *como se fosse verdade absoluta*. De modo semelhante, verificamos o uso dos comentários lexicológicos espontâneos nos exemplos abaixo:

- 1) Auto intitulada* ‘feminista’ - *como se isso fosse motivo de orgulho* - Maria Laura escreveu a tal ‘declaração’, vitimizando Suzane e afirmando que a assassina é corajosa por ter tomado a decisão de matar os próprios pais, pois ‘rompeu os paradigmas sociais’. (4, FEM, RICHTHOFEN, JCO)
- 2) Sempre que os movimentos LGBT e os movimentos feministas *são acusados de terem como um de seus objetivos a destruição do conceito tradicional de família*, logo a turma parte para a defensiva. Argumentam então que, na verdade, só querem que as “suas formas de família” também sejam aceitas na sociedade. (3, FEM, RADICAL, JCO)
- 3) “A primeira vez que ouvi falar de Black Lives Matter, eu disse: ‘*esse é um nome terrível*’. *É tão discriminatório. É ruim para os negros. É ruim para todos.*” (18, NGR, UN. CHICAGO, EN)
- 4) A (in)definição do conceito de mulher, porém, *pode não ajudar muito na identificação das mulheres em risco, já que, segundo o programa, mulher é quem se define como mulher*. (40, LGB, PMSC, EN)
- 5) A palavra “*homofobia*” *nunca esteve tão na moda*. (...) Poucos têm se lembrado de averiguar o significado dessa palavra tão recentemente criada, que atenta contra o bom senso e a sanidade mental. (28, LGB, SODOMA, EN)

6) *A linguagem inclusiva de gênero pretende redefinir o que é verdade*, levando para a gramática da língua portuguesa a pretensão da Ideologia de Gênero em negar que o ser humano é homem ou mulher. (...) A linguagem inclusiva, ou linguagem neutra, *é uma tentativa de alterar a estrutura da língua ao criar palavras novas*, por exemplo, pronomes de gênero neutro. Isto acontece quando ideólogos e ativistas de gênero alegam que um idioma encoraja o machismo e o sexismo. (42, LGB, LINGUAGEM, BP)

Nos dois primeiros exemplos, os comentários lexicológicos – *como se isso fosse motivo de orgulho e são acusados de terem como um de seus objetivos a destruição do conceito tradicional de família* – são os próprios locutores das notícias. No terceiro, *esse é um nome terrível* é atribuído a Donald Trump, porém o comentário aparece muito descontextualizado da notícia e, por isso, entendemos como o posicionamento do locutor pelo discurso de uma considerada autoridade. Os exemplos 4, 5 e 6 questionam os sentidos atribuídos ao conceito de mulher, da palavra homofobia e da linguagem inclusiva. Mais do que isso, questionam a imposição desses sentidos por esses grupos. Segundo Paveau (2013, p. 169), há uma ameaça da identidade do sentido: “modificar as palavras deste sentido imutável e direito, depositado no pré-discurso na cultura de uma comunidade, é colocar o outro, o estranho na língua”. Logo, defender o conceito de mulher e recusar os termos homofobia e linguagem inclusiva é também defender o que é uma boa língua, uma suposta verdade que não deve ser mudada.

Enquanto o lexicologismo denuncia o sentido supostamente desviado das palavras realizadas pelo campo adverso, há uma categoria que vai apontar para uma restauração desse sentido: o lexicografismo. Em ambos os casos se confirma a ideia da defesa de um dizer ideal e correto, de acordo com uma determinada tradição (a da norma padrão). Paveau diz que o lexicologismo e lexicografismo andam juntos e, por este motivo, podemos observar alguns exemplos desse fenômeno e os quais serão apresentados a seguir.

3.1.1.2 Lexicografismo e a restauração do sentido desviado

Paveau entende por lexicografismo a definição de conceitos e termos realizada pelo locutor sem que sejam realizadas consultas a um instrumento lexicográfico ou teoria, pretendendo-se estar no lugar deles e dependendo de uma lexicografia popular, sendo, dessa maneira, espontânea e subjetiva. Tal definição ocorre de modo a restaurar o sentido das palavras, as quais o locutor considera como desviadas de uma suposta verdade do mundo, com vistas à produção de um efeito de objetividade. Ao apresentar a relação entre a palavra e a coisa, definida como adequada, entendemos que há uma adequação anterior ao discurso, a qual reside no pré-discurso. Ao materializar no discurso a definição do termo, há a concretização do pré-discurso no discurso, realizada por meio da definição dos termos de forma subjetiva.

O enunciado de definição repousa, desse modo, sobre uma caracterização geral e coletiva, pela qual o locutor pode fazer alusão de forma explícita, estando geralmente implícita, inscrita na sua própria forma. A autora defende que há alguns marcadores indicando a presença de uma definição subjetiva, tais como: *eu chamo* ou *chamamos X, X, isso é* ou *X é, X não é, é ou X não é, mas*. Abaixo, seguem alguns trechos recortados do corpus, os quais se entendem por lexicografismo:

- 1) Todo feto *é uma pessoa concebida* e não há exceção! (7, FEM, TATUAGEM, CP)
- 2) A ideologia *é resumida na linguagem*, no discurso que não apresenta um conteúdo. *É um conjunto de ideias que não pretende descrever a realidade*, mas alterá-la no campo conceitual. A Ideologia de Gênero está intrinsecamente ligada à linguagem inclusiva, usando pronomes de gênero neutro. (42, LGB, LINGUAGEM, BP)
- 3) "Homossexualidade *não é "gênero", é conduta*" (28, LGB, SODOMA, EN)
- 4) *Homofobia = fobia de homossexuais. Fobia = medo patológico*. Logo, o homofóbico é um doente mental. Na prática, porém, a simples aversão à relação homossexual, comum entre heterossexuais normais, pode ser considerada homofobia. Nós, pobres heteros, então, somos doentes. (28, LGB, SODOMA, EN)
- 5) Existe uma diferença entre a extradição, expulsão e deportação de estrangeiros.
Extradição: É quando o estrangeiro, já condenado por seus atos ilícitos, cumpre pena no Brasil e é enviado para seguir cumprindo sua pena no país onde nasceu.
Expulsão: Quando o imigrante é pego cometendo algum crime doloso, então é julgado e expulso do país.
Deportação: Quando o estrangeiro está irregular no país, com os documentos inválidos ou vencidos. É enviado de volta ao seu país. (61, IMI, EXPULSÃO, JCO)

Como podemos observar, os três primeiros exemplos apresentam como marcador da definição subjetiva *X é: feto é uma pessoa concebida*; a ideologia *é um conjunto de ideias* que pretende alterar a realidade no campo conceitual; a *homossexualidade (...)* *é conduta* – acompanhados por uma negação do que não seria. Ou seja, há uma restauração do sentido – *não há exceção, não pretende descrever a realidade e não é "gênero"*, respectivamente. Os exemplos 2 e 3 enquadram-se no marcador *X não é, (mas) é*, com e sem a presença da conjunção adversativa. Já os exemplos 4 e 5 aparecem na forma de um verbete de dicionário, a partir da definição das palavras *extradição, expulsão e deportação* bem como os termos *homofobia e fobia*. Nos três primeiros exemplos, verificamos que as definições contradizem outras concepções supostamente realizadas pelo campo adverso. Logo, pretende-se trazer tais definições para apresentar o conceito real, verdadeiro dos termos, diferente daqueles praticados pelos outros. Já nos próximos exemplos notamos que as definições acontecem por meio de outros marcadores de definição, seja a partir de orações explicativas, apresentadas ou não por

meio do uso da locução conjuntiva *ou seja*, como com o uso de parênteses e a definição do termo citado:

6) Sua ideia¹⁰⁶ foi a vegetoterapia, *ou seja*, *massagear seus pacientes nus ou seminus para dissolver o que ele chamava de “armadura muscular” ou “armadura de caráter”*. (9, FEM, REV. SEXUAL, BP)

7) Em verdade, as missões exerciam uma forma de cativo, pois, embora o índio não tivesse o estatuto de escravo ou de servo, era um catecúmeno, *ou seja*, *um herege que era sendo cristianizado e assim recuperado para si mesmo em benefício da salvação eterna* (47, IND, ACULTURAÇÃO, JCO).

8) Em entrevista exclusiva por telefone à TV Jornal da Cidade Online, a psiquiatra Akemi Shiba fala sobre uma possível epidemia de transgêneros, *ou seja*, *está aumentando de maneira assombrosa o número de crianças e adolescentes que começam a fazer a transição para a troca de gênero cada vez mais cedo*. (36, LGB, EPIDEMIA, JCO)

9) Quando falamos de sexo, podemos pensar em sua finalidade fisiológica (*procriação e prazer*) e sua finalidade material (*troca do prazer por dinheiro, ou seja, prostituição*). Mas isso não termina aí. A pretensão da Revolução Sexual era usar o sexo para um propósito político. (9, FEM, REV. SEXUAL, BP)

Nos sexto e sétimo exemplos, as definições espontâneas trazem informações polêmicas, que, de certa forma, acabam por desqualificar os sujeitos sobre os quais falam. O médico que realiza massagem em pacientes nus, indicando uma possibilidade de abuso sexual por parte do profissional; o índio considerado herege por não seguir a doutrina cristã e, por isso, sendo salvo por ela. No oitavo exemplo, há uma definição espontânea de uma expressão criada pelos locutores, *epidemia de transgêneros*, definida com o suposto aumento assombroso de crianças e adolescentes fazendo a transição de gênero. É interessante notar a escolha do termo *epidemia*, que faz a associação da transição de gênero a um termo médico, remetendo a um surto periódico de uma doença infecciosa. Já no último, há a definição da finalidade material do sexo como forma de ganhar dinheiro. Observamos que dentro da própria definição, separada por parênteses, há uma outra definição explicando o que seria a troca do prazer por dinheiro com o uso da locução conjuntiva *ou seja*: a prostituição.

As definições constatadas no corpus têm como objetivo mostrar a relação dos sujeitos sobre os quais eles falam e suas posições em relação ao sexo *prostituído*, *político* e à sexualidade diversa *homossexual*, ao corpo *transgênero*, às práticas *abortivas*, *médicas*, *epidêmicas*. Tais definições visam deixar clara a posição dos locutores acerca desses assuntos como conservadores dos bons costumes e defensores do oposto: da vida, da manutenção dos

¹⁰⁶ O autor refere-se a Wilhelm Reich, dizendo ser considerado como um dos inspiradores da Revolução sexual e dos protestos de maio de 68, na França.

seus direitos e benefícios, da fé cristã como única opção e do sexo baseado nos princípios religiosos e de reprodução. Logo, questões como revolução sexual, aborto, mudanças linguísticas ou revoluções do sistema não interessam a eles, visto que tiram deles o lugar de dominação e, por essa razão, o ataque ao que ameaça a perda desse status ocorre.

Dessa maneira, não só as suas crenças a respeito do mundo aparecem nessas definições como a sua posição sobre os saberes, crenças e práticas desses outros que supostamente desejam retirar deles a posição ocupada. Percebemos que o lexicografismo foi usado como argumento para convencer o leitor de que tais pessoas ou atitudes são prejudiciais a todos, havendo uma forma correta, uma verdade, da qual eles se apropriam.

3.1.2 Apelo à memória dos antigos

Paveau estabelece o conceito de patrimonial como um conjunto de formas languageiras que constituem heranças coletivas passadas para um grupo, cultura ou civilização, enquadrando-se na propriedade de coletividade proposta pela autora. Os locutores evocam quadros anteriores de dimensão patrimonial, reconhecida de modo tácito, conforme a propriedade de imaterialidade dos pré-discursos.

Colocam-se, então, como herdeiros de um bem discursivo comum transmitido e seu discurso pereniza sua existência, de acordo com a propriedade de transmissibilidade. Tais pré-discursos aparecem no corpus por meio do apelo à sabedoria coletiva anônima, assim como a partir do apelo à autoridade dos precursores. Neste trabalho encontramos dois tipos de apelo à sabedoria coletiva: pela elaboração de enunciados com forma proverbial e por enunciados proverbiais pertencentes ao estoque cultural. Quanto ao apelo à autoridade dos precursores, verificamos que os locutores apelaram a determinados tipos de precursores, aparentemente diferentes daquele sobre o qual Paveau discorre em sua teoria.

3.1.2.1 Apelo à sabedoria coletiva

A sabedoria coletiva sem autoria, sem história e inscrita na memória coletiva é apelada pelos locutores, partindo da ideia de que tal sabedoria provém da premissa da partilha de saberes anteriores e se constitui de “conivência assegurada, de verdade evidente e de anonimato partilhado” (PAVEAU, 2013, p. 176). Pode ocorrer tanto por meio do apelo a enunciados proverbiais pertencentes ao estoque cultural quanto não pertencentes a ele. Além destes, há também a elaboração de enunciados com forma proverbial, ou seja, que apresentam características de provérbios, como a binariedade, a atemporalidade, o ritmo, o paralelismo, dentre outros. Há no corpus a presença de vários enunciados proverbiais, os quais são

compreendidos como enquadrados neste último tipo, como podemos observar nos exemplos a seguir:

- 1) A razão se esvai e não sobra qualquer resquício de sanidade mental por parte desta esquerda esdrúxula. (4, FEM., RICHTHOFEN, JCO)
- 2) Mais uma vez fica provado, o feminismo não luta para proteger as mulheres, o feminismo luta para proteger o feminismo. (2, FEM., GOOGLE, JCO)
- 3) Quando o próximo corpo estiver no chão, não procurem saber o nome do policial que puxou o gatilho, mas de quem apontou a arma. (11, NGR., GENOCÍDIO, JCO)
- 4) A luta tem que ser por uma sociedade mais justa e de combate à criminalidade, independente* da cor da pele do bandido. (15, NGR., LEI RJ, JCO)
- 5) Como declarado pela *L'Académie française*, a linguagem neutra não passa de uma “aberração linguística”. Esta não pode ser imposta à maioria da população, muito menos a surdos, a cegos e a disléxicos. É preciso sair do mundo da Alice no País das Maravilhas e fincar os pés na realidade. (42, LGB, LINGUAGEM, BP)
- 6) O que se percebe são *palavras* que pretendem criar uma realidade *que os olhos não veem*. (42, LGB, LINGUAGEM, BP)

Os enunciados acima fazem parte do estoque cultural de provérbios conhecidos – diferentemente dos exemplos a seguir –, mas trazem algumas asserções que se pretendem, sobretudo, atemporais e generalizantes. Os dois últimos exemplos, apesar de serem elaborações realizadas pelos locutores, remetem a enunciados proverbiais conhecidos: *ter os pés no chão* e *o que os olhos não veem, o coração não sente*. Logo, trazem tal semelhança e, indiretamente, acionam os pré-discursos dos interlocutores. Sobre os demais exemplos, algumas conclusões podem ser tiradas: a esquerda é sem razão, sem consciência e é responsável pela violência; o feminismo age em causa própria.

Identificamos também os enunciados proverbiais conhecidos, seja por meio de provérbios, como por meio de excertos ou títulos de canções brasileiras conhecidas ou pela célebre frase proferida por um ex-presidente brasileiro:

- 7) Como dizia minha avó, *é nos detalhes que o diabo mora...* (22, LGB, KIT GAY, CP)
- 8) Note-se, por exemplo, o caso dos surdos ou das pessoas com deficiência auditiva. Como elas fariam a leitura labial, por exemplo? Em uma discussão, disseram-me: “Ah, os surdos se acostumam.” Nossa... Quanta empatia... *Pimenta nos olhos dos outros é refresco*, não é mesmo? Os surdos já não passam por agruras suficientes? A primeira língua deles é a Libras; depois vem a língua portuguesa. E agora ainda viria uma sublíngua? É de chorar. (42, LGB, LINGUAGEM, BP)
- 9) Há 40 anos, o então presidente José Sarney dirigia-se ao povo dizendo: “*Brasileiras e Brasileiros*”. (42, LGB, LINGUAGEM, BP)
- 10) Alguém não acostumado, ao ler o parágrafo acima, poderia responder com um trecho de Djavan: “*É mais fácil aprender japonês em Braille*”. (42, LGB, LINGUAGEM, BP)

11) *'Todo dia era dia de índio, mas agora eles só tem* o dia 19 de Abril'* (47, IND, ACULTURAÇÃO, JCO)

Paveau afirma que o apelo à sabedoria coletiva se enquadra como pré-discurso, em virtude de se dotar todas as propriedades: é coletivo, pois apresenta anonimato; é imaterial, pois a partilha cultural se apresenta de forma implícita; é transmissível, considerando que a sua fixação permite a circulação de segmentos; é experiencial, porque possui uma função organizadora de enunciados e demonstra a necessidade do apelo aos ascendentes; e intersubjetiva, contendo uma verdade de tipo relacional, não lógica. Essas características são muito claras nos exemplos 7 e 8. Já nos casos dos exemplos 10 e 11, ainda que as canções sejam de cantores conhecidos e o exemplo 3 seja uma frase proferida pelo ex-presidente José Sarney, tais enunciados se apresentam aqui descolados de seus autores e aparecem no corpus como elaborações proverbiais anônimas.

Logo, diferentemente do exposto por Paveau, assumimos que alguns enunciados, mesmo não sendo anônimos, passam a ser coletivos e se descolam de seus autores, tornando-se parte da sabedoria coletiva. Como já observado, mais uma vez os locutores se utilizam de uma forma de apelo para atacar aqueles que apoiam ideais que divergem dos deles. O apelo à sabedoria coletiva traz uma ideia de verdade e, por consequência, incontestável.

3.1.2.2 Apelo aos precursores

Ainda na categoria de apelo à sabedoria coletiva, a autora nos revela o apelo a precursores. Nesse, mais do que recorrer a referências, Paveau defende ser o fato semântico-enunciativo do apelo às figuras patrimoniais que nos cabe verificar. Ou seja, importa mais a razão pelo qual determinada figura é mobilizada pelo locutor e não os conteúdos produzidos por tal. A citação pode ocorrer de modo direto ou indireto, bem como narrativizada por um locutor reconhecido como patrimonial nos saberes partilhados. No corpus podemos notar duas formas principais em que os precursores serão apresentados 1) por orações apositivas ou por meio de uma explicação do motivo pelo qual esse precursor está autorizado a falar e 2) por precursores indefinidos.

Com relação ao primeiro caso entendemos que a explicação possa ser necessária em virtude de serem precursores que possam ser desconhecidos por alguns de seus interlocutores assim como para qualificá-los como autorizados a falar de acordo com a sua posição ideológica. Tais razões seriam motivo para que não fossem enquadrados nessa categoria, servindo, porém para gerar identificação desse precursor reconhecido com os interlocutores, sobretudo por

aqueles que se filiam a pautas conservadoras ou simplesmente contrárias às posições progressistas. Abaixo, seguem os primeiros exemplos citados no parágrafo anterior:

- 1) Felipe Chaves, *criador da página Fúria e Tradição e palestrante em congressos antifeministas no Brasil*, publicou em suas redes sociais a notícia sobre a horrenda tatuagem. (7, FEM., TATUAGEM, CP)
- 2) Crivella, *ex-ministro de Dilma*, desmente Bergamo e revela: “Houve sim o Kit Gay” (25, LGB, CRIVELLA, JCO)
- 3) Um grupo de pesquisadores, *entre eles o geneticista Eli Vieira que é homossexual*, analisou os números de mortes por homofobia divulgados pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) em 2016 apontando 347 mortes de homossexuais. (23, LGB, PESQUISA, CP)
- 4) *Segundo matéria do melhor jornalista investigativo da atualidade*, Oswaldo Eustáquio, do jornal Agora Paraná, Verdevaldo produzia filmes pornô gays no Brasil e seu marido (ou mulher, nunca sei) atual deputado do PSOL que ficou com o mandato do aero wyllys, davi (ou david, nunca sei) Miranda, era garoto de programa, vendia drogas e aliciava gays. (24, LGB, DAVID MIRANDA, JCO)
- 5) Para responder a esta questão, a professora Cíntia Chagas foi convidada. *Já foi responsável pelo maior índice de aprovação em cursos de medicina na capital mineira, em seu próprio cursinho. Também é autora dos best-sellers Sou péssimo em português e Um relacionamento sem erros de português. Ela é comentarista da rádio Jovem Pan de SP, articulista do Estado de Minas, palestrante e instagrammer.* (42, LGB, LINGUAGEM, BP)

Dois dos precursores acima, nos exemplos 1 e 3, são de pessoas com posicionamento conservador e que possuem canais no *Youtube* e nas redes sociais e são conhecidos por seus conteúdos. Felipe Chaves possui o canal Fúria e Tradição, com 13,3 mil inscritos no *Youtube*, 256 mil no *Instagram* e 125 mil seguidores no *Facebook*. Na descrição do canal há a seguinte descrição: *Masculinidade bíblica! Ensinando meninos a serem homens!*. Em uma breve visita em seu canal observamos vídeos com títulos como *Mulheres são programadas para trair, Homens amam idealisticamente, mulheres amam utilitariamente, Live: masculinidade – as 3 regras para se tornar um homem de verdade*, tendo esse último vídeo 14 mil acessos.

Já Eli Vieira com o canal no *Youtube* com seu nome, tendo 15,9 mil inscritos, define-se na página inicial como *biólogo, geneticista, humanista, conhecido como (xingado de) Geneticista Mirim*. Seus conteúdos são mais variados, tratando de assuntos, como o aquecimento global (*da ciência ao alarmismo*), *Liberalismo, Capitalismo e seus Detratores*, e com 21 mil visualizações o vídeo *Suavemente comentado o tragicômico contágio social de identidades LGBT: existem falsos LGBTs?* Eli ficou conhecido por refutar Silas Malafaia em entrevista com a jornalista Marília Gabriela em fevereiro de 2013, na qual alegou que a homossexualidade não era geneticamente justificada. Vieira apresenta pesquisas das ciências biológicas contradizendo as informações de Malafaia. O vídeo que Vieira contesta o religioso

tem mais de 1,4 milhão de visualizações. Entretanto, em vídeos mais recentes, o *youtuber* tem refutado pesquisas das ciências humanas, alegando, por exemplo, que tais áreas de conhecimento fazem ativismo com determinados assuntos, ao invés de se fazer ciência (leia-se: com viés positivista).

Nesses e nos demais exemplos observamos, seja a partir das orações apositivas, seja por meio das explicações, os motivos pelos quais tais pessoas estão autorizadas a serem figuras patrimoniais filiadas ao conservadorismo, a quem os locutores se filiam e que usam para que os interlocutores se sintam representados: aquele que é *ex-ministro de Dilma* (exemplo 2), ou o *melhor repórter investigativo da atualidade* (exemplo 4) ou a professora com o currículo com vários cursos, livros e palestras e, por isso, autorizada a falar sobre o assunto, mas, especialmente, por ser comentarista de uma rádio com posicionamento conservador.

Além desses, nomeados e com as explicações do motivo pelo qual estão autorizados a falar a partir de suas posições, constatamos a presença de outros exemplos, os quais podem ser compreendidos como precursores indefinidos e que aparecem com o mesmo propósito apresentado acima, porém de forma genérica:

6) *Entidades cristãs e movimentos conservadores* vêm alertando para o crescimento do movimento pró-pedofilia há anos. Os progressistas estão caminhando com esta pauta de forma tímida, mas já está tomando forma. (6, FEM., PEDOFILIA, EN)

7) *Conclusão que estudiosos sérios* da "diferença salarial" já haviam chegado há muito tempo. Quando se equaciona as diversas variáveis, as mulheres recebem cerca de 3% mais que os homens. (2, FEM., GOOGLE, JCO)

8) *Uma fonte que não quis se identificar* garantiu que este método cruel e pouco usual foi o utilizado no procedimento que vitimou o bebê de 23 semanas. (5, FEM., ABORTO, EN)

9) A origem de todas as ondas feministas está em pensadores homens, não em mulheres. Foram os *teóricos iluministas* que começaram tudo isso. (9, FEM., REV. SEXUAL, BP)

Ainda que esses precursores não sejam nomes próprios, pessoas definidas, assumimos aqui que os locutores se utilizam dessas entidades, movimentos e estudiosos conservadores para que seus interlocutores adiram ao seu discurso. Destacamos, entretanto, dois exemplos: o exemplo 9, no qual há a referência aos teóricos iluministas, não para adesão dos leitores, mas para desqualificar as mulheres, indicando que a origem do feminismo está em pensadores homens do Iluminismo. E o número 8, apresentando uma *fonte que não quis se identificar*, é um exemplo intrigante: qual a razão da referência explícita a uma fonte não identificada, que garante, contudo a crueldade do método de aborto?

Entendemos tais referências como apelo a precursores, mesmo que se questione a ideia de figuras patrimoniais aqui nesses exemplos a partir da teoria de Paveau, visto que poderia se discutir sobre a abrangência ou não desses precursores ser de amplo conhecimento. Porém interpretamos que há de fato a importância da escolha desses precursores citados, ou seja, a razão pelo qual essas figuras foram mobilizadas. Todas as referências mobilizadas demonstram a posição dos locutores: contrários às pautas feministas e LGBTQIAP+, ao movimento negro, aos progressistas e às práticas desses grupos.

Como ressalta Paveau, a razão de se colocar tais precursores é tão importante quanto o conteúdo. Reconhecemos aqui que, ao se filiarem a Felipe Chaves, Eli Vieira, Marcelo Crivella, os locutores estão demonstrando qual é a sua filiação ideológica, a que posicionamento a respeito daquele assunto eles se apoiam e em quais fontes eles se inspiram. Esses exemplos poderiam se enquadrar ao apelo a pré-designações legitimantes, sobre os quais Paveau apresenta alguns exemplos, porém explora pouco e não lida com esse sentido do motivo pelo qual os locutores trariam tais precursores. Consideramos que as qualificações estabelecidas como sérias, religiosas e conservadoras, vistas nos exemplos anteriores, serviriam também como uma base confiável, de autoridade, sobre a qual os locutores se apoiam e que servem para a adesão dos interlocutores, em especial aqueles que se identificam como conservadores.

Como verificamos, o uso das aspas de rejeição, acompanhadas ou não de comentários avaliativos, depreciativos ou irônicos sobre o dizer do outro, de forma a se mostrar contrário a ele ou como forma de se distanciar desse dizer, são utilizados como uma forma de oposição ao discurso rejeitado. Esse outro é acusado de impor um mau sentido e, em virtude disso, os locutores corrigem os sentidos desviados e sugerem uma restauração original e adequada desses sentidos. Além disso, há o apelo à memória, seja pela sabedoria coletiva, por intermédio de uma subjetividade compartilhada, seja aos precursores a quem os locutores se filiam. Essas sabedorias presentes na memória são tidas como verdade absoluta ou indubitável.

Ao se utilizarem desses pré-discursos tradicionais em relação aos grupos minoritários de retomada do ideal, adequado e conservador, eles rejeitam o diferente, o transformador. Ao fazer isso, rejeitam aqueles pertencentes aos grupos minoritários, que clamam por mudanças. Logo, eles passam a ser uma ameaça ao tradicional bem como à manutenção dos seus direitos e privilégios. A construção da narrativa de vilanização dos grupos minoritários já se faz presente com tais pré-discursos tradicionais.

3.2 PRÉ-DISCURSOS INCONTESTÁVEIS

Conforme Paveau (2013), para ocorrer a troca conversacional e a circulação dos discursos é necessário haver uma estabilidade subjetiva, ou seja, um mínimo de objetividade dos locutores. Tal estabilidade é observada quando os locutores registram textualmente que todos concordam com a afirmação ali expressa, como se o que ele estivesse declarando fosse evidente.

As propriedades dos pré-discursos possuem características que criam a partilha semântica, manifestando-se por algumas formas languageiras, a saber: pela dêixis enciclopédica, manifestando-se de forma marcada ou não marcada; pelas interrogações genéricas, por usos de modalidade epistêmica, seja por meio de declaração epistêmica ou restrição epistêmica. No corpus constatamos exemplos nos quais se utilizam as interrogações e pelas modalidades epistêmicas, visto que as dêixis enciclopédicas encontradas não se mostraram relevantes para a pesquisa.

Em virtude disso compreendemos essas categorias como pré-discursos incontestáveis, tendo em vista que o que se declara é um fato que todos concordariam, ou seja, como uma verdade que não se discutiria. No entanto, como veremos, as evidências são questionáveis, pois expressam opiniões controversas a respeito dos grupos minoritários e demonstram ainda a construção de narrativas sobre eles.

3.2.1 Interrogações genéricas

Paveau considera que as interrogações genéricas “pressupõem a verdade pré-discursivamente admitida da resposta esperada e, portanto, finalmente inútil.” (PAVEAU, 2013, p 199). Além disso, constituem-se como asserções reforçadas que remeteriam a um engajamento do locutor, e ao mesmo tempo remeteriam da mesma forma ao seu desengajamento, apoiando sua proposta em crenças e saberes aceitos.

Ali Bouacha (1994) explica que o locutor se engaja ao impor uma proposição contra outra proposição preexistente, ao mesmo tempo que se desengaja, pois generaliza uma opinião pessoal, como se fosse uma opinião de todos, uma verdade fundamentada baseada em uma obrigação de pensar de acordo com suas posições. Dessa maneira, as interrogações genéricas são “uma forma de apelo aos quadros pré-discursivos coletivos, em sua dimensão universal” (PAVEAU, 2013, p. 200). No corpus, verificamos três grupos de interrogações genéricas: as com pronomes interrogativos acompanhados da conjunção subordinativa condicional *se*; pelo uso do que se convencionou chamar de construções retóricas de indignação; e pelo uso de interrogação total.

1) *Como* promover a diversidade num ambiente estudantil *se* o processo de ingresso contempla um procedimento discriminatório entre quem tem mais direito e quem tem menos, levando em consideração a cor da pele e sua origem étnica? (20, NGR., ASIÁTICOS, CP)

2) *Se* o Brasil é o país mais violento do mundo à LGBTs, *por que* não possui e/ou estabelece legislações para criminalizar e/ou reprimir a prática homossexual (p. ex. Rússia e os países do Oriente Médio)? *Se* o Brasil é o país mais violento do mundo à LGBTs, *por que* permite que um candidato assumidamente gay seja eleito e reeleito no parlamento? *Se* o Brasil é o país mais violento do mundo à LGBTs, *por que* permite a exibição e financiamento – privado e/ou público – de diversas manifestações artísticas e culturais de cunho diversitário – p. ex. Curta-metragem “Filó a Fadinha Lésbica”; Exposição “O Cu é Lindo” etc.? (39, LGB, ASSASSINATOS, EN)

3) Raciocine comigo: *como* algo pode ser recolhido *se* não foi distribuído? (...) *Se* o Kit Gay não tem vínculo com o MEC (na gestão de Haddad como Ministro) faço a seguinte pergunta: *por que* o TCU cobra do Ministério os gastos com este produto? (22, LGB, KIT GAY, CP)

4) ... por que então toda essa “preocupação” com a “sexualidade” de nossas crianças? Acusam padres e pastores de pedofilia, mas aqui deixo outra pergunta: esses criminosos se tornaram pedófilos antes ou depois de se tornarem sacerdotes? *Se* a proposta é tão boa, *por que* faz tanta questão de se desvincular dela? (22, LGB, KIT GAY, CP)

Nesses primeiros exemplos percebemos o uso dos pronomes interrogativos como *e* porque antepostos ou seguidos da conjunção *se*: *Como... se...?*, *Por que... se... e Se... por que...?*. Observamos que as perguntas indicam um dizer de um outro que é contestado pela questão do locutor e, indiretamente, acusando esse outro de propagar informações que poderiam ser falsas ou incoerentes. Ao invés de se engajar e dizer: *não há como promover a diversidade em um ambiente em que o processo de ingresso contemple um procedimento discriminatório*, o locutor formula a questão genérica para que o leitor chegue a essa conclusão e se resguarda de assumir a asserção. Como nos próximos exemplos, os locutores podem chegar às afirmações: *o Brasil não é o mais violento aos LGBTs, o kit gay tem vínculo com o MEC, não há diversidade e igualdade quando alguns grupos são privilegiados*.

Paveau apresenta a construção *o que dizer de e*, a partir dela, constatamos que, no corpus, outras construções acompanham essa maneira de se fazer uma interrogação genérica. Nos próximos exemplos selecionamos aquelas que se apresentam como construções retóricas de indignação, nas quais as perguntas são acompanhadas de locuções interrogativas ou expressões comuns nas questões retóricas em língua portuguesa: *até quando...*, *o que dizer de...*, *é justo que...*, *viveremos para ver...?*, bem como o uso do advérbio *realmente*.

5) David Miranda, o deputado tapa-buraco, que fez um discurso inflamado contra a retirada do cartaz, é um declarado amigo e defensor de traficantes, os causadores de todo este conflito. *Até quando* continuarão discursando como se a população fosse idiota? *Até quando* continuarão apontando o dedo para uma barbárie da qual são cúmplices e incentivadores? (11, NGR., GENOCÍDIO, JCO)

- 6) *O que dizer* do episódio posterior ao caso do incêndio na loja do Carrefour, cujo ataque foi defendido e incentivado abertamente por uma jornalista esquerdista em sua rede social, mas que logo depois foi denunciada por um youtuber conservador? (67, MIN, MAIORIA, JCO)
- 7) *E o que dizer* das manifestações contra as urnas eletrônicas? Viraram propagadores de “Fake News” aqueles que questionam esse sistema. (67, MIN, MAIORIA, JCO)
- 8) “*É justo que* as populações indígenas não possam fazer uso das riquezas do solo? *É justo que* as populações indígenas não possam plantar, como fizeram algumas populações no Mato Grosso com excelente resultado? Aquelas tribos estão felizes porque obtiveram resultados econômicos. Vão poder usar uma roupa melhor, vão dar melhores condições de vida a seus filhos”, afirmou Lorenzoni (56, IND, MINERAÇÃO, EN)
- 9) Desde o início desta cruzada do politicamente correto contra a ideia de família, vida humana (em favor do aborto) e as suas pautas diversitárias*, compreende-se um claro limite nessa abordagem relativista e subjetivista. *Viveremos para ver* os ativistas LGBT pedirem aos cristãos que os protejam do ódio dos seus grandes financiadores? (41, LGB, CRIMINALIZAÇÃO, EN)
- 10) Cotas raciais significam *realmente* oportunidade para todos? (20, NGR., ASIÁTICOS, CP)
- 11) As pessoas criaram uma série de novos gêneros; mas, estes são *realmente* usados? O que é um ser humano não binário? (42, LGB, LINGUAGEM, BP)

Diferentemente do que vimos nos exemplos anteriores em que a formulação de uma pergunta é uma substituição de uma afirmação que o locutor não se engaja em fazê-la, notamos se tratar de provocar reações exaltadas no interlocutor, não sendo elas de afirmação não realizada pelo locutor, mas a concordância: *Pois é! Até quando?* ou *Não, não é justo!*, poderiam dizer os interlocutores. Em suma, o uso das construções retóricas apresentadas aqui seria um gerador de indignação do leitor e, indiretamente, a adesão ao discurso do locutor.

Por último, encontramos exemplos do que Paveau designa interrogação total. Ressaltamos que a autora apresenta o uso da interrogação total acompanhada da conjunção *quando*. Neste corpus, as interrogações totais aparecem com os pronomes interrogativos e se tratam de questões que suporiam uma resposta deste outro sobre os quais os locutores falam. Ao passo que essas interrogações admitem uma resposta que poderia ser válida, esse tipo de construção tem o mesmo efeito de sentido das duas construções anteriores: redimir-se de assumir a afirmação do que fazem em forma de questão bem como de inflamar o leitor.

- 12) *Qual a justificativa para a exclusão deliberada de todas as pessoas que não sejam negras?* (70, MIN, ÓDIO, EN)
- 13) Epidemia de transgêneros: *Querem castrar nossas crianças?* (36, LGB, EPIDEMIA, JCO)
- 14) Segundo a Associação Brasileira de Dislexia, esse distúrbio acomete de 5 a 17 por cento da população mundial em idade escolar. *O que fazer com esses estudantes? Impor a eles substantivos inexistentes, pronomes falsos e regras estapafúrdias que nada têm a ver com o nosso idioma?* Pedem que utilizemos a letra “e” como sinalizadora de neutralidade. Mas “pente” termina com essa letra e é masculino. *Como inculcar essas ideias na cabeça de quem já tem dificuldades severas com o básico?* Parece um pesadelo. (42, LGB, LINGUAGEM, BP)
- 15) *Como criar aproximação com povos que não falavam a mesma língua, não tinham os mesmos hábitos e pensavam completamente diferente?* (57, IND, COLONIZAÇÃO, BP)

16) Os filósofos gregos dedicaram-se a encontrar alunos interessados em aprender. Na Idade Média, os mosteiros significaram um avanço na administração da educação. *Por que, na modernidade, a educação do inculto seria condenada?* (57, IND, COLONIZAÇÃO, BP)

Esse desengajamento do locutor permite as interrogações genéricas terem efeito de objetividade, tornando-se por esse motivo, persuasivas pelo seu poder argumentativo. De maneira geral, verificamos que as interrogações genéricas apresentadas implicam que os apoiadores das causas dos grupos minoritários estariam enganando aqueles não pertencentes a grupos minoritários, visto que eles não agem em conformidade com o seu discurso; os locutores defendem ainda que os movimentos sociais prejudicam aqueles não considerados pelas pautas identitárias e os discriminam; questionam estudos e ações relacionadas à pauta LGBTQIAP+, como se a defesa de direitos fosse exagerada ou desnecessária; insinuam que políticos de partidos da esquerda são incoerentes e não agem de acordo com seus princípios. Ao mesmo tempo que se desengajam com o uso das interrogações genéricas, esses locutores engajam-se como defensores dos excluídos pelos movimentos sociais e como críticos aos apoiadores das causas das minorias, desqualificando-os.

3.2.2 Usos da modalidade epistêmica

De forma análoga às interrogações genéricas, as construções ancoradas em evidências também permitem aos locutores se basearem em saberes mais ou menos consolidados. Todavia, são apresentadas como provenientes do pré-discurso da objetividade e são compreendidas de maneira indiscutível. A autora aborda o conceito de evidencialidade, o qual designa “as diferentes origens dos saberes formulados nas produções verbais” (PAVEAU, 2013, p. 202).

A evidência se configura a partir da articulação estreita entre percepção e linguagem, tendo, portanto, todos os sentidos mobilizados - tato, visão, audição, paladar e orientação – e essa experiência é construída no discurso tanto exterior quanto anterior a ele. A percepção de evidente é a impressão de que a linguagem consegue exprimir as coisas de forma natural e todos consideram tal relação entre linguagem e o mundo exterior. É importante notar como os locutores mobilizam esse saber, considerado um pré-discurso, e que orienta o seu discurso.

Paveau defende que a noção de evidencialidade, entendida aqui como a justificação dos saberes, é fértil para a compreensão dessa questão, pois define a forma como os locutores marcam as origens dos saberes alegados ou transmitidos nas suas produções verbais. Esse saber alegado apresenta-se anterior e exterior ao discurso no âmbito dos quadros pré-discursivos coletivos. A autora distingue ainda dois marcadores da evidencialidade como marcadores

epistêmicos, os quais apresentam o saber do locutor: a declaração epistêmica, no qual o saber é afirmado como existente, e a restrição epistêmica, no qual o saber se restringe nos discursos.

3.2.3.1 A declaração epistêmica

A fonte do saber nesse marcador trata-se de um agente exterior ao locutor, definida como coletiva. O uso de verbos epistêmicos – saber, conhecer – são combinados com um intensivo ou pela evocação de conhecimento com o verbo lembrar e com o uso de pronomes indefinidos ou relativos sem antecedentes. Outra maneira de fazer isso é apoiar-se sobre o saber de alguém que exerce o papel de fiador, tendo em vista as suas competências necessárias para tal. Por último, expressões manifestadas pelo que a autora chama de notório sem agente, no qual o saber é expresso, sem mencionar uma determinada origem. No corpus, observamos a evocação do conhecimento a partir de agentes coletivos por meio do uso de pronomes indefinidos; além disso, verificamos exemplos de notório sem agente bem como exemplos do que compreendemos como notório sem paciente.

No que diz respeito aos agentes coletivos indefinidos, notamos o uso dos verbos *saber* ou *perceber*, declarando de forma genérica, que *todos já sabem*, como no exemplo 2, ou com a elipse do pronome indefinido *todos* no exemplo 4, em que se afirma *sabemos (todos) que o que o MEC indica torna-se uma norma*. Em ambos os casos, constatamos a suposição de que é de conhecimento de todos as informações trazidas pelos locutores:

- 1) *...qualquer um que tenha estudado umas poucas obras de integrantes dos movimentos feministas e LGBT sabe* que tudo não passa de conversa fiada e que os reais objetivos por trás dessas agendas são, na verdade, objetivos políticos. (3, FEM., RADICAL, JCO)
- 2) Que a esquerda defende criminosos, desde sempre, com unhas e dentes, *todos já sabem...* (4, FEM., RICHTHOFEN, JCO)
- 3) Ou seja, no governo Bolsonaro muito menos negros e pobres estão sendo mortos do que eram nos governos da esquerda.
Se a esquerda se preocupasse com as minorias, teria comemorado este fato. A esquerda não se preocupa com minorias, ela as usa para tomar e manter o poder.
Qualquer membro de minoria que perceba isso é automaticamente atacado e tachado de traidor pela militância. (12, NGR., SILÊNCIO, JCO)
- 4) O livro denunciado por Bolsonaro foi indicado para as crianças e colocado nas bibliotecas públicas, sim, como veremos adiante, e *sabemos* que o que o MEC indica torna-se uma norma, na prática, quase obrigatória. (22, LGB, KIT GAY, CP)

Já nos exemplos 1 e 3 há uma definição de quem seriam esses sujeitos, a partir de uma oração subordinada adjetiva explicativa: *qualquer um dentre aqueles que tenha estudado as obras dos movimentos feministas ou LGBT*, como observamos no primeiro exemplo; qualquer

pessoa, mas na condição de pertencente a grupos minoritários. Nesses casos, tais sujeitos poderiam exercer o papel de fiador, pois a partir da oração explicativa, eles estariam qualificados para saber que *não passa de conversa fiada* ou para perceber que menos negros e pobres morreram no governo da extrema-direita. A afirmação é categórica de que esse conhecimento é compartilhado por todos que se enquadram nessas condições.

Com relação ao notório sem agente, notamos nos exemplos o uso do verbo lembrar bem como o uso da expressão *é fato que...*, supondo-se, em ambos os casos, o saber como assegurado, porém, sem uma origem específica.

5) *É só lembrar* da Alemanha nazista, da Itália fascista e no regime soviético, onde se começa difamando e perseguindo aqueles que se opõem ao regime ideológico que querem implementar, para logo em seguida implantar uma ditadura da democracia que só exerce plenamente seus direitos democráticos aqueles que seguem a cartilha democrática da esquerda que agora nos acusa precisamente do que eles estão fazendo. (67, MIN, MAIORIA, JCO)

6) No entanto, além do material ser perturbador*, *é importante lembrar que* a cada clique e visualização dos vídeos, o leitor estará contribuindo para a monetização de um grupo de ativistas LGBTs que tem como alvo destruir os valores e a identidade das crianças e famílias. (35, LGB, VÍDEOS, CP)

7) As cotas raciais, tão defendidas pela esquerda em todo o mundo, soam mesmo como uma política boazinha, que vem para “ajudar” os negros, segundo eles, excluídos das salas de aula. *É fato que* os incautos compram com frequência e com bastante confiança tal narrativa. (20, NGR., ASIÁTICOS, CP)

O uso do notório sem agente denota um conhecimento prévio de todos a respeito daquilo que se entende por óbvio: a difamação e perseguição de regimes ditatoriais, a monetização por cliques em vídeos no *Youtube*, os incautos aderem à política de cotas raciais. Dessa maneira, compreendemos como parte de uma evidência compartilhada pelo coletivo. Já nos exemplos seguintes, notamos que, diferentemente dos casos do notório sem agente, há a falta dos pacientes. Nesses casos, observamos o uso do verbo conhecer mediante a expressão *conhecido como/por* (e suas variações), na qual, de forma semelhante ao notório sem agente, o saber também é assegurado sem deixar explícito de quem se trata o sujeito que conhece as informações ali colocadas:

8) No último ano, o dialeto não binário, *conhecido também como* linguagem neutra, tornou-se tema constante nas mídias nacionais e internacionais.

9) "Esse projeto de lei *está sendo conhecido* no Brasil como “Lei da Mordaça Gay”, uma vez que, caso aprovado, tornará ilegal qualquer condenação ou crítica que se faça à prática homossexual." (citação Dom Luiz Bergozini) (28, LGB, SODOMA, EN)

10) A rede aposta pesado nos conflitos raciais para agradar a mídia sensível aos atos de vândalos como o movimento Black Lives Matters, *conhecido por* derrubar estátuas de personagens históricos que eles acreditam serem racistas.

11) O método (abortivo) é *conhecido como* envenenamento salino e é proibido até mesmo para sacrifícios de animais sem anestesia. (5, FEM., ABORTO, EN)

Com exceção do item 8, todos os demais exemplos apresentam, após a expressão *conhecido como/por*, definições ou declarações polêmicas e que se supõem conhecidas por todos. O projeto de lei, do segundo exemplo, que trata da criminalização da homofobia, é chamado de *Lei da Mordaça Gay* no artigo, por meio da reprodução de um texto publicado no blog do bispo católico Dom Luiz Bergonzini. Já o movimento *Black Lives Matter*, de acordo com o artigo, é conhecido pela ação de *derrubar estátuas de personagens históricos que eles acreditam serem racistas*. Sobre o excerto 11, o método chamado por eles de envenenamento salino trata-se de uma interrupção da gravidez autorizada pela justiça da garota de dez anos estuprada em 2019 pelo tio e que tomou notoriedade pela mídia. No exemplo 8, a expressão polêmica se apresenta, porém se encontra anteriormente à expressão *conhecido também como*, denominando a linguagem neutra como *dialeto não binário*.

Salvo os exemplos 1 e 5 nos quais as declarações epistêmicas se amparam, respectivamente, em evidências enciclopédicas – na literatura relacionada aos movimentos sociais – e históricas – sobre o nazismo, fascismo e o regime soviético –, em todos os demais exemplos as evidências em que se baseiam não são colocadas à disposição do leitor. Isso ocorre porque não há a fonte em que se ampararam para atestar, por exemplo, a queda dos assassinatos de negros e pobres no Brasil, ou porque as declarações dos locutores são dadas como crenças e saberes compartilhados por todos ou qualquer pessoa de determinado grupo, como a monetização a partir da visualização de vídeos no *Youtube* ou as denominações polêmicas apresentadas na última análise desse tópico.

3.2.3.2 A restrição epistêmica

Nesse caso, a autora argumenta que o saber partilhado aparece em forma de imperativo categórico, de modo que o interlocutor deve se render à evidência da própria evidência. Alega-se um saber sobre o qual não se diz nada, além de ser uma verdade inegável, devendo ser reconhecido como tal. A evidencialidade não marcada reduz-se a uma afirmação da verdade do saber. As expressões que costumam servir como força de evidência são: *é forçoso constatar/reconhecer*, *constata-se que*, assim como a partir de modalizadores adverbiais que demonstram evidência, sem que se indique a origem, tais como *evidentemente*,

incontestavelmente. No corpus verificamos não somente o uso desses modalizadores, como também de expressões que exercem essa função sintática:

- 1) Fernando Haddad é *verdadeiramente* o pai do famigerado “Kit Gay”, que hoje convertido a cristão o malandro tenta negar. (LGB, VEJA, JCO)
- 2) A agenda politicamente correta fica confusa com tamanhas contradições. Defender todas as minorias ao mesmo tempo parece uma tarefa inglória. Na verdade, ela é impossível por definição. A “proteção violenta” de uma minoria *certamente* acarretará na perseguição de outras tantas. Vence quem tiver maior financiamento. (41, LGB, CRIMINALIZAÇÃO, EN)
- 3) Amparado por um discurso pseudoinclusivo, esse novo modo de falar e de escrever, se vingasse, implicaria consequências desastrosas para a maioria das pessoas, que, *obviamente*, não apoiam tal modismo. (42, LGB, LINGUAGEM, BP)
- 4) *Não há como negar* que Haddad é o pai do kit gay, conforme pode-se verificar no Diário Oficial da União: Bolsonaro prova que Haddad é de fato o pai do kit gay. Assista e tire suas conclusões. Até a vice-presidente de Haddad assumiu o trabalho em prol do kit gay: Haddad é o pai do “kit gay” nas escolas! (22, LGB, KIT GAY, CP)
- 5) No que pese a manipulação de grupos que tentam descaracterizar a cultura e a religião indígena, *é inegável o fato* de que, em mais de 500 anos de história as etnias indígenas estão sendo dizimadas pela ação covarde de grupos compostos por fazendeiros, diante da inércia do governo brasileiro que não se pronuncia e que nada faz para conter os abusos praticados contra eles. (47, IND, ACULTURAÇÃO, JCO)
- 6) Este exemplo ilustra *que não se pode negar* que existe violência policial. Contudo, mais considerações são necessárias. (19, NGR, BLM, BP)
- 7) Considerando a clara inclinação abortista do PT e da maioria dos intelectuais que comandam as mentes que governam o país, *fica óbvio* que estamos diante de uma conspiração contra a religião cristã. (28, LGB, SODOMA, EN)

Podemos observar a presença dos modalizadores adverbiais *verdadeiramente*, *certamente*, *obviamente* nos três primeiros exemplos respectivamente, e as locuções adverbiais *não há como negar*, *é inegável o fato*, *não se pode negar* e *fica óbvio*, locuções estas que indicam os modalizadores *inegavelmente* nos exemplos 4 a 6 e *obviamente* no exemplo 7. Como podemos notar, dão como certas as atitudes do então ministro da educação, Fernando Haddad, como a denominada *proteção violenta* dos grupos minoritários e consideram um fato que a maioria das pessoas não concordam com a utilização da linguagem neutra. Todos eles funcionam como restrição epistêmica e corroboram com a ideia de dois lados em oposição.

Além disso, Paveau apresenta outra forma de restrição epistêmica com justificativa ontológica: a essência das coisas se impõe de modo natural e apresenta-se com um vocabulário essencialista. Expressões com - *mesmo*, *em essência*, *por natureza* enquadram-se nessa categoria. Constatamos diversas ocorrências com o uso de expressões com -*mesmo*, em especial com uso da construção *até mesmo*, como verificamos nos exemplos abaixo:

8) Em dado momento, chegando *até mesmo* a pisotear o corpo do motorista que aguardava a chegada do IML (Instituto Médico Legal). (44, IND, CARGA, JCO)

9) A escravidão que ocorreu foi de oportunidade. O continente africano era altamente escravocrata e os portugueses compravam escravos na costa, vendidos por outras tribos diferentes.

Até mesmo os próprios negros tornavam-se senhores e tinham seus escravos. A alforria era uma concessão. Mesmo com dinheiro, sem que o senhor permitisse, não haveria liberdade. Por isso, alguns negros usavam seu dinheiro para comprar escravos. (57, IND, COLONIZAÇÃO, BP)

10) O programa pode ter sido um resultado prático de iniciativas como o polêmico Seminário ocorrido na Paróquia Cristo Rei, em Florianópolis, que ministrado por uma ativista que já defendeu *até mesmo* o fim da PM no Brasil. O comandante da PM na época era Araújo Gomes, que estava presente no evento. (40, LGB, PMSC, EN)

11) O ódio ideológico abrange *até mesmo* os negros individuais em nome do amor solidário aos militantes das agendas milionárias. (70, MIN, ÓDIO, EN)

12) Podiam (os índios) ser recrutados para a guerra contra qualquer força que ameaçasse a colônia. Eram suscetíveis, ainda, de serem mandados às vilas para trabalhos de interesse público, como construção de igrejas, fortalezas, urbanização de cidades, abertura de estradas ou *até mesmo* podiam ser arrendados a colonos. Entretanto, com a expulsão dos jesuítas, sua situação ainda se tornou mais penosa, pois os seus novos administradores fizeram do comércio de índios já aldeados, um alto negócio. (47, IND, ACULTURAÇÃO, JCO)

13) Em virtude de muitos adultos não mudarem de ideia sobre o assunto, a agenda LGBT está sendo empurrada “goela abaixo” nos jovens e crianças, através de meios não convencionais, como programas infantis de TV, séries de TV para adolescentes, comerciais, roupas, calçados, gibis, revistas para adolescentes, filmes de grande sucesso e *até mesmo* livros de leitura e escolares. (30, LGB, ALVO, CP)

14) Mas dentro desse número estavam mortes por suicídio, acidente de trânsito e *até mesmo* casos de fora do Brasil que foram usados para inflar os números. (...) Casos de acidentes, afogamento, mortes em incêndio e overdose também foram descartados pelos pesquisadores do LIHS¹⁰⁷. (23, LGB, PESQUISA, CP)

O uso de *até mesmo* nos exemplos traz o sentido de um complemento das atrocidades realizadas por esse outro sobre o qual o locutor fala: o indígena atroz que pisoteia o corpo do branco, os negros oportunistas que se tornam senhores e escravizam outros negros, a defesa absurda da ativista LGBTQIAP+ sobre o fim da polícia militar, o ódio ideológico imoral com fins lucrativos ou o arrendamento de índios a colonos (em outras palavras: escravizados). A expressão funciona como um operador de destaque, de ênfase e como uma locução adverbial de intensidade. Os exemplos 13 e 14 apresentam listas enumerativas seguidas da expressão, apontando para substantivos que o locutor não esperaria que ali estivessem presentes nas listas

¹⁰⁷ Liga Humanista Secular do Brasil, uma ONG que, de acordo com o site, *uma associação de pessoas sem religião que acreditam em muitas coisas importantes, desde 2010 defendendo universalismo ético: direitos humanos e liberdade fundamentais para todos. Defendemos a investigação racional, e uma visão de mundo baseada em argumentos e evidências.* Disponível em: <<https://lihs.org.br/>>. Acesso em: 08 jul. 2022.

enumerativas: *livros de leitura e escolares e casos fora do Brasil*, respectivamente. Em ambos os casos, após o uso da expressão *até mesmo*, há a ideia de surpresa do locutor em relação ao pontuado.

Por meio das questões genéricas, os locutores questionam proposições anteriores sem de fato afirmar, colocando os leitores para questionar o que foi dito, descredibilizando e acusando as minorias e aqueles que as defendem. Esses questionamentos podem incitar a revolta dos leitores e criam um ambiente bélico entre as duas partes envolvidas: o nós de um lado e o eles de outro.

Igualmente às questões genéricas, as declarações e as restrições epistêmicas também concebem o conhecimento tácito e coletivo, generalizando-os. Tais afirmações são usadas para confirmar a construção da narrativa contra as minorias, seja registrando o que todos sabem ou algum fato inegável. Por esse motivo, denominamos esses pré-discursos como incontestáveis, pois tais usos não dão margem para o leitor questionar e confirmam como fatos as opiniões dos locutores.

Chegamos agora aos pré-discursos que entendemos como contrastivos, os quais sustentam e confirmam a construção de saberes e crenças em relação às minorias. Elas são realizadas por listas enumerativas e por antíteses. Desses pré-discursos destacamos a antítese, que, como vimos, percorreu indiretamente por toda a análise e sobre as quais discutiremos com mais detalhes a seguir. A narrativa de vilanização dos grupos minoritários em oposição a grupos prejudicados por tais grupos será mais bem explorada neste próximo tópico.

3.3 PRÉ-DISCURSOS CONTRASTIVOS

Paveau trata da questão das formas que se situam entre a elaboração mental e a construção textual. Elas podem ter uma dimensão classificadora, sem a qual não seria possível a troca verbal, uma dimensão cognitiva, resultante de uma formatação no espírito e outra textual, uma vez que se inscrevem em agenciamentos textuais. Sobre esse agenciamento textual, a autora ressalta que compreende texto como o encadeamento entre as partes e desconsidera-se, portanto, o contexto sócio-histórico de sua produção.

Tais organizadores dotam-se de uma eficácia na prática na produção de discursos, em virtude do estatuto de ferramentas cognitivas, pois não somente organizam, mas contribuem para a elaboração dos discursos. São três os organizadores textuais-cognitivos: a tipologia, a metáfora e a antítese. Nesse sentido, reconhecemos esses pré-discursos como os efetivamente contrastivos, tendo em vista que eles confirmam materialmente as diferenças entre os sujeitos envolvidos.

3.3.1 A tipologia

Paveau afirma que os locutores constroem tipologias para classificar e categorizar os objetos do mundo, as quais se manifestam no texto por meio de listas enumerativas de itens de uma mesma categoria, podendo ser definidoras ou explicativas. Isso geralmente acontece a partir de nomes, grupos nominais ou adjetivos. O cientista social e antropólogo Jack Goody (2012) define três tipos de lista: a retrospectiva, destinando-se a registrar pessoas ou eventos; a guia, servindo como uma base de plano de ação; e a lexical, servindo como um inventário de conceitos.

As listas lexicais manifestam os pré-discursos e se constituem como uma tradução cognitivo-textual da lista, ou seja, configuram-se como ferramentas cognitivas dos locutores. Isso significa que são distribuídas as atividades cognitivas ligadas à produção de sentido, seja por meio de conhecimentos exteriores aos sujeitos inscritos na memória da humanidade bem como nas práticas cotidianas. Observamos no corpus as listas enumerativas, muitas delas de cunho polêmico:

- 1) O grupo – relativamente *pequeno, radical, bem treinado e bem assessorado* – sequestrou o Legislativo sob o amparo do governo federal e do escritório no México do Alto Comissariado das Nações Unidas (ONU) para os Direitos Humanos, que deram às extremistas o status de “defensoras dos direitos das mulheres e das meninas”. Com isso, elas se tornaram intocáveis... (10, FEM., MÉXICO, BSM)
- 2) *Não Sou Negro, Nem Homossexual, Nem Índio, Nem Assaltante, Nem Guerrilheiro, Nem Invasor De Terras*. Como faço para viver no Brasil nos dias atuais? Na verdade eu sou *branco, honesto, professor, advogado, contribuinte, eleitor, hétero...* E tudo isso para quê? (68, MIN, BRANCO, JCO)
- 3) Até as décadas de 30-40 havia segregação *nas escolas, filas de espera, vagões de trem, banheiros públicos, restaurantes, bebedouros, hospitais, prisões, teatros, igrejas a até cemitérios*. (19, NGR., BLM, BP)
- 4) *Desertores, terroristas, assaltantes de bancos e assassinos* que, no passado, participaram da guerrilha, garantem a seus descendentes polpudas indenizações, pagas pelos contribuintes brasileiros. (68, MIN, BRANCO, JCO)
- 5) Neste domingo (18) após a PRF em Guáira apreender motos irregulares, índios tentaram invadir a unidade com *facões, pedras e foices*, mas foram contidos pelos policiais. (51, IND, GUAÍRA, CP)
- 6) *Crianças, assaltos, uso de drogas, obscenidades e Suplicy*, desvirtuam Parada LGBT (veja o vídeo) (38, LGB, PARADA SP, JCO)
- 7) Excluindo *índios, pardos e brancos* da comunidade LGBT, *além de asiáticos e árabes*, a varejista alega estar em conformidade com as últimas tendências de “reparação histórica”. (70, MIN, ÓDIO, EN)
- 8) *Perseguições políticas, prisões injustificadas e censura em redes sociais* tem se tornado uma prática lamentavelmente comum, que está conseguindo minar as forças da direita, que impressionantemente é a maioria no país, mas sofre com uma minoria excluída. (67, MIN, MAIORIA, JCO)

9) “Vaidoso, gosta de se gabar, machista, estuprador, enfim... um típico “macho escroto” que Manu - a feminista, resolveu se misturar...” (1, FEM, HACKER, JCO)

10) Os membros atuais do BLM rompem com o movimento negro tradicional nos EUA. Hoje, o grupo inclui a causa dos negros homossexuais, trans, incapacitados, sem documentos e com antecedentes criminais.” (19, NGR., BLM, BP)

Nos exemplos 1, 2, 4 e 7, verificamos diversas enumerações denominadas pela autora como “uma pequena sociologia espontânea, certamente, muito ideológica” (PAVEAU, 2013, p. 213), em que classifica esses sujeitos sobre os quais os locutores falam. Ao se referirem aos grupos minoritários ou aos sujeitos dos movimentos, observamos as tipologias polêmicas: o pequeno grupo (feminista) aparece como radical, bem treinado e bem assessorado; uma lista de supostos criminosos, participantes de guerrilha aparecem como beneficiados pelo governo de esquerda. Os exemplos 2 e 7 lidam com a exclusão de alguns em detrimento de outros, ou seja, caso alguém não faça parte de determinado grupo, estaria sendo prejudicado. Paveau afirma que a tipologia aparece como uma forma de instalar o pré-discurso nos discursos, de modo que as listas enumerativas apresentadas já tivessem sido partilhadas previamente nos quadros representacionais coletivos. Além de organizar a percepção de mundo, elas permitem uma leitura: desqualificar esses outros sujeitos e movimentos, ora retratados como criminosos, ora prejudiciais às outras pessoas. O movimento se descaracterizaria e não teria razão de existir, pois acolhe aqueles que não deveriam ser acolhidos.

Diferentemente dos demais, nos quais as listas se enquadram na mesma categoria, destacamos o exemplo 6, em que a lista enumerativa coloca crianças, assaltos, uso de drogas, obscenidades e o político Eduardo Suplicy na mesma cadeia enumerativa como argumento de desvirtuar o evento da parada gay em São Paulo. Entendemos que as práticas ali presentes, condenadas pelo locutor, estariam na mesma categoria tipológica. Porém intriga-nos a contradição de que tais práticas desvirtuam um evento que o locutor – representante de um site conservador – considere como virtuoso. O político citado, associado às práticas, pode fazer sentido; já a criança não entraria na mesma categoria.

A atividade tipológica implica também uma atividade designativa. No exemplo 9, uma série de designações pode ser verificada em relação a Walter Delgatti Neto, apontado como responsável pelo ataque hacker a celulares de integrantes da Operação Lava Jato, constituindo uma tipologia aparentemente específica sobre Delgatti, mas que, de certa forma, representaria aqueles supostamente aliados a representantes da esquerda. Além disso, a tipologia referente a Delgatti, de certa maneira, ironiza a posição como feminista de Manuela D’Ávila, visto que o vínculo de suposta amizade com um estuprador a faria incoerente. Dessa forma, há uma

construção de uma narrativa a respeito do vínculo entre eles. Tornar incoerente a posição de pessoas relacionadas a posicionamentos progressistas, como àqueles relativos às pautas identitárias e aos grupos minoritários, é uma forma de mostrar que há dois lados em oposição – um no qual o locutor se encontra e o outro do lado que perturba a ordem e a destrói.

3.3.1.1 Legitimidade, identidade e alteridade como ferramenta tipológica

Segundo Paveau, as tipologias podem ser ideologicamente orientadas, aumentando, assim, sua função cognitiva. Para além de categorizar o mundo e os seres organizados de determinada forma, designam-se opiniões e julgamentos, como observamos nos dois últimos exemplos no tópico anterior. A pesquisadora divide em dois tipos de tipologias dessa segunda categoria: as tipologias polêmicas e as organizacionais. Compreendemos esses exemplos apresentados como casos de tipologia polêmica, em virtude do exposto acima.

A tipologia serve também como uma ferramenta cognitiva de legitimidade, para a construção de uma identidade e apela à alteridade, conforme a autora. Neste corpus, notamos tal apelo dos sujeitos relacionados aos movimentos feministas e antirracista, bem como aos grupos minoritários indígenas e imigrantes, representados pelo protótipo do transgressor. Tais discursos se manifestam de forma argumentativa ou polêmica e fazem esse apelo à alteridade para elaborar contrastes com imagens negativas acerca dos outros, a fim de declarar o que eles mesmos não são:

- 1) As pautas dos direitos civis sexuais parecem simples e casuais, mas por trás delas existe um projeto político de destruição da família. Cada afirmação disso será provada com citações neste artigo. (9, FEM, REV. SEXUAL, BP)
- 2) Cerca de 20 mulheres encapuzadas paralisaram seu funcionamento por três meses, picharam o prédio, substituíram a bandeira nacional por um pano verde e obrigaram aos parlamentares a assinarem um convênio que lhes obriga a tramitar a todo vapor a liberação do assassinato de bebês até a 12ª semana de gestação. (10, FEM, MÉXICO, BSM)
- 3) Uma grande parte das manifestações não foi pacífica e trouxe caos à sociedade. Constantemente, os manifestantes causam depredação, vandalizam, destroem e queimam a propriedade de pessoas não envolvidas nas polêmicas. (19, NGR, BLM, BP)
- 4) Um grupo de **indígenas fortemente armados** se formou no norte do Rio Grande do Sul com o objetivo de controlar a reserva Votou-o, localizada na cidade de **Benjamin Constant¹⁰⁸ do Sul**. Por trás da formação da milícia, está o potencial financeiro da região, cuja receita anual com a agricultura é estimada em R\$ 10 milhões. (48, IND, MILÍCIA, CP)
- 5) Depois de muita insistência e com os agentes sem condições de fazer ‘nada’, pois se trata de indígenas e qualquer interferência pode causar severas punições, o grupo conseguiu abrir a porta e começou o saque. (44, IND, CARGA, JCO)

¹⁰⁸ O destaque em negrito foi realizado no próprio site e mantido no recorte.

6) Nesse pedágio atualmente estão sendo cobrados R\$ 100,00, por veículo, tanto na ida, quanto na volta, pelos índios Enawenê-Nawe. (...) Abaixo, veja um vídeo onde a cobrança é efetuada. O indígena deixa bem claro que se não pagar, não passa. (45, IND, PEDÁGIO, JCO)

7) Por difamação contra o Governo, PF intima indígena que foi vice de Boulos (58, IND, DIFAMAÇÃO, JCO)

8) Indígenas ignoram ‘corpo’ de motorista e agridem PRF para saquear carga

9) Os refugiados da ditadura de Nicolas Maduro estão impondo o terror em Pacaraima, em Roraima (...) (60, IMI, RORAIMA, JCO)

10) É ele (Michel Temer) quem deveria ter atendido aos apelos da Governadora de Roraima, Suely Campos, para fechar a fronteira com a Venezuela ou providenciar para que cada imigrante desesperado fosse devidamente enfiado dentro das sedes estaduais e municipais do PT, PSOL e PC do B. (...)

Entre os venezuelanos e os brasileiros, meu compromisso, o compromisso de todos nós, deve ser com os brasileiros. O ladrão do MDB, deixado pelos Vagabundos Petistas, tem obrigação de fechar a fronteira antes que aconteçam mais mortes. (62, IMI, FRONTEIRA, JCO)

Como podemos observar, as mulheres denominadas como feministas, os negros e os indígenas são associados com a esquerda e enganam os demais, concordam com a destruição da família, aprovam e patrocina criminosos e o crime, são violentos, irresponsáveis, inconsequentes, contra a vida e a favor do assassinato de inocentes, são tratados como criminosos que invadem e depredam propriedades públicas e privadas. No caso dos defensores desses grupos minoritários, eles desejam o poder à custa das mulheres, ou seja, fazem o que fazem por si, em benefício próprio. Dessa forma, são vistos como subversivos e perturbadores da ordem. Destacamos o exemplo 7, no qual percebemos a deslegitimação tanto de Sônia Guajajara – ao não a citar nominalmente, mas como *indígena que foi vice de Boulos* - quanto o próprio Guilherme Boulos, visto que ele é citado no título da notícia.

Do mesmo modo, verificamos o protótipo do ludibriador, em que toda atitude relacionada à inclusão social – seja de movimentos, empresas, instituições educacionais ou governos – é encarada como imposição, modismo ou com interesses próprios, como observamos nos exemplos a seguir:

11) Em sua busca incessante para atrasar a vida das mulheres, torná-las infelizes e escravizá-las intelectualmente, o feminismo moderno utiliza de vários discursos vitimistas. Sempre com a intenção de forjar no imaginário feminino que as mulheres vivem constantemente oprimidas, ameaçadas e desacreditadas pelos homens. (2, FEM, GOOGLE, JCO)

12) Percebe-se que há um forte ativismo contra a vida. Esse ativismo maligno travestido de “Direitos Humanos” tem propagado a ideia de que matar uma criança, ainda no útero materno, é algo natural, de direito e incontestável. (7, FEM, TATUAGEM, CP)

13) Com o intuito de dessensibilizar a sociedade frente ao ato repugnante, movimentos progressistas se empenham em ludibriar a população para que desenvolvam empatia e compaixão pelo agressor de crianças. (6, FEM., PEDOFILIA, EN)

14) Através de demagogia política, ativismo judicial e, mais recentemente, sinalização de virtude por parte de empresas interessadas nos lucros da lacração, o Brasil está de fato se tornando um ambiente inóspito para qualquer um que não seja considerado negro pelos tribunais raciais que se espalham pelo país. (14, NGR, MAGAZINE, JCO)

15) A esquerda não quer minorias pensando de forma independente e não hesitaria nem por um segundo em aumentar os índices de assassinatos de negros e pobres, se isso os colocasse de volta no poder. (12, NGR., SILÊNCIO, JCO)

16) O impressionante é que estes mesmos demagogos não assumem a própria responsabilidade. Apontam para a polícia, mas esquecem que são eles que municiam e apontam as armas, nos dois lados dessa guerra. (11, NGR., GENOCÍDIO, JCO)

17) Ativistas LGBT no Canadá estão pressionando pais a levarem seus filhos para as paradas de orgulho LGBT, pois acreditam que isso só pode beneficiar as crianças envolvidas. (34, LGB, PARADAS, CP)

14) Vender a alma a financistas milionários pode ser lucrativo apenas quando eles também estão lucrando com o seu ativismo. E isso os ativistas mais submissos talvez nunca percebam. (41, LGB, CRIMINALIZAÇÃO, EN)

18) Há anos, líderes e defensores dessa agenda têm pensado de forma proativa, e trabalhado para que a nova geração venha a apoiar e votar em políticos que defendam e apliquem políticas pró-LGBT. (30, LGB, ALVO, CP)

19) O vídeo mostra claramente que esses ativistas LGBTs apresentam um conteúdo totalmente impróprio para crianças muito novas.

Em seguida, uma pessoa trans, “Kaleb”, é trazida para ensinar às crianças mais jovens sobre injeções de hormônios, vestir-se como travesti e “transição de sexo”. (35, LGB, VÍDEOS, CP)

20) A criança foi criada em um orfanato e adotada por um casal gay quando tinha oito anos de idade. Pouco tempo depois, adotou a identidade de menina. (37, LGB, SEMINÁRIO, JCO)

21) A expectativa é de que a PF conclua até o final de semana o relatório sobre a suposta invasão de garimpeiros à terra indígena e sobre a morte do chefe da aldeia Waseity, Emyra Wajãpi, de 62 anos. (...) Segundo os relatos dos índios, Emyra Wajãpi foi morto na tarde de segunda-feira (22). Entretanto, a morte não foi testemunhada por indígenas e só foi percebida na manhã de terça-feira (23). (49, IND, INVESTIGAÇÃO PF, CP)

Aqui, notamos que os exemplos lidam com mais frequência com os movimentos das pautas identitárias e com aqueles que aderem às causas, os quais são taxados de vitimistas. Nesses casos toda ação é vista como forçosa— *esforço, decreta, com a intenção de forjar, tribunais raciais* - ou que entra no discurso de outros – *entra na moda, sinalização de virtude, lacração*. Em todos os casos, questionam a honestidade e parcialidade das motivações desses grupos. Nesses casos, os grupos minoritários aparecem como vítimas desses movimentos, bem como as crianças e os indígenas.

3.3.2 Antítese

A antítese, segundo Paveau, serve como um importante organizador da forma de percepção de mundo e dos discursos e, por esse motivo, é muito usada como um modelo de aprendizagem, especialmente no ocidente. Além disso, constitui-se como um quadro de

experiência nas relações humanas, sejam conflituosas ou harmoniosas. A antítese é muito presente nos discursos e sua estrutura é um modelo que os locutores mobilizam no discurso; portanto, trata-se de um pré-discurso. Ela categoriza a antítese em três categorias: a formal, como redução binária; a cultural, que trata da querela dos antigos e modernos; e a histórica, que aborda a antítese bárbaros versus civilizados.

A antítese formal apela às mais variadas formas de oposições que apresentam um mundo binário no discurso, mundo este apresentado como uma coerção exterior aos sujeitos. Essa antítese se constrói sobre uma quantidade de obras ou de corpus, a partir de uma memória de médio a longo prazo. Como exemplo, podemos verificar as referências aos nomes próprios mobilizados nas notícias do site *Brasil Paralelo* a respeito da revolução sexual e o movimento *Black Lives Matter*, nos quais citam Santo Agostinho, Ana Caroline Campagnolo, Judith Reisman, Roland Fryer de um lado e do outro o Marquês de Sade, Simone de Beauvoir, Karl Marx, William Reich, Malcolm X. Os valores associados às antroponímias demonstram esse sentido binário inscritos na memória do discurso.

A antítese cultural, a que mais nos interessa para a análise do corpus, trata-se não da querela dos antigos e modernos proposta por Paveau, mas dos ditos conservadores, salvadores e heróis de um lado – nós – e os progressistas vilões, enquadrando neste termo os grupos minoritários e aqueles que os defendem – eles. A autora afirma que a querela constitui seu próprio horizonte, sendo que o discurso coloca sua memória de modo reflexivo para compreender como as formas de pensamento vivem no decorrer do tempo, seja por meio de debates, polêmicas, controvérsias.

Sendo, então, horizonte memorial do discurso, a pesquisadora acrescenta que a memória polêmica de Maingueneau (1997) poderia contribuir nesse sentido, com duas dimensões: a externa, reflexiva, na qual a polêmica se inscreve em uma série de polêmicas anteriores, legitimando o discurso e colocando-a em uma linhagem correspondente de adversários. E pela interna, consistindo em uma sedimentação semântica advinda de discursos proferidos anteriormente, uma memória apreciada como tesouro de suas lendas por determinada instituição. Ela se enriquece constantemente por formulações de protagonistas, que correspondem todos os recursos linguísticos dos locutores, sobretudo pelas escolhas lexicais e morfolexicais.

Em vista disso, a autora cita o uso do sufixo *-ista/ismo* em seu corpus, o qual pudemos verificar com muita frequência neste corpus. O uso desses sufixos produz unidades marcadas pela desvalorização em contextos polêmicos, sugerindo um sistema fechado, autoritário e intencional, corroborando com os protótipos de transgressores e ludibriadores, apresentados

anteriormente na ferramenta tipológica de alteridade. As palavras com o sufixo *-istas* aparecem em enunciados assertivos, implicando uma pressuposição de existência e de identificação. O emprego do sufixo inscreve-se na noção de evidências partilhadas, como se esse sufixo *-ista* existisse anteriormente a um sistema doutrinário, ao qual basta associar a um radical da palavra. As palavras com o sufixo *-ista*, portanto, articulam-se com saberes anteriores.

No corpus, encontramos diversos exemplos com o sufixo *-ista*: *ativista, progressista, feminista, comunista, esquerdista, golpista, socialista, extremista, abortista, calvinista, globalista, vitimista, iluminista, eugenista, apologista, conspiracionista*. Nesse contexto – e por meio dos apelos aos pré-discursos analisados ao longo desse capítulo, compreendidos como tradicionais, incontestáveis e contrastivos – a antítese *heróis versus vilões* aparece e se configura como o fio condutor da análise discursiva por meio dos pré-discursos tradicionais, incontestáveis e contrastivos, e da construção de narrativas entre o nós e o eles respectivamente.

Consideramos aqui a noção de estereótipo, apresentada por Paveau (2013), por meio da qual ela afirma ter uma relevância para a análise pré-discursiva. A autora, a partir de Amossy (1991), endossa a ideia de que o estereótipo não existe por si só, realizando-se, no entanto por meio de uma construção de leitura. Dessa maneira, o estereótipo não seria algo pronto, mas um processo em que se constrói a partir de atributos entendidos como típicos de um grupo ou de uma situação e, a partir desses atributos, faz-se uma reconstituição da atividade de um esquema familiar, de um modelo coletivo. Sob a perspectiva dos pré-discursos, encontramos os estereótipos constantemente se remontando conforme os elementos escolhidos para tal, envolvendo os saberes e crenças de locutores e interlocutores bem como seu “ambiente cognitivo, social, material, tecnológico, etc” (PAVEAU, 2013, p. 61).

Pudemos observar ainda algumas especificidades na dicotomia herói versus vilões relacionadas aos grupos minoritários. A partir dessa construção estereotipada realizada no corpus pela forma contrastiva e dicotômica, pudemos notar quatro categorias correlacionadas: *o nós versus elas*, *o nós versus eles*, *o eles versus as vítimas, defendidas por nós, heróis* e, por último, o mais genérico, *o nós, vítimas versus eles, os vilões*.

No filtro feminista, verificamos fortemente a distinção entre nós com os atributos típicos de corretos, cumpridores da lei, conservadores e elas com atributos típicos de devassas, criminosas, assassinas, tal como seus apoiadores. O modelo coletivo aqui se configura pelo *nós versus elas*. É importante ressaltar que entendemos essa categoria de forma distinta da *nós versus eles*, tendo em vista que este último se refere a *eles* não somente do sexo masculino, mas de forma genérica aos grupos minoritários, independentemente do gênero. Além disso, optamos por evidenciar a violência com que as mulheres são tratadas por tais sites, com muitos

comentários misóginos e machistas. Abaixo, seguem alguns outros exemplos em que há o contraste entre um grupo e o outro:

- 1) *Entidades cristãs e movimentos conservadores* vêm alertando para o crescimento do *movimento pró-pedofilia* há anos. Os *progressistas* estão caminhando com esta pauta de forma tímida, mas já está tomando forma. (6, FEM, PEDOFILIA, EN)
- 2) Ou seja, o *feminismo* faz com as mulheres o que ele diz que os homens irão fazer com as mulheres... (2, FEM, GOOGLE, JCO)
- 3) (...) não há teoria conspiratória alguma nas preocupações conservadoras e que mostra uma *feminista* que admite abertamente que esses movimentos tem* por objetivo a destruição da família. (3, FEM, RADICAL, JCO)
- 4) Assim, passam a acusar os conservadores de lunáticos conspiracionistas e preconceituosos. (3, FEM, RADICAL, JCO)
- 5) Os conservadores devem lutar para manter o aborto não apenas ilegal, mas impensável. Fotos como essa da tatuadora, devem ser denunciadas, não aceitas pela sociedade. Devemos continuar lutando para acabar com essa eugenia moderna e a apologia ao aborto. Devemos lutar para acabar com este holocausto moderno dos membros mais inocentes e indefesos da nossa sociedade: as crianças não-nascidas. Todo feto é uma pessoa concebida e não há exceção! (7, FEM, TATUAGEM, CP)

Como vimos, essa construção é realizada em torno das mulheres – denominadas como feministas de forma depreciativa quando exigem os seus direitos – e essa construção fica mais clara quando verificamos por meio dos pré-discursos contrastivos: *entidades cristãs e movimentos conservadores, homens, preocupações conservadoras* em oposição a *progressistas, pró-pedofilia, destruição da família, apologia ao aborto*. Essa construção de leitura realizada pelos atributos de mulheres que defendem pedófilos, que cometem crime ao abortar ou que defendem o direito de aborto é realizada de forma massiva e constante e, como afirma Paveau (2013), tornam-se modelos coletivos.

Nos filtros *indígena e imigrante e negro*, podemos notar também essa oposição estereotipada *nós versus eles*. Nesses casos, constatamos que os heróis são aqueles que estão denunciando os vilões *estrangeiros* no Brasil, reforçando a ideia da defesa do país contra aqueles que não são brasileiros e, de alguma forma, os ameaça. Já aos vilões são atribuídas características como criminosos, violentos, com presença incômoda para a maioria dos brasileiros. Os indígenas, especificamente, são tratados como estrangeiros na própria terra e tratados como desumanos, sobretudo com os brancos. Além disso, esses locutores se filiam ideologicamente àqueles que expulsam e fazem leis contra esses grupos, incluindo-os nesse *nós*, como observamos nos exemplos abaixo:

6) Uma das principais promessas da campanha presidencial de Jair Bolsonaro era a linha dura com criminosos estrangeiros que se aproveitavam da fama de impunidade no sistema de justiça brasileiro e da conivência criminosa dos governos de esquerda. (61, IMI, EXPULSÃO, JCO)

7) Entre os venezuelanos e os brasileiros, meu compromisso, o compromisso de todos nós, deve ser com os brasileiros. O ladrão do MDB, deixado pelos Vagabundos Petistas, tem obrigação de fechar a fronteira antes que aconteçam mais mortes. (62, IMI, FRONTEIRA, JCO)

8) Existem exceções, como no caso de imigrante com residência fixa no Brasil; cônjuge, companheiro, filho, pai ou curador de brasileiro e estrangeiro a serviço de organismo internacional, residentes fronteiriços de cidades-gêmeas. Essas exceções não se aplicam aos venezuelanos. (65, IMI, ENTRADA, CP)

9) “Até agora, as investigações preliminares não conseguiram apurar a presença de humanos [sic]¹⁰⁹ na região.” (...) “Nesses locais não há nem indícios de garimpo, de conflito ou de vestígios da presença humana, de não indígenas.. pegadas, marcas de fogueira não há qualquer elemento específico...”, acrescentou Lopes. (49, IND, INVESTIGAÇÃO PF, CP)

10) Os pedágios indígenas estão retomando em diversas rodovias do Brasil.

A prática que havia paralisado após o assassinato de dois jovens motociclistas em 2015, retornou com bastante intensidade.

Naquela oportunidade, os jovens Marciano Cardoso Mendes, 27 anos, e Genes Moreira dos Santos, 24 anos, foram torturados e depois assassinados com pancadas e tiros. (45, IND, PEDÁGIO, JCO)

Esses exemplos corroboram com os quais vimos nos protótipos de ludibriador e transgressor, presente no apelo à tipologia, vilanizando tanto imigrantes quanto indígenas e construindo, assim, o modelo coletivo em relação aos grupos minoritários como sobre si mesmos. Da mesma forma, no corpus sobre os negros e os movimentos antirracistas, percebemos uma relação similar contrastiva *nós versus eles*, construindo o modelo coletivo do nós como os atributos de ordeiros, cumpridores da lei, em contraposição ao eles, com os atributos de destruidores de patrimônios, subversivos, criminosos e defensores de criminosos, lacradores.

Sobre esse grupo, verificamos também *eles versus as vítimas, defendidos por nós, heróis*, sendo os primeiros aqueles que estariam sendo beneficiados pelos programas de assistência social, principalmente pelas ações afirmativas estudantis – e por esse motivo, com o atributo típico de privilegiados – e os outros pertencentes a outros grupos minoritários e que estariam sendo excluídos, deixados de lado por conta desses programas, como por exemplo, os brancos pobres e os asiáticos, como já visto anteriormente. Notamos que nesse discurso os locutores não se incluem nessa categoria, colocando a si mesmos o atributo de defensores daqueles preteridos pela implantação da política de cotas. Ou seja, há um atributo a si próprios

¹⁰⁹ O advérbio *sic* foi colocado pelo próprio site, indicando a discordância do locutor em relação à opinião. Entretanto, na sequência, quando a pessoa citada diz que não há vestígio da presença humana, não há o uso do referido advérbio.

de justiceiros, de forma concomitante em que há o atributo de prejudicados e sem voz às outras minorias específicas precisando de defensores.

Observamos ainda que há uma associação mais incisiva dos movimentos negros com a esquerda, muitas vezes sugerindo que tais movimentos agem, não com o intuito de cooperar ou defender os direitos dos negros, mas, exclusivamente, com fins políticos e de lucro, corroborando com o protótipo de ludibriadores:

11) Depois da Ambev e Magazine Luíza garantirem que brancos pobres não terão oportunidades de emprego em suas empresas, é a vez da Bayer entrar na onda.

A segregação entre brancos e negros está se tornando algo normal nas empresas que atuam em território nacional.

Não há inclusão ou diversidade, quando brancos pobres, brancos gays, mulheres brancas e toda infinidade, ficam de fora. Isso é o início de uma nova modalidade de segregação racial. (16, NGR, BAYER, EN)

12) Atitudes como a da empresa Magazine Luiza, de só contratar negros para seu programa de trainees, são a definição de racismo e promoção da segregação racial. (14, NGR, MAGAZINE, JCO)

13) A medida, que não terá força de lei, permitirá ao Departamento de Justiça abrir processos e investigar instituições que preservem a política que vem discriminando não só os brancos, como também asiáticos, com suas admissões negadas por universidades. (20, NGR, ASIÁTICOS, CP)

14) Porém, a realidade mostra que, além de discriminatória com os próprios negros — taxados muito injustamente pela esquerda como incapazes para quase tudo —, a política de cotas raciais também vem restringindo a participação de outros grupo* étnicos. (20, NGR, ASIÁTICOS, CP)

É semelhante a antítese verificada por meio do filtro *LGBT* e *gay*, cujos exemplos apresentam esses outros que desejam prejudicar vítimas mais indefesas, as crianças. Tanto as pessoas *LGBTQIAP+* quanto aqueles que defendem a causa são acusados de tentarem transformar as crianças em homossexuais ou transexuais, sendo, dessa maneira, aliciadores ou assediadores de menores e criminosos sexuais. As ações de pessoas desse grupo são repugnadas pelos locutores, os quais assumem uma posição de denúncia em relação às suas referidas práticas, como se confirma nos exemplos abaixo:

15) Em virtude de muitos adultos não mudarem de ideia sobre o assunto, a agenda *LGBT* está sendo empurrada “goela abaixo” nos jovens e crianças, através de meios não convencionais, como programas infantis de TV, séries de TV para adolescentes, comerciais, roupas, calçados, gibis, revistas para adolescentes, filmes de grande sucesso e até mesmo livros de leitura e escolares. (30, LGB, ALVO, CP)

16) Ativistas *LGBT* no Canadá estão pressionando pais a levarem seus filhos para as paradas de orgulho *LGBT*, pois acreditam que isso só pode beneficiar as crianças envolvidas. (34, LGB, PARADAS, CP)

17) De muitas maneiras, o movimento de mudanças sexuais em crianças e adolescentes parece incontrolável e ainda conta com o apoio de escolas, médicos, terapeutas e suas organizações profissionais. No entanto, o número crescente de pais que se levantam silenciosamente em protesto pode fazer a diferença. (33, LGB, PAIS, CP)

18) O vídeo mostra claramente que esses ativistas LGBTs apresentam um conteúdo totalmente impróprio para crianças muito novas. (35, LGB, VÍDEOS, CP)

Pode-se ver que há a ideia de uma pressão para que *a agenda LGBT* seja aceita, ou seja, que as pessoas desses grupos minoritários e aqueles que os apoiam estariam forçando a aceitação de pessoas homossexuais. Além disso, há também o atributo de destruidores de famílias. Uma possível leitura partiria da lógica conservadora da não concepção de um filho no matrimônio entre pessoas entre o mesmo sexo, que seria um atributo típico de uma pessoa homossexual. Os heróis aqui se apresentam como denunciadores inconformados dos atributos desses grupos minoritários.

O termo *minoría*, apesar de trazer poucos resultados pela ferramenta de busca, mostra que ele resume bem a forma como tais notícias colocam atributos aos grupos minoritários: como aqueles que retiram os privilégios dos homens brancos heteronormativos, os quais ressentem o destaque e a atenção dada aos grupos minoritários como também entendem como privilégio as políticas públicas voltadas para eles – não reconhecendo, assim, os próprios privilégios. Além disso, como já observado, mostram-se ressentidos e se veem prejudicados nessa relação. Logo, sua posição nesses artigos, é de *nós, vítimas versus eles, os vilões*, enquadrando aqui os sujeitos pertencentes aos grupos minoritários bem como os governos progressistas que os apoiam, ao custo da perda de benefícios das vítimas da elite e da classe média – a qual se apropria do discurso da elite:

19) A desculpa é a “dívida* histórica”, que será paga indefinidamente até que toda a sociedade esteja igualmente dividida entre brancos e negros. (70, MIN, ÓDIO, EN)

20) Hoje, tenho eu a impressão de que no Brasil o "cidadão comum e branco" é agressivamente discriminado pelas autoridades governamentais constituídas e pela legislação infraconstitucional, a favor de outros cidadãos, desde que eles sejam índios, afrodescendentes, sem terra, homossexuais ou se autodeclarem pertencentes a minorias submetidas a possíveis preconceitos. (68, MIN, BRANCO, JCO)

21) É voltarmos às ruas e reivindicarmos nossos direitos sem temer, é não deixar barato nenhuma acusação infundada. Só assim para acabar de vez com esse abuso. Levantemos enquanto ainda é possível fazer isso! (67, MIN, MAIORIA, JCO)

22) Percebemos, inicialmente, que o preconceito pela cor, pelo sexo, pela religião, pela etnia, pela raça etc., seja ele qual for, deve ser combatido, no entanto, não podemos generalizar e afirmar, categoricamente, que a sociedade brasileira promove uma “matança” ou “genocídio de minorias” – conforme alguns ativistas, artistas, jornalistas e acadêmicos gostam de alardear –, pois, infelizmente, todos os cidadãos brasileiros são discriminados de alguma forma, seja: no

desemprego, na qualidade da educação, na precarização da saúde, na falta de saneamento básico etc. Os problemas são diversos e não estão restritos a determinados grupos sociais. (39, LGB, ASSASSINATOS, EN)

O estabelecimento desse nós contra eles ou da defesa do outro prejudicado e indefeso leva a cabo o ódio a esses *eles* e os determina como os vilões dessa narrativa. Essa crença estereotipada se espalha, atingindo interlocutores que já se identificam com tais crenças, alimenta esse ódio em todos aqueles expostos repetidamente a tais notícias, muitas vezes em diferentes ambientes digitais por meio de *links* que aparecem sem solicitação do usuário em páginas diversas, como nas redes sociais, em aplicativos de conversa, como o *Whatsapp* e o *Telegram*, dentre outros.

Como vimos, os pré-discursos contrastivos aparecem neste corpus como forma de confirmar a desqualificação dos sujeitos dos grupos minoritários e daqueles que os apoiam. As tipologias, de caráter polêmico, constroem uma narrativa que colocam tais grupos em uma posição de transgressores e de ludibriadores. As posições contrastivas na antítese corroboraram com a ideia de desvalorização desse outro sobre o qual se fala, por uma construção estereotipada: todas as feministas são agressivas; todos os negros querem destruir patrimônios; toda a comunidade LGBTQIAP+ quer destruir a família e mudar o gênero das crianças.

Compreendemos a construção das narrativas de oposição são representadas pela dicotomia estereotipada *heróis versus vilões*, ou seja, pela vilanização dos grupos minoritários e daqueles que os defendem e a heroificação daqueles que denunciam, com o intuito de salvar as vítimas dos vilões, sejam eles próprios e seus privilégios, sejam outros sujeitos, os quais eles supostamente devem proteger: as crianças, as outras minorias, etc. Os atributos típicos em construção de cada um dos grupos minoritários corroboram para a produção dos estereótipos e, conseqüentemente, no estabelecimento de crenças e saberes sobre tais grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste tópico, destinado às conclusões finais, abordaremos algumas delas, que não as pretendemos como finais, mas como reflexões que podem se configurar enquanto início para outros pesquisadores, ou de continuidade da pesquisa da própria pesquisadora. Isso se dá por conta da escolha 1) dos diversos questionamentos e alterações de pontos de vista que ocorreram no próprio decorrer da pesquisa, 2) das considerações sobre o corpus e 3) do percurso teórico-metodológico selecionado para a construção desta tese. Esses itens nortearão estas considerações finais.

No que diz respeito ao primeiro item, julgamos ser de suma importância os diálogos realizados com pesquisadores do Reino Unido e do Brasil, mediante as pesquisas desenvolvidas pelo DiscourseNet, em conjunto com o professor Johannes Angermuller durante o estágio realizado em 2020 e por meio das atividades realizadas durante e sobre a pandemia da covid juntamente com o LEEDIM. Tais movimentos possibilitaram uma mudança de perspectiva em relação à pesquisa e ao ato de pesquisar e, como não, de um autoquestionamento sobre a própria posição como observadora de segunda ordem, como uma possível detentora de uma verdade superior à verdade dos participantes de primeira ordem.

Essa modificação nos levou para um posicionamento diferente, especialmente em relação à tomada prévia do corpus como *fake news*. Entendemos que considerar o corpus como tal previamente nos limitaria a confirmá-lo como falso e não estaríamos tratando-o de forma simétrica. Além disso, possibilitou uma visão mais ampla em relação a um corpus que traz notícias com as quais a pesquisadora, pessoalmente, não concorda e as considera absurdas. A verdade, pois, passou a ser vista diferente da Verdade.

Sobre o segundo item, todos os sites se apresentam como portais de informação e, por esse motivo, cria-se uma ideia de legitimidade por meio da sua apresentação. Verificamos também alguns dados estatísticos interessantes: o site que mais apresentou exemplos de indícios de pré-discursos foi o site *Jornal da Cidade Online* com 64 exemplos de pré-discursos identificados. Os sites *Conexão Política* e *Estudos Nacionais* apresentaram 38 e 31, respectivamente. O site *Brasil Paralelo* apresentou 23 exemplos e, devido ao site *Brasil Sem Medo* ter somente uma notícia selecionada, apresentou somente dois exemplos de pré-discursos. Cabe destacar que o site *Brasil Paralelo* apresentou muitos exemplos, considerando a quantidade de notícias selecionadas – somente quatro. Como se pontuou, todos os artigos selecionados são reportagens extensas que pretendem recontar a história de uma forma diferente da apresentada pelos livros de História: uma construção de narrativa, portanto.

Outra consideração importante sobre o corpus é que, em muitos exemplos, haveria uma fonte cujo fato seria comprovado, corroborando com a ideia de veracidade dos fatos apontados. O site *Jornal da Cidade Online*, por exemplo, das 28 notícias levantadas, sete delas apresenta os dizeres *veja o vídeo*, no próprio título, como prova da veracidade. O leitor deve pensar: “oras, se há um vídeo, é verdadeiro!” No entanto, ao clicarmos nos vídeos presentes na própria notícia, verificamos que os vídeos não estavam disponíveis para a visualização. O simples fato de aparecer a referida expressão no título, o leitor que tem acesso à notícia nas redes sociais por meio do título na rolagem rápida de barra – prática conhecida como zapear, realizada pelos internautas nas redes sociais de forma distraída e pouco crítica – e não clicando na notícia, é possível que as crenças e saberes se formem por meio de uma prova factual sequer existente.

Por fim, chegamos ao terceiro item, que trata do percurso teórico-metodológico, nos quais iniciamos com os questionamentos sobre a ideia de Verdade e uma proposta de se realizar uma abordagem simétrica, perspectiva pela qual tanto Angermuller (2018) quanto Paveau (2021) propõem. Enquanto o primeiro pesquisador propõe que os pesquisadores olhem para o corpus e para o próprio texto como construções discursivas, sem compreendê-las hierarquicamente, a segunda propõe que olhemos para todos os elementos, sejam eles linguageiros ou não, de forma simétrica, ou seja, sem também uma hierarquização de tais elementos, privilegiando um em detrimento das outras. Trata-se de uma tarefa árdua e, cientes disso, reconhecemos a dificuldade para realizá-la por todo o trabalho, tendo em vista o capítulo analítico em que privilegiamos a materialidade linguística. Além disso, acreditamos que a análise por meio dos pré-discursos realizada nesta pesquisa reflete sobre como as hierarquias entre conhecimentos e saberes são representados e como as representações são constituídas por práticas discursivas, como propôs Angermuller (2018).

O movimento de se pensar no corpus como nativo da web, considerando uma teoria própria do discurso digital se fez necessária e, por esse motivo, realizamos a descrição das características do discurso da web, a partir de Paveau (2021). Ainda que não fosse o foco desta pesquisa, destacamos a importância da característica da ampliação por meio das redes sociais, em especial no que se refere aos títulos das notícias, os quais compreendemos como fundamentais para a construção dos saberes e crenças dos leitores, principalmente aqueles que são usuários da rede social *Twitter*. É importante lembrar o quanto os aplicativos de conversa, como o *Whatsapp* e o *Telegram* têm papel relevante na ampliação dessas narrativas e quanto elas influenciam nas crenças e saberes dos sujeitos e, conseqüentemente, na tomada de decisões. Vale lembrar que muitas capturas de tela de postagens nas redes sociais são ampliadas por tais aplicativos.

Para os estudos posteriores, consideramos o levantamento de um corpus mais reduzido e que se possibilite a análise ecológica e pós-dualista dos discursos, com a abordagem simétrica, integrando tanto a materialidade linguística quanto os elementos técnicos, enquanto elemento estrutural dos enunciados. Além disso, desejamos analisar os pré-discursos da grande imprensa, como na *Folha de São Paulo* ou na *Carta Capital*, com o intuito de verificar as narrativas construídas nesses ambientes digitais, tendo como foco a ampliação pelos aplicativos de conversa.

Sobre a questão da construção de narrativas, trouxemos para a discussão as diferentes visões sobre a ideia de narrativas, especialmente as realizadas por pesquisadores das ciências humanas, com o intuito de desfazer a ideia de que narrativa significa a construção de notícias falsas como figura no senso comum. Como vimos, as diferentes versões sobre um fato podem trazer consigo evidências documentais e são realizadas por diversos pesquisadores das mais diversas áreas (CHALLOUBI, 2021).

Além disso, tal revisitação é importante e necessária, visto que a história foi contada prioritariamente pelos detentores do poder e possibilitam uma construção identitária, sobretudo das minorias, que não tiveram acesso à escrita da própria história. O movimento, na atualidade é de resistência e de reexistência, como vimos (ALBERTI, 2021). A fim de apresentar as narrativas dominantes, duas pesquisas foram trazidas para colaborar com a questão sobre as suas construções: a narrativa da superioridade da classe média em relação às demais classes (SOUZA, 2019) e a narrativa de heróis e vilões (MENEZES DE SOUSA, 2018). Nesses trabalhos, os autores demonstram como as classes dominantes justificam a posição em que se encontram bem como o motivo da posição desses outros grupos.

É importante ressaltar que a construção de diferentes versões acerca de um fato não é uma novidade. O que é novo e que traz uma certa dificuldade para os estudiosos do discurso é que, com a web 2.0, a construção de narrativas pode ser produzida e espalhada por qualquer internauta em sua rede social. Essa ação pode tomar proporções gigantescas e, em questão de segundos, torna-se muito difícil contestar. E, como vimos anteriormente, ainda que haja um movimento de se desmentir o que já foi dito, sentidos outros são realizados a partir desse dito (MENEZES DE SOUSA, 2018).

Sobre a escolha da teoria abordada para o capítulo analítico, partimos da ideia de que o corpus define o arcabouço teórico – e não o contrário. Por estarmos apoiados na Análise do Discurso, debruçamo-nos sobre a materialidade linguística para observar as crenças e saberes presentes ali. Por isso, ao nos depararmos com o corpus, compreendemos que a teoria dos pré-discursos seria profícua para entender as crenças e saberes presentes nos jornais selecionados.

A escolha de se analisar o corpus por meio deles foi fundamental para se verificar o desenvolvimento da narrativa principal realizada pelos sites quanto aos grupos minoritários. Em virtude disso, decidimos por apresentar vários exemplos, a partir de um corpus extenso e variado tanto no que concerne à escolha dos sites quanto aos grupos minoritários e das várias categorias dos pré-discursos.

A partir da nossa pergunta de pesquisa – quais são as narrativas acerca dos grupos minoritários que emergem, a partir de elementos pré-discursivos em sites, e que circulam na web? – observamos, por meio do que chamamos de pré-discursos tradicionais, incontestáveis e contrastivos, a narrativa principal *vilões versus vilões*, sendo ela o fio condutor que percorreu por toda a análise. Percebemos a construção gradativa e processual dessa narrativa por esses sites com relação aos grupos minoritários por meio dos estereótipos (PAVEAU, 2013) a respeito dos grupos minoritários selecionados, a partir dos atributos conferidos a tais grupos. De forma geral, verificamos que todos os grupos minoritários, de alguma forma, possuem o atributo de transgressores nesses sites.

A construção de narrativas ocorre, então, mediante o ataque constante e repetitivo a esses vilões – incluindo nessa categoria os movimentos sociais e, direta ou indiretamente a esquerda, que apoiam e defendem os direitos das minorias a essa categoria. Os grupos minoritários aparecem como responsáveis pela miséria e pela situação nas quais se encontram, sendo apontados como diferentes e considerados inferiores e, por esse motivo, devem ser dominados ou exterminados. Esse discurso também transmite a crença de que aquele que denuncia – *o nós* – estaria do lado do bem, preocupando-se com a sociedade e os bons costumes (atributos típicos dos heróis); *eles* e *elas*, por conseguinte, seriam a parte prejudicial da sociedade, que corromperiam, que cometeriam crimes e os incitaria.

Ao fazerem o movimento de ascensão social, desejariam assumir um lugar que não lhes caberia, supostamente pertencente, por direito, à elite e à classe média. Os grupos minoritários feririam a existência desses grupos. O ingresso nas universidades, a disputa por cargos altos e bem remunerados, a presença dos sujeitos pertencentes a grupos minoritários nos espaços, antes reservados aos “exclusivos”, são encaradas por eles como um roubo, além de absurdo. Dessa maneira, eles também se concedem o atributo de *vítimas* desses vilões que desejam ocupar seus lugares. Os leitores, por sua vez, a partir de suas crenças também prévias acerca desses sujeitos e de suas filiações ideológicas, aderem a esse discurso, tornando-se uma verdade irrefutável e definitiva (a Verdade), confirmando as crenças que já tinham sobre os grupos minoritários.

Vimos também que mulheres, negros, pessoas LGBTQIAP+ são os que mais foram vilanizados nessas notícias, tendo em vista a predominância de notícias veiculadas sobre esses sujeitos. Os atributos que eles têm em comum são: criminosos, destruidores e aqueles que prejudicam as outras pessoas não pertencentes a seus grupos. Já os indígenas e os imigrantes, além de transgressores, são tratados como estrangeiros e que causam incômodo à população brasileira em geral e, por esse motivo, não deveriam estar em terras brasileiras.

No que diz respeito às especificidades de cada grupo pudemos observar pela materialidade linguística do corpus, que às feministas – leia-se: mulheres – são conferidos atributos de criminosas, descompensadas, desumanas. A narrativa *nós versus elas* é violenta e demonstra o quanto a ascensão social, o direito de ser ouvida e respeitada e de ocupar espaços que por séculos foram destinados aos homens incomoda os grupos dominantes. Logo, há um ataque sistemático e específico às mulheres.

Os negros são retratados por atributos de destruidores de patrimônios e são responsáveis pela política de morte destinada a eles. Já os índios têm atributos de desumanos/não humanos e exploradores. Os imigrantes são retratados como criminosos e que trazem violência, sobretudo para as regiões fronteiriças. A narrativa principal relacionada a esses grupos é a de *nós versus eles*. Nesse caso, o *eles* refere-se a todos os sujeitos que se enquadram nesses grupos minoritários, independente do gênero.

A comunidade LGBTQIAP+ teria como intuito principal a destruição da família e desvirtuar as crianças. Logo, há a narrativa também do *eles versus as vítimas, defendidas por nós, heróis*. Tais vítimas consideradas indefesas seriam protegidas por esses heróis, os quais estariam em favor das crianças e lutando bravamente contra esses vilões que desejariam abusar e transformar as crianças. De modo análogo, verificamos também tal narrativa em relação aos negros, supostamente ocupando lugares que não lhes caberia por meio das ações afirmativas e estariam prejudicando aqueles pertencentes a outros grupos minoritários. O herói aqui aparece como um representante para a defesa e proteção dessas outras minorias prejudicadas.

Por fim, entendemos que isso tem a ver com a construção de narrativas da atribuição histórica dos papéis esperados por determinados sujeitos e a ruptura deles de uma suposta ordem natural das coisas, fazendo deles vilões. A mulher que não quer desempenhar o seu papel e escolhe ser feminista; o negro pobre que deseja ascensão social e não quer desempenhar o papel de força e trabalhos braçais; ou o homem que é gay e opta por não desempenhar o papel de másculo e provedor da família tradicional. O indígena que exige os direitos e não desempenha seu papel de dócil e ignorante. O estrangeiro que escolhe vir para o Brasil em

busca de oportunidades não desempenha seu papel se ele for pobre (já que se ele for investidor, ele é bem-vindo).

Esperamos que esta pesquisa possa fornecer recursos didáticos, em especial para professores do ensino básico para trabalhar com os alunos meios de se questionar uma notícia ou informação nas redes sociais de forma crítica e prévia aos *fact checkers*, os quais não têm recursos de desdizer muito do já-dito, pois as informações verificadas não chegam na mesma intensidade e velocidade que as narrativas chegam por meio de redes sociais e aplicativos de conversa, como o *Whatsapp* e o *Telegram*. Além disso, pudemos observar como as narrativas sobre os grupos minoritários foram construídas a partir da análise de quadros pré-discursivos.

Quando a diversidade chega ao poder, os conservadores – dos próprios privilégios – querem a todo custo retirá-los desse lugar, seja apoiando práticas de apagamento, seja criando narrativas que os coloquem em uma posição de inimigo da sociedade, invisibilizando-os, com práticas e políticas excludentes.

Ao nosso ver, promover e proteger os direitos das minorias não significa diminuir ou desfavorecer outros grupos. Pelo contrário, trata-se de construir uma sociedade que celebra a diversidade, garantindo a todos o acesso a oportunidades, recursos e tratamento justo. Ao reconhecer a igualdade e a dignidade de todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero, raça, etnia, origem ou orientação sexual, construímos um caminho mais justo e inclusivo para as futuras gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **Por uma teoria do poder destituente**. Atenas, Instituto Nicos Poulantzas e Juventude do SYRIZA, 16.11.2013. Entrevista Pública. Disponível em <http://5dias.wordpress.com/2014/02/11/por-uma-teoria-do-poder-destituente-degiorgio-agamben/>. Acesso em: 07 jan. 2023.

ALBERTI, Verena. Narrativas como evidência (histórica e política). In: PEREIRA, Amilcar Araujo (org). **Narrativas de re(existência): antirracismo, história e educação**. Campinas: Editora da Unicamp, 2021.

ALI BOUACHA, Magid. La question générique: statut linguistique et enjeu discursif. In: MOIRAND, Sophie: **Parcours linguistiques de discours spécialisés**. Bern: Peter Lang, 1994.

ANGERMULLER, Johannes. **A verdade na era da pós-verdade: por um Programa Forte** em estudos do discurso. Tradução: Marco Antonio Almeida Ruiz e Renata de Oliveira Carreon. REDIS, São Paulo, n° 7, p. 36-62, 2018.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliane Livia Reis, Glauce Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BLOOR, David. **Conhecimento e imaginário social**. Tradução: Marcelo do Amaral Penna-Forte. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BOUCHARDON, Serge. **Littérature numérique: le récit interactif**. Paris: Editora Lavoisier, 2011.

BUARQUE DE HOLANDA, Sergio. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FALCONI-PIRES, Livia; LOURENÇO, Julia. Twitter ontem e hoje: observações metodológicas críticas. **Revista Heterotópica**, Uberlândia, v. 4, n. esp., p. 38-52, 2022.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade brasileira (o legado da ‘raça branca’)**. São Paulo: Editora Globo, 2008.

GOODY, Jack. **Domesticação da mente selvagem**. Tradução: Vera Joscelyne. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

HALL, Stuart. **Da diáspora – identidades e mediações**. Tradução: Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rüdiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KRIEG-PLANQUE, Alice. **Analisar discursos institucionais**. Tradução: Luciana Salazar Salgado e Helena Boschi. Uberlândia: Edufu, 2018.

LEMKE, Thania. Os riscos da segurança: liberalismo, biopolítica e medo. In: VACCARO, S. e AVELINO, N. (Org.). **Governamentalidade/Segurança**. São Paulo: Intermeios; Brasília: Capes, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Tradução: Freda Indursky. 3. ed. Campinas, SP, Pontes/Ed. Unicamp, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique; CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de Análise do discurso**. Coord. da trad. Fabiana Komseu. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MENEZES DE SOUSA, Kátia. Acontecimento e argumentação no jogo político: a verdade na construção de heróis e vilões. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 16 esp. “Discurso e argumentação na política latino-americana”, p. 182-202, set. 2018.

NOGUERA, Renato; ALVES, Luciana. Infância como narrativa e narrativa da infância. In: PEREIRA, Amilcar Araujo (org). **Narrativas de re(existência)**: antirracismo, história e educação. Campinas: Editora da Unicamp, 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 8 ed. Campinas: Pontes, 2009.

PAUL, Christopher; MATTHEWS, Miriam. *The Russian "Firehose of Falsehood" Propaganda Model: Why It Might Work and Options to Counter It*, in: **Perspectives**, 2016.

Disponível em:

<https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/perspectives/PE100/PE198/RAND_PE198.pdf

f. Acesso em: 18 abr. 2023

PAVEAU, Marie-Anne. **Os pré-discursos: sentido, memória, cognição**. Tradução: Greciely Costa e Débora Massmann. Campinas: Pontes Editores, 2013.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Campinas: Pontes Editores, 2021.

PAVEAU, Marie-Anne. [s.n], 2020. **Ce que la technologie numérique fait aux sciences du langage: Théories, méthodes, outils**. Publicado por Labeurb Unicamp. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IfXRBIZhMM&t=1380s>. Acesso em: 22 mar. 2022.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Orlandi et al. 5 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014 [1975].

PEREIRA, Amilcar Araujo (org). **Narrativas de re(existência): antirracismo, história e educação**. Campinas: Editora da Unicamp, 2021.

PIEROZAK, Isabelle. Les corpus électroniques en sciences du langage: un eldorado?.

L'Internet, corpus sauvage. Tome 2.1. p. 15-32, 2010.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Tradução: Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. 1ª Edição. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Bolsonaro**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

SOUZA, Jessé. **A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade**. Rio de Janeiro: Estação Brasil: 2018.

SCHEGLOFF, Emanuel. Whose Text? Whose Context? **Discourse & Society**, p. 165-187, 1997.

YAHIAOUI, Leila; PRIÉ, Yannick; BOUFAIDA, Zizette. Redocumentation des traces d'activité médiée informatiquement dans le cadre des transactions communicationnelles, **Actes d'IC 2008**, 2008.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ABRIATTA, Vera Lucia Rodela (org). **Leitura: a circulação de discursos na contemporaneidade**. Franca, SP. Unifran, 2013.

AMOSSY, Ruth. **Les idées reçues. Sémiologie du stéréotype**. Paris: Nathan. 1991.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. Tradução: Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2017.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

NEVES, Rafaela Ramos da Silva; KHALIL, Lucas Martins Gama. Pré-construído e pré-discursos: possibilidades de análise a partir da teorização de Marie-Anne Paveau. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 226-243, set-dez/2019.

NEVES, Rafaela Ramos da Silva. **As relações entre discurso e cognição: indícios de pré-discursos nas manifestações de oposição à Dilma Rousseff após a sua reeleição**. Dissertação (mestrado em Letras). Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, p. 212. 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

PAVEAU, Marie-Anne. **Linguagem e moral**: uma ética das virtudes discursivas. Tradução: Ivone Benedetti. Campinas: Editora Unicamp, 2015.

PAVEAU, Marie-Anne. As vozes do senso comum nos discursos sobre a escola. In: PAVEAU, Marie-Anne. **Linguística folk**: uma introdução. Tradução: Mariana Luz Pessoa de Barros e Tamires Bonani Conti. Araraquara: Letraria, 2020. p. 103-127.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

VILELA-ARDENGI, Ana Carolina; VASCONCELOS, Mariane Rocha Camargo. Os quadros pré-discursivos coletivos no discurso de autoajuda para mulheres cristãs: anterioridades que sustentam desigualdades. **Linguagem**, São Carlos, v. 36, p. 82-97, 2020.